

convergência

JUNHO • 1998 • ANO XXXIII Nº 313



convergência

- O ESPÍRITO SANTO E A IGREJA
- O ESPÍRITO SANTO: A LIBERDADE DA VIDA DIVINA NA IGREJA E NO MUNDO
- PRESENÇA SOLIDÁRIA DA VIDA RELIGIOSA NO MUNDO HOJE
- SE O PE. GAILHAC VIVESSE HOJE NA AMÉRICA LATINA — REFUNDAÇÃO E UTOPIA
- CARISMA FRANCISCANO E MODERNIDADE
- CORREÇÃO FRATERNAL

SUMÁRIO

EDITORIAL	257
PALAVRA DO PAPA	260
INFORME CRB	262
O ESPÍRITO SANTO E A IGREJA	264
Pe. Cleto Caliman, SDB	
O ESPÍRITO SANTO: A LIBERDADE DA VIDA DIVINA NA IGREJA E NO MUNDO	272
Pe. Luiz Eustáquio dos Santos Nogueira	
PRESENÇA SOLIDÁRIA DA VIDA RELIGIOSA NO MUNDO HOJE	283
Pe. Paco Almenar, SJ	
SE O PE. GAILHAC VIVESSE HOJE NA AMÉRICA LATINA — REFUNDAÇÃO E UTOPIA	297
Ir. Maria Helena Morra RSCM	
CARISMA FRANCISCANO E MODERNIDADE	303
Frei Silvestre Gialdi, OFM Cap	
CORREÇÃO FRATERNA	311
Pe. Álvaro Barreiro, SJ	

NOSSA CAPA

A ilustração para os próximos anos chama a atenção para a participação e o envolvimento da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) no projeto de evangelização "Rumo ao novo milênio". Trata-se de uma fotografia tomada do mural artístico confeccionado em pedras de variadas cores numa parede interna, junto à capela da sede da CRB Nacional. Inspirado no logotipo escolhido pela Comissão Central da Santa Sé para o Jubileu, presidida pelo Cardeal Roger Etchegaray, a partir de um concurso vencido pela estudante de arte italiana Emanuela Rocchi, o artista plástico José Antonio Abreu, de Igarapé, MG, compôs o mosaico com grande expressão e beleza. Nele se destacam o globo terrestre, os cinco continentes representados pelas pombas, a cruz estilizada e as palavras: CRISTO, ONTEM, HOJE, SEMPRE, sinalizando o anúncio principal do projeto (Pe. João Roque Rohr, SJ).

ASSINATURA PARA 1998:

BRASIL: taxa única

Terrestre ou aérea R\$ 60,00

EXTERIOR: taxa única

Terrestre ou aérea R\$ 85,00

Número avulso (Brasil) R\$ 6,00

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.



convergência

Revista Mensal da
Conferência dos Religiosos
do Brasil: CRB

DIRETOR-RESPONSÁVEL:

Pe. João Roque Rohr, SJ

REDATOR-RESPONSÁVEL:

Pe. Marcos de Lima, SDB (Reg. 12679/78)

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO:

Coordenadora:

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Conselho editorial:

Ir. Afonso Tadeu Murad, FMS

Pe. Francisco Taborda, SJ

Pe. Jaldemir Vitória, SJ

Frei Prudente Nery, OFM Cap.

DIREÇÃO, REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO:

Rua Alcindo Guanabara, 24 • 4º andar

Cinelandia • Tel.: (021) 240-7299

20038-900 • Rio de Janeiro • RJ

DIAGRAMAÇÃO E IMPRESSÃO:

Edições Loyola

Rua 1822 n. 347 • Ipiranga

04216-000 • São Paulo • SP • Tel.: (011) 6914-1922

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do DPF sob o n. P.209/73

"LIBERTAR O ESPÍRITO SANTO"

AXVIII AGO da CRB a realizar-se em julho próximo, deverá debruçar-se sobre o tema da re-fundação da Vida Religiosa. Não é um tema fácil, nem do ponto de vista teórico (teológico), nem nos seus aspectos prático-operativos. Mas a sua atualidade e urgência são inquestionáveis. A questão está posta sobre o tapete e a "política de avestruz", de querer ignorá-la não parece ser a mais acertada. Aliás tal estratégia só consegue agudizar os problemas e protelar, com as previsíveis (e às vezes imprevisíveis) conseqüências, a busca de respostas adequadas ou satisfatórias.

Seja qual for o resultado dos debates na Assembléia, um coisa é certa: Não é possível abordar essa temática sem ter muito presente o personagem principal desta desafiadora empreitada: o Espírito Santo. Num artigo recente, publicado nesta revista o Padre Comblin insistia nesta verdade básica, ou seja, a primazia absoluta da ação do Espírito tanto na origem (fundação) dos Institutos religiosos quanto na obra da re-fundação, e escrevia: "Quanto à nossa responsabilidade, ela consiste sobretudo em libertar o Espírito Santo de todas as cadeias nas quais o mantemos prisioneiro das nossas idéias e dos nossos esquemas preconcebidos, inclusive dentro de leis e regulamentos".

Não é pequena esta responsabilidade e nem é pouco o que supõe assumi-la com todas as suas conseqüências. Mas, é isto que se pede hoje à VR, numa conjuntura particularmente decisiva para o seu futuro.

"Libertar o Espírito Santo" é, antes de tudo, aceitar a imprevisibilidade da sua atuação. É acreditar que Ele "sopra onde quer e como quer". E que, por isso mesmo, na maioria das vezes, seus caminhos podem se tornar para nós surpreendentes e até mesmo desconcertantes.

"Libertar o Espírito Santo" é também admitir a relatividade de nossos conceitos e pré-conceitos, de nossos esquemas e modelos, de nossas buscas e respostas, estruturas e iniciativas. É ainda, abrir mão da nossa renitente tendência a buscar cartesianamente certezas e seguranças, que definam claramente os rumos por onde deve fluir a vida. É capacidade de colocar-se numa atitude de escuta desarmada e humilde dos sinais do Espírito nos sinais dos tempos.

Mas "libertar o Espírito" é sobretudo levar a sério a palavra de Jesus a Nicodemos, quando anuncia a necessidade de um "novo nascimento, pela água e pelo Espírito", para entrar no Reino de Deus (Cf. Jo 3,5). A imagem do "novo nascimento" usada por Jesus sugere obviamente ruptura, despojamento e até mesmo morte. Mas sugere também um novo começo, uma vida recém-estreada, a novidade de estar junto à fonte, às origens, de desabrochar para a eterna novidade da vida, que é Deus mesmo e seu Reino. Só o Espírito pode conduzir os cristãos e cristãs a esse nascimento, Ele que "faz novas todas as coisas", que envia seu sopro vital e todas as coisas são recriadas (cf. Sl 104, 30), que revigora os ossos ressequidos da visão de Ezequiel (cf. Ez 37,1-14) e que unge Jesus

para a grande novidade do Reino: — que os pobres sejam evangelizados. Só Ele pode suscitar na VR a graça e a coragem de aceitar “nascer de novo”, como o grão de trigo que é lançado no seio da terra e irrompe da morte em abundância de vida. Essa graça e essa coragem de “perder” a vida para encontrá-la, como num “novo nascimento” é, sem dúvida, para a VR hoje, o caminho a percorrer para que seus anseios de refundação se façam verdade histórica pela graça do Espírito, “que vem em ajuda da nossa fraqueza”.

Nessa perspectiva de refundação, de vida nova pela graça do Espírito, CONVERGÊNCIA oferece este mês aos leitores um rico material de reflexão, no intuito de contribuir para que religiosos e religiosas nos empenhemos cada vez mais neste processo sempre inacabado de refundar a VR, ou melhor, de aceitar que o Espírito nos conduza, como VR, à perene novidade do Deus criador e recriador de todas as coisas.

O artigo do Padre Cleto Caliman — “O Espírito Santo e a Igreja” — constitui uma profunda reflexão de cunho teológico sobre a relação entre o Espírito Santo e a Igreja, numa “compreensão do Espírito que passa pelo seguimento histórico de Jesus, concretizado na comunidade eclesial, pela articulação tensa e dinâmica entre unidade e diversidade, entre instituição e carisma”. Esta é, sem dúvida, uma questão básica também para a VR como carisma, dom do Espírito, no meio do povo de Deus, e pode ajudar religiosos e religiosas a repensar sua vocação na Igreja, a partir de uma melhor compreensão do Espírito e da sua atuação na inteira comunidade eclesial.

“O Espírito Santo: a Liberdade da Vida divina na Igreja e no Mundo” — é o excelente artigo de padre Luis Eustáquio dos Santos Nogueira. Partindo de uma reflexão sobre o Espírito na comunhão trinitária, o autor aborda questões de sumo interesse e atualidade, tais como a ação evangelizadora do Espírito no mundo; a gestação dos cristãos e da Igre-

ja como obra do Espírito Santo; a experiência cristã da liberdade no Espírito; dons e carismas espirituais. O texto é enormemente apto a provocar nas comunidades uma tomada de consciência mais lúcida da importância que tem para a Vida Religiosa, sobretudo na perspectiva da refundação, o deixar-se guiar pelo Espírito Santo, porque “no caminho orante do serviço libertador, o Espírito nos coloca no autêntico seguimento de Jesus que nos leva com o mundo a Deus Pai”.

O texto do Padre Paco Almenar — “Presença solidária da VR no mundo de hoje” — tem, como ele mesmo indica, um estilo diferente daquele dos artigos comumente publicados em CONVERGÊNCIA. Trata-se de um depoimento do autor sobre sua experiência — que já dura muitos anos — de inserção entre os pobres do Nordeste e Norte do Brasil. A presença solidária da Vida Religiosa entre os pobres e excluídos é um dos subtemas da próxima AGO a ser debatido no grande horizonte da refundação. Nada melhor do que “ouvir” alguém que, há anos, trata de viver essa presença, para dar-nos conta da imensa riqueza de vida e evangelho que essa presença significa e simboliza. O texto do Padre Paco elaborado a partir de perguntas de confrades seus tem a espontaneidade e a beleza de quem conversa e dá testemunho, sem pretensão de impor esquemas nem modelos. Mas tem também a densidade de um processo assumido corajosamente no seguimento de Jesus, o homem solidário por excelência.

Na perspectiva do tema central da próxima AGO, CONVERGÊNCIA deste mês publica dois artigos referentes a carismas fundacionais, no sentido de ajudar a perceber a importância de uma constante “releitura” dos carismas de origem, a partir de nossos sinais dos tempos que o Espírito suscita sempre. O texto de Ir. Maria Helena Morra — “Refundação e Utopia: se o Padre Gailhac vivesse hoje na América Latina” — procura trazer a figura e obra do fundador da Con-

gregação das Irmãs do Sagrado Coração de Maria para o atual momento histórico tratando de destacar a enorme atualidade do eixo vertebrador de seu carisma: “que todos tenham vida”.

O artigo de Frei Silvestre Gialdi — “Carisma Franciscano e Modernidade” — trata de fazer uma aproximação entre o carisma franciscano e a modernidade e pós-modernidade à luz do franciscanismo, para concluir apontando os principais desafios que essa tarefa implica.

“Correção Fraternal, Fundamentos Bíblicos” é o interessante artigo de Padre Álvaro Barreiro. Relembrando a prática antiga na VR da correção fraternal e as formas históricas que foi assumindo no passado, e que a tornaram formal e estéril, o autor procura recuperar essa prática que, segundo ele, apresenta sólidos fundamentos bíblicos. O autor desenvolve seu pensamento a partir do evangelho de Mateus e dos escritos paulinos. As comunidades religiosas encontrarão no texto excelente subsídio para aprofundar uma questão ao mesmo tempo antiga e atual na VR.

"SUSTENTADOS PELO ESPÍRITO, COMUNICAR A ESPERANÇA"

Mensagem do Papa para a Celebração do
32º Dia Mundial das Comunicações
— 24 de maio de 1998 —

Queridos Irmãos e Irmãs,

1. Neste segundo ano dos três que nos conduzem ao Grande Jubileu do Ano 2000, dirigimos a nossa atenção ao Espírito Santo e à sua ação na Igreja, na nossa vida e no mundo. O Espírito é "o guarda da esperança no coração do homem" (*Dominum et vivificantem*, 67). Por esta razão, portanto, o tema do XXXII Dia Mundial das Comunicações Sociais é "Sustentados pelo Espírito, comunicar a esperança".

A esperança com a qual o Espírito sustenta os crentes é principalmente escatológica. É esperança de salvação, esperança do céu, esperança de perfeita comunhão com Deus. Esta esperança é, como afirma a Carta aos Hebreus, "uma âncora para a nossa vida. Ela é segura e firme, é penetrante até o outro lado da cortina do santuário, onde Jesus entrou por nós como precursor" (Hb 6,19-20).

2. Contudo, a esperança escatológica, que habita o coração dos cristãos, está profundamente ligada à felicidade e à realização nesta vida. A esperança do céu suscita uma preocupação autêntica pelo bem-estar dos homens e das mulheres aqui e agora. "Se alguém diz 'Eu amo a Deus', e no entanto

odeia o seu irmão, é mentiroso; pois quem não ama o seu irmão, a quem vê, não poderá amar a Deus, a Quem não vê" (1Jo 4,20). A redenção, com a qual Deus restabelece a relação entre divino e humano, anda a par e passo com o restabelecimento das nossas relações recíprocas; e a esperança que brota da redenção baseia-se nesta dupla cura.

Eis por que é tão importante que os cristãos se preparem para o Grande Jubileu do alvorecer do terceiro Milênio, renovando a própria esperança no advento final do Reino de Deus, e também lendo de modo mais atento os sinais de esperança no mundo que os circunda. Entre estes sinais de esperança encontram-se: os progressos científicos, tecnológicos e sobretudo médicos, ao serviço da vida humana, uma maior autoconsciência da nossa responsabilidade para com o ambiente, esforços para restabelecer a paz e a justiça onde foram violadas, o desejo de reconciliação e de solidariedade entre os povos, em particular no âmbito da complexa relação entre o Norte e o Sul do mundo. Existem também na Igreja muitos sinais de esperança, entre os quais uma escuta mais atenta do Espírito Santo, que sugere a aceitação de carismas e a promoção dos lei-

gos, um empenho mais profundo pela unidade dos cristãos e um crescente reconhecimento da importância do diálogo com as outras religiões e com a cultura contemporânea (cf. *Tertio millennio adveniente*, 46).

3. Os comunicadores cristãos transmitem uma esperança crível, quando são os primeiros a vivê-la pessoalmente, o que só se verifica se forem homens e mulheres de oração. Reforçada pelo Espírito Santo, a oração permitir-nos-á estar “sempre prontos a dar a razão da esperança a todo aquele que interpelar” (cf. 1Pd 3,15). Deste modo, o comunicador cristão aprende a apresentar a mensagem de esperança aos homens e às mulheres do nosso tempo com a força da verdade.

4. Nunca se deve esquecer que a comunicação transmitida através dos meios de comunicação social não é um exercício utilitarista, com a simples finalidade de solicitar, persuadir ou vender. Ela também não é um veículo para ideologias. Os meios de comunicação social, por vezes, podem reduzir os seres humanos a unidades de consumo ou a grupos de interesse em competição entre si, ou manipular telespectadores, leitores e ouvintes como meras cifras das quais se esperam vantagens, quer elas estejam relacionadas com um apoio de tipo político ou com a venda de produtos; são estes fatos que destroem a comunidade. A comunicação tem a tarefa de unir as pessoas e de enriquecer a sua vida, e não de as isolar e explorar. Os meios de comunicação social, se forem usados de maneira correta, podem contribuir para criar e manter uma comunidade humana baseada na justiça e na caridade e, na medida em que o fazem, tornam-se sinais de esperança.

5. “Os meios de comunicação social são de fato o novo **Areopagus** do mundo de hoje, um grande fórum que, empenhando-se da melhor maneira, torna possível o intercâmbio de informações autênticas, de idéias construtivas, de valores sadios e, desta forma, cria comunidade. Por sua vez, isto é um desafio para a Igreja, no seu contato com as comunicações, não só a utilizar os meios de comunicação

para difundir o Evangelho, mas também a inserir a mensagem evangélica na **nova cultura** criada pela moderna comunicação, com as suas **novas linguagens**, novas técnicas e novas atitudes psicológicas” (*Redemptoris missio*, 37).

Os comunicadores cristãos devem receber uma formação, que lhes permita operar de maneira eficaz num ambiente de comunicação desse tipo. Esta formação deverá incluir: uma formação nas habilidades técnicas, uma formação na ética e na moral, com particular atenção aos valores e às normas importantes para a atividade profissional, uma formação na cultura humana, na filosofia, na história, nas ciências sociais e na estética. Mas, em primeiro lugar, ela deverá ser formação para a vida interior, para a vida do Espírito.

Os comunicadores cristãos devem ser homens e mulheres de oração, uma oração repleta de Espírito, homens que estejam de modo cada vez mais profundo em comunhão com Deus, a fim de aumentar a própria capacidade de promover a comunicação entre os seres humanos. Devem ser formados na Esperança pelo Espírito Santo, “o agente principal da nova evangelização” (*Tertio millennio adveniente*, 45), para poderem comunicar a esperança a outras pessoas.

A Virgem Maria é o modelo perfeito da Esperança, que os comunicadores cristãos procuram suscitar em si mesmos e compartilhar com o próximo. Maria “leva à sua expressão plena o anélito dos pobres de Javé, resplandecendo como modelo para quantos se confiam, com todo o coração, às promessas de Deus” (*Tertio millennio adveniente*, 48). Enquanto a Igreja empreende a sua peregrinação rumo ao Grande Jubileu, dirigimo-nos a Maria, cuja escuta profunda do Espírito abriu o mundo ao grande acontecimento da Encarnação, fonte de toda a nossa esperança.

Vaticano, 24 de janeiro de 1998, Festa de S. Francisco de Sales.

Joannes Paulus II

IRMÃS MISSIONÁRIAS DE JESUS CRUCIFICADO CELEBRAM SETENTA ANOS DE FUNDAÇÃO

"MARIA VILLAC, Missionária de Jesus Crucificado! MULHER! Encantadoramente feminina. Mãe, irmã, amiga e serva. Conjugua em sua personalidade ternura e firmeza, bondade e resistência! Bebeu nas fontes da cruz seu amor dos crucificados. Sensível às transformações vividas pelo povo, pela Igreja, em sua época, inicia, com D. Barreto, uma nova era na Missão: — indo em busca dos mais necessitados, nos lugares mais difíceis."

Esta é uma história simples e também bonita, como tantas que já ouvimos, envolvendo coragem, amor, ternura aos irmãos e irmãs em busca do Reino de Deus nas pessoas dos mais necessitados.

Ela teve início na década de 20. Os personagens principais desta história foram um grupo de moças que se uniram para rezar e

fazer visitas aos bairros pobres, levando a catequese através da boa nova do Reino. Grupo este que na época já acreditava numa nova forma de organização na sociedade separatista.

Maria Villac e D. Francisco de Campos Barreto se unem para responder aos apelos da Igreja a partir da Paixão por Jesus Crucificado e pela Virgem Mãe das Dores. Uma paixão tão grande, que gerou desse desejo as Missionárias de Jesus Crucificado, em **3 de maio de 1928.**

Tendo como objetivo principal "ir em busca dos mais necessitados". Isso quer dizer ir aos lugares onde as outras congregações e sacerdotes na época não iam ou não estavam presentes.

Ali nestes lugares, estaria a Missionária de Jesus Crucificado, com a **mística da alegria e da mansidão.** De casa em casa, a missionária, visitando as famílias dos operários e pobres ia conhecendo aquela realidade e aos poucos transmitindo a elas a Esperança do Reino anunciado por Jesus.

É com esse mesmo espírito que vivenciamos hoje o nosso **CARISMA.**

Estamos em todo o Brasil, de norte ao sul, de leste ao oeste — no campo e na cidade, nas favelas e cárceres, nas várias pastorais da Igreja da América Latina e África. Abraçando cada vez mais a luta dos excluídos da Sociedade como: povos negros e indígenas, mulheres e operários, idosos, jovens e

crianças... Sonhando com a libertação para uma nova cidadania no campo e na cidade.

D. Barreto sonhou com o "além mares". Ele não viu, mas o seu sonho se tornou realidade. Em 1977, as Missionárias deixaram o Brasil para trabalhar em Angola, na costa ocidental da África. Logo depois chegaram à Bolívia, Chile, Equador, Nicarágua e Paraguai. Em 1996 atravessaram a África rumo a Moçambique, na costa oriental do continente. Um grupo de cinco irmãs negras fixam morada em Murrupula, diocese de Nampula, um país arrasado após vinte anos de guerra. A caminhada além mares continua desta vez na diocese de Canelones, no Uruguai, onde três irmãs armaram sua tenda.

No Brasil abraçamos as áreas da Amazônia Legal, periferias das grandes cidades e cidades com características rurais. Tanto no campo como nas favelas onde vivem posseiros ou sem terra, pois é aí que estão os **mais necessitados** de hoje.

Somos hoje um grupo de mais de mil Missionárias na América Latina e África,

seguindo as pegadas de nossos fundadores, buscando ser fiéis ao Espírito que sempre nos convoca à mudança para realizar os desígnios de Deus.

Na grande festa da alegria do ano jubilar da Congregação das Missionárias de Jesus Crucificado, sentimos ressoar em nossos ouvidos as palavras de Maria Villac e D. Barreto, que sempre diziam: "As Missionárias devem andar sempre adiante, com sol ou com chuva, de noite e de dia, onde for solicitada, tendo sempre um *pé em casa e outro na rua*". Diziam também que não era para ficarmos quietas em quatro paredes. Devíamos visitar os pobres, operários, casa por casa, ensinar catecismo sobre tudo nos lugares mais difíceis. Jamais deixamos de trabalhar com os operários(as).

Nestes 70 Anos com as alegrias do Ressuscitado queremos louvar e pedir ao Deus da Vida, a força e coragem de continuarmos fiéis ao amor primeiro. E que as nossas e os nossos antepassados nos protejam nesta caminhada!!

O ESPÍRITO SANTO E A IGREJA

Pe. Cleto Caliman, SDB

O grande desafio da Igreja na passagem do milênio nada mais é do que renovar na própria fonte, o Espírito Santo, a coragem apostólica. Superar todo medo frente ao mundo em transformação.

O projeto de evangelização da Igreja Católica no Brasil, em preparação para o grande Jubileu do ano 2000, reserva o ano de 1998 ao Espírito Santo, sua ação no mundo, na Igreja e no coração dos fiéis. O desejo do Papa João Paulo II, manifestado em sua carta apostólica "Tertio Millennio Adveniente", de novembro de 1994, é de celebrar, com o renovado ardor missionário que a data merece, o nascimento do Filho de Deus. Essa preparação visa justamente renovar a comunidade cristã na plena adesão à fé no mistério pleno da Trindade Santa, revelado em Cristo. Deste ponto de partida da fé eclesial é que realmente se pode esperar um novo compromisso dos batizados com o Evangelho do Reino, anunciado por Jesus no poder do Espírito.

Este ano certamente vai nos introduzir numa compreensão mais aprofundada da ação do Espírito Santo no mundo, em cada pessoa humana e em cada um dos seguidores de Jesus Cristo. Cremos firmemente que o Espírito Santo gera no coração dos batizados sempre novas formas de seguir a Jesus Cristo. Entre essas formas encontramos a Vida Reli-

giosa como sinal do dinamismo do Espírito no coração da Igreja. Na América Latina, na verdade, a Vida Religiosa esteve presente desde os seus albores. Hoje ela faz parte da própria vida e consciência das Igrejas particulares do continente, enriquecendo-as com a vivência dos variados carismas.

Entre os muitos aspectos a aprofundar, um dos mais importantes é a relação entre o *Espírito Santo e a Igreja*. Essa reflexão se faz necessária como parte do esforço para superar muitos equívocos quer referentes à compreensão do Espírito Santo e de sua experiência na vida quotidiana dos batizados quer quanto à própria compreensão da comunidade eclesial, de sua presença no mundo e de sua missão. Além disso, à medida em que a Vida Religiosa aprofunda a relação do Espírito Santo com a Igreja, cresce nela a fidelidade à inspiração carismática que lhe é própria, ajudando-a a aprofundar a dimensão eclesial específica.

Numa Igreja fortemente hierarquizada o que mais aparecia ao olhar do observador é que o clero exercia o monopólio do Espírito Santo e de seus carismas. Mas no decorrer especialmente do século 20 — o assim chamado século da Igreja — muita coisa mudou. Os vários movimentos de renovação nos fizeram compreender melhor a Igreja como comunidade dos fiéis, ungidos pela graça do batismo, como comunidade de vocações, carismas e ministérios, em vista do Reino de Deus. O Concílio Vaticano II deu impulso a esse movimento renovador com uma visão da Igreja a partir do batismo e a doutrina sobre os carismas (cf. LG cap. II; 12c).

No final desse século — e do milênio — a situação parece inverter-se. De fato, a con-

centração na estrutura jurídica cede cada vez mais espaço à liberdade do Espírito dentro da Igreja, a despeito de certas tendências de retorno ao passado. Cada vez mais grupos reivindicam como própria a experiência do Espírito e o exercício de seus dons, como forma de seguir Jesus Cristo, de ser cristão. Em muitos grupos os carismas são até ansiosamente desejados; mais, até presumidos. Há os que buscam mais: querem dons espetaculares como manifestação estrondosa do Espírito, como prova de uma relação privilegiada com ele.

Essa explosão carismática na Igreja, é claro, não pode ser analisada apenas sob o ponto de vista eclesial, interno à vida da Igreja. Há uma nova conjuntura planetária, gerada pela crise da modernidade, em seus vários aspectos, pelas transformações do Leste europeu, pela nova revolução tecnológica em curso, entre outras coisas. A onda carismático-pentecostal chega justamente numa época em que as instituições tradicionais estão enfraquecidas pela crítica constante a que estiveram submetidas nos tempos modernos. Como instituição histórica a Igreja se vê debilitada, abrindo enormes espaços para eclosão dos carismas, algumas vezes até de forma anárquica, sem a exigida submissão à ordem eclesial, suscitada pelo mesmo Espírito.

Por outro lado, não é menos significativo o fato de que a atual busca da experiência do Espírito responde às novas formas de experiência da subjetividade, manifestadas nessa nova fase da modernidade no final desse século, que alguns estão chamando de pós-modernidade. Na mudança epocal que estamos vivendo, a nova experiência da subjetividade tem como núcleo não mais a razão crítica e histórica, mas a emoção, o cuidado de si mesmo, a busca do prazer de viver, do estar bem consigo mesmo. Neste quadro, a religião que é buscada é a religião da emoção, do cuidado de si mesmo, do prazer de viver e de estar bem com a vida. A experiência que é buscada é a que chega com esses ingredientes muito humanos, com boa dose de individualismo e de narcisismo. Tudo isso em nome do Espírito Santo!

Esse quadro nos sugere, por isso mesmo, uma reflexão sobre alguns pontos que nos

ajudem a compreender melhor a relação do Espírito Santo com a Igreja, entendida como comunidade de batizados. Essa reflexão visa justamente superar certos traços individualistas e narcisistas dessa assim anunciada "era do Espírito", oferecendo-lhe uma compreensão do Espírito Santo que passa pelo seguimento histórico de Jesus, concretizado na comunidade eclesial, pela articulação tensa e dinâmica entre unidade e diversidade, entre instituição e carisma, em vista da missão evangelizadora. Seguem alguns pontos de reflexão.

1. A IGREJA COMO OBRA DO ESPÍRITO

A Igreja é, antes de tudo, obra do Espírito. Evidente que ela não pode ser considerada como mera obra humana. Ela é graça e expressão histórica da graça. Mas a graça de que se fala aqui não pode ser entendida "graça de Cristo" sem o Espírito. O esquecimento do Espírito é, talvez, a maior lacuna da eclesiologia do Ocidente. Por isso mesmo ela é freqüentemente acusada de "cristomnismo". Ela acentuou, ao longo da história, a presença e ação de Cristo na origem e desenvolvimento da Igreja, deixando na penumbra, ofuscada, a presença e ação do Espírito. Isso constitui certamente um desequilíbrio doutrinal, fruto da prática eclesial do Ocidente, que sublinha a instituição jurídica em detrimento da liberdade carismática. Na verdade, o agir de Deus no mundo é o próprio Espírito. Ele conduz homens e mulheres, culturas e povos para a realização do projeto do Pai. O próprio Jesus age no poder desse Espírito que faz novas todas as coisas.

É fundamental, pois, buscar as raízes mais profundas da Igreja no mistério trinitário. Afirmar o enraizamento da Igreja na vida e obra histórica de Jesus de Nazaré ainda não é tudo. A própria vida e obra histórica de Jesus não tem explicação em si mesma, mas no mistério trinitário que transborda para o mundo na forma de "comunhão missionária", ou seja, o mistério do Deus cristão não se esgota nele mesmo, mas se exprime no envio missionário do Filho e do Espírito para

a libertação do mundo. Assim é que Deus age desde sempre e em toda parte no hoje de cada geração. A Igreja nada mais é do que sinal privilegiado desse envio missionário para nós, na força do Espírito de Jesus Cristo.

O que Jesus é para nós vem do Pai pelo Espírito. Este o acompanha em sua jornada terrena. O que Jesus faz é dar testemunho desse amor transbordante da Trindade, que chega até nós. De fato, na Trindade, a comunhão entre as três pessoas divinas se torna possível pelo dom que é comum a elas, que é o dom do amor. Por esse amor misericordioso, testemunhado por Jesus na força do Espírito, a história é recriada a partir da solidariedade e da comunhão. Assim nos tornamos “nova criatura”.

Por isso que a tradição sempre afirmou que a Igreja é fruto da missão do Filho e do Espírito. Essa história de Deus no mundo e para o mundo se fundamenta na intenção salvífica do Pai, desde sempre, e tem início no tempo pela Encarnação do Verbo. O testemunho do amor salvífico e libertador de Deus chega ao seu ápice na plena articulação entre o mistério da cruz e ressurreição e do envio do Espírito. A plenitude da obra de Jesus Cristo é o Espírito Santo derramado no coração dos fiéis, como princípio da comunhão que nos faz Igreja. Pode-se dizer que a Igreja é o acontecimento do Espírito de Jesus Cristo em nós e entre nós.

Assim dizendo, quer-se afirmar, primeiro, que a Igreja como comunidade dos batizados não existe sem a vida, paixão, morte e ressurreição do Filho de Deus; segundo, que ela não existe sem a manifestação do Espírito enviado pelo Pai e pelo Filho em Pentecostes.

No acontecimento do Espírito de Jesus Cristo, em Pentecostes, a comunidade dos discípulos de Jesus sai animada de coragem apostólica para a missão. Adquire assim visibilidade histórica, justamente quando o Espírito é experimentado como dom dos últimos tempos (cf. At 2, 1-36). Dizendo de outra forma, o Espírito constitui a Igreja na história como grandeza escatológica: sinal e instrumento da consumação dos tempos em Cristo. Neste contexto, a Igreja se revela não como uma espécie de apêndice da ação do Espírito, mas como cria-

ção do Espírito. Ele mesmo, como Espírito operante no mundo, cria um espaço histórico privilegiado — que chamamos Igreja, comunidade dos batizados — onde opera a obra de Deus por excelência, a salvação.

Se prestarmos bem atenção, o *Credo* apostólico, que recitamos nas nossas celebrações eucarísticas, une a fé no Espírito à fé na Igreja. “Creio no Espírito Santo, na santa Igreja católica...” Isso significa que não se pode acolher Cristo e o Espírito como dons inefáveis do Pai sem aceitar a sua obra por excelência, a Igreja. Aceitar a Igreja faz parte da nossa fé em Deus. Ser nela recebido, acolhido, é graça que nos faz “povo de Deus”, “corpo de Cristo” e “templo do Espírito Santo”.

2. O ESPÍRITO SANTO E O SEGUIMENTO DE JESUS

A referência ao Espírito abre o horizonte da Igreja àquela liberdade que a faz nova, livre e criativa em todos os tempos e lugares. Afirmar isso, no entanto, não significa compreender o Espírito como algo solto, sem exigências, sem compromisso, apenas para nosso gozo interior e para a satisfação de necessidades religiosas de ordem subjetiva, mesmo legítimas do ponto de vista humano. O Espírito Santo, na visão bíblico-cristã, está ligado à transformação do mundo, ou seja, à superação da injustiça, do pecado, do mal no mundo. Daí a necessária referência a Jesus de Nazaré, o Cristo e Senhor, como critério do ser cristão no mundo. Não falamos de qualquer Espírito, mas daquele que nos compromete com Jesus, sua pessoa e obra histórica, e que nos chama a segui-lo. O *caminho* de Jesus nos orienta para a missão e nos compromete com o próprio projeto de Deus. Por isso mesmo, o Reino de Deus é o centro da vida e da pregação de Jesus e da Igreja.

Somos convidados a participar, por graça, do projeto de Deus ao acolher a fé. O mesmo chamado à fé nos chega pela voz do Espírito. Ele é o evangelizador invisível que prepara o coração dos homens e mulheres para acolher a Palavra da vida e responder com a fé. De fato,

o Espírito dá testemunho no coração dos fiéis do mistério trinitário. Esse mistério não é algo vazio de sentido, mas a plenitude do amor entre o Pai e o Filho, que é o Espírito. Por isso, Agostinho afirmava que o Espírito Santo é como que “a comunhão inefável entre o Pai e o Filho”. A partilha que Jesus faz conosco dessa comunhão íntima com o Pai e o Espírito nos constitui seus seguidores, como testemunhas dessa comunhão de vida no mundo. Essa partilha da comunhão trinitária nos une como fiéis no caminho de Jesus e une as comunidades cristãs entre si, ou seja, essa partilha da comunhão trinitária em Cristo Jesus nos faz Igreja.

A fé cristã, assim vivida e refletida, nunca pode ser uma fé vivida apenas na intimidade do indivíduo, no espaço privado, como se fosse possível viver plenamente a fé cristã destituída de sua dimensão pública e transformadora do mundo. Essa afirmação implica noutra: não é possível viver plenamente a fé cristã *sem Igreja*, ou seja, sem o sinal visível e historicamente eficaz do poder do Senhor ressuscitado. Deve ficar claro, pois, que a fé cristã sempre há de implicar duas coisas inseparáveis: primeiro, ela sempre tem a ver com o reconhecimento do outro, o próximo, como irmão, sem discriminação de raça, sexo, condição social...; segundo, ela é sempre fé eclesial, ou seja, envolve, por ela mesma, a pessoa e a comunidade contra todo individualismo e narcisismo.

Por isso a tradição cristã sempre atribuiu ao Espírito a tarefa de gerar e alimentar a fé *comum* como resposta à Palavra de Deus. Pode-se afirmar, pois, que sem o Espírito não há fé em Jesus Cristo.

Entra, assim, o Espírito na vida dos batizados e da comunidade dos fiéis como *libertador*. Por ele somos libertados de nossos próprios limites, da nossa falta de horizontes e de perspectivas, de nosso pecado. Colocando-nos em comunhão de vida e de destino, suscita em nós a força necessária para a transformação do mundo. Ele é, por isso mesmo, o Espírito da profecia, antecipador da plena realização do fiel, da comunidade cristã e de toda história humana em Deus.

O Espírito de Jesus Cristo edifica a Igreja como comunhão e solidariedade histórica, como dinamismo gerador de unidade entre os fiéis e entre as Igrejas (comunidades de fiéis) que vão nascendo pela história afora. A Igreja é assim edificada como comunhão de Igrejas, como comunidade de comunidades. Assim constituída no poder do Espírito, a Igreja é realmente sacramento, ou seja, sinal e instrumento da salvação (cf. LG 1).

Dizendo isso de outro jeito: a experiência do Ressuscitado como ponto de partida da fé pascal não pode, de forma alguma, ser dissociada da experiência do Espírito em Pentecostes. Não são, na realidade, duas experiências, mas uma só e mesma experiência do mistério de Cristo. Essa experiência nos leva a viver a plena comunhão com Deus e com os irmãos, ao mesmo tempo que nos compromete com o mandato de Cristo de pregar a Boa-Nova a todas as nações, em vista do Reino.

Enfim, separar Páscoa e Pentecostes seria o mesmo que separar a missão do Filho e do Espírito, como se fossem duas ações paralelas de Deus em favor do mundo. Ao contrário, essas missões são melhor compreendidas como “missão” conjunta do Filho e do Espírito. Elas têm a mesma origem, O Pai; o mesmo objetivo, a salvação como obra conjunta da Trindade Santa.

3. UNIDADE E DIVERSIDADE TÊM SUA RAIZ NO MESMO ESPÍRITO

O discurso sobre a unidade e a diversidade na Igreja hoje não está isento de ambigüidades. Aparece, muitas vezes, dissociado de uma abordagem teológica coerente, como se unidade e diversidade fossem dimensões resultantes apenas de sua realidade histórica, prisioneiras de uma compreensão sociológica, corolários do exercício do poder na Igreja, entendida apenas como instituição social.

Vista apenas sob o ângulo histórico, numa sociologia da instituição, a Igreja se apresenta como resultante do exercício do poder his-

tórico e de seus objetivos. É próprio da instituição disciplinar pessoas e grupos dentro dela, orientando-os para o que ela entende como sua missão. No entanto, a Igreja não pode ser compreendida apenas sob esse ângulo. Ela é, acima de tudo, realidade da fé que obtém seu pleno sentido no horizonte das realidades últimas e definitivas da existência humana, ou seja, no horizonte de Deus.

Nesse horizonte, unidade e diversidade são igualmente dimensões originárias da Igreja. Elas já chegam na sua raiz divina trinitária. De fato, há uma relação intrínseca entre a comunhão trinitária e a comunhão eclesial. Essa relação é estabelecida pelo dom que é comum que, de maneira analógica, diz respeito tanto à Trindade quanto à Igreja. Esse dom comum é o Espírito Santo. Ele é o fio que une as três pessoas numa unidade que não anula a diferença entre as pessoas divinas e, ao mesmo tempo, faz reconhecer a identidade específica de cada uma delas.

Da mesma forma, a comunhão eclesial, resultante da efusão do Espírito, é produzida pelo dom do Espírito. Há uma diferença entre a relação do Filho e do Espírito com a história. No mistério da Encarnação o Verbo eterno se une a um sujeito histórico concreto e único, formando uma identidade historicamente reconhecida, Jesus de Nazaré, confessado como o Ungido de Deus, ou seja, o Messias e Senhor. Já o Espírito Santo se revela como dom partilhado à multidão dos fiéis. Como afirma E. Mühlen, ele é “uma pessoas em muitas pessoas”. Cada uma delas é reconhecida em sua diferença, em sua alteridade. As pessoas não são iguais entre si, mesmo as pessoas que professam a fé em Jesus Cristo. Elas são diferentes umas das outras. Mas pelo Espírito Santo formam uma comunhão tão profunda que elas são um só “corpo” do Senhor. Nesse corpo vivo cada qual preserva sua maneira de ser e, ao mesmo tempo, concorre para a edificação da comunidade, no exercício de sua própria liberdade resgatada. O fio que une os membros da Igreja em comunidade de irmãos é, pois, o **Dom** de Deus à Igreja, o Espírito.

Neste ponto é importante distinguir, sem separar, comunhão *eclesial* de comunhão *hierárquica*. A comunhão eclesial é decorrência imediata da ação do Espírito Santo em cada um e no conjunto dos batizados. A docilidade a essa presença do Espírito de Jesus Cristo resulta no mistério da comunhão, dom inestimável repartido na comunidade dos fiéis. Essa comunhão eclesial mais profunda antecede e, de certa forma, fundamenta a comunhão hierárquica, colocando-a a serviço do bem maior da comunidade dos fiéis, para que possam aprofundar sua fidelidade à missão. A Igreja enquanto toda ela ministerial, a serviço do Evangelho, tem o dever de se organizar para que sua ação no mundo, como comunhão de dons, carismas e ministérios seja eficaz para a causa do Reino de Deus. Os servidores do Evangelho na Igreja, em qualquer nível de atuação, devem submeter-se à ordem necessária querida pelo mesmo Senhor e seu Espírito em benefício de toda a família humana.

Em suma, podemos dizer ainda que a Igreja, enquanto corpo histórico que manifesta a vontade de Cristo, não resulta apenas do princípio cristológico, tomado como fundamento da unidade da Igreja, deixando a dimensão da diversidade para o princípio pneumatológico. Isso significaria criar de novo o dualismo que queremos superar. Uma compreensão coerente com os princípios da fé cristã, deve articular a dimensão cristológica e pneumatológica, formando como que um único princípio gerador da Igreja, sacramento da ação de Deus na história humana. Noutras palavras, isso quer dizer que a unidade na Igreja não anula a diversidade, e vice-versa, a diversidade não anula a unidade. Uma e outra dimensão, no dinamismo da fé, concorrem para fazer a Igreja cada vez mais fiel a seu Fundador. Enfim, não se explica a origem da Igreja em Cristo sem o Espírito nem a origem da Igreja no Espírito sem Cristo.

O Concílio Vaticano II, consciente dessa dialética entre unidade e diversidade, retoma a inspiração pneumatológica da compreensão patrística da Igreja como “comunhão de Igrejas”. A Igreja é una e ao mesmo tempo plural.

Só na diferença, na pluralidade é que se diferenciam e se expressam as Igrejas locais. Elas são, na sua diversidade, a Igreja "católica", "universal". Elas expressam num determinado espaço humano o projeto de Deus para pessoas e grupos humanos concretos (cf. LG 23).

Nesse ponto é oportuno manter a tensão entre unidade e diversidade, entre a dimensão cristológica e pneumatológica: nem a precedência da unidade em relação à diversidade, nem a precedência da diversidade em relação à unidade. Ambas as dimensões são originalmente radicadas no mesmo Espírito que opera no corpo de Cristo, a Igreja, numa dialética de "edificação" da Igreja como comunhão. Não se trata de um "equilíbrio" que funcionalmente manteria a casa em ordem, mas de uma tensão gerada pelo Espírito, capaz de superar interesses subjetivos, particulares, entre os membros da Igreja, pelo reconhecimento das diferenças, da alteridade entre pessoas e grupos, pelo diálogo, em vista da missão.

Na fé e pela fé chegamos assim a uma compreensão mais profunda da Igreja como espaço privilegiado da ação do Espírito no mundo. Apesar das divisões e separações empíricas, das fraquezas e do pecado, a Igreja é **una na diversidade** de pessoas, grupos e comunidades, por obra do Espírito Santo. Ela continua misteriosamente como o único povo de Deus, o único corpo do Cristo, sacramento da única comunhão trinitária.

4. O ESPÍRITO COMO FUNDAMENTO DA INSTITUIÇÃO E DOS CARISMAS

Já nos referimos acima à relação entre instituição e carisma na Igreja. Essa continua sendo uma questão de inegável atualidade. Trata-se de compreender a Igreja não apenas no nível histórico, mas também teológico, ao mesmo tempo como instituição e carisma. É na articulação dessas duas dimensões que ela é realmente expressão da ação de Deus no mundo.

Nessa tarefa há, no entanto, uma dificuldade. As estruturas eclesiais, mesmo divinamente originadas, são desenvolvidas na história e sociologicamente condicionadas. Frente à razão crítica caem sob suspeita ideológica. Não há como fugir a essa questão, especialmente nos dias de hoje. Como superar essa dificuldade? O caminho a seguir consiste justamente na leitura *teológica* da dimensão institucional da Igreja. Como pressuposto, devemos afirmar que essa leitura não pode e não deve legitimar expressões ideológicas que se manifestam nas diferentes figuras históricas da instituição. Essas figuras históricas ou modelos de Igreja assimilam formas de exercício do poder histórico próprias de cada tempo e cultura. Esse é um limite e, ao mesmo tempo, condição para existir no mundo. Uma leitura teológica da instituição, por isso mesmo, se torna ponto de partida para purificar as figuras históricas da Igreja. Não se pode fugir do esforço de definir um referencial crítico para o discernimento na Igreja, sob pena de nos tornarmos prisioneiros das diferentes formas históricas, dos diferentes modelos de Igreja. Seria cair no fatalismo eclesiológico: na Igreja não há mudança possível!

Para sair desse fatalismo eclesiológico é fundamental considerar a dimensão institucional integrada na própria compreensão da Igreja como sacramento da comunhão com Deus. Na raiz divina da Igreja está implicada a dimensão histórica como corpo social, sacramento do mistério de Deus no mundo. Por isso mesmo, a afirmação de que o Espírito Santo se manifesta na Igreja pelos carismas é deficiente. Deve ser complementada. Na verdade, o Espírito Santo, como ação de Deus na Igreja, se expressa na sua **totalidade**, enquanto Igreja visível e invisível, instituição e carisma. Não apenas os carismas mas também os elementos institucionais da Igreja manifestam o dinamismo do Espírito (cf. LG 8a).

Assim pensada, a dimensão institucional da Igreja se apresenta como sinal histórico e eficaz de uma **identidade** cristã produzida pelo Espírito. Vimos acima, na reflexão sobre origem da Igreja, que o Espírito do Ressuscitado é sempre o Espírito de Jesus de Nazaré, o

Crucificado. Isso faz parte essencial da identidade cristã, como sua "marca" que não pode ser anulada. Trata-se de uma identidade que não nos tira da história, mas nos faz solidários e comprometidos com todos os demais seres humanos na transformação do mundo.

A identidade cristã, desse modo, não pode ser compreendida como identidade estática, pronta, acabada, como uma mercadoria que se adquire pelo batismo, como se fosse um "carimbo", uma "griffe". Ela deve ser constantemente buscada, na obediência ao Espírito, no seguimento de Jesus, no seu *caminho* de vida e destino. Ela é uma identidade dinâmica, sempre em processo até a consumação.

Sem a dimensão institucional, a identidade cristã seria abstrata, distante do cotidiano, correndo o risco de tornar-se uma forma anárquica de experiência de fé. Isso acontece quando critérios subjetivos para definir as normas de vida, a vivência eclesial e as regras da fé prevalecem sobre a herança comum da tradição eclesial. Por outro lado, sem o dinamismo carismático, a Igreja se transforma em instituição burocrática, preocupada em se reproduzir e se autopromover.

Se a presença operante do Espírito de Jesus Cristo produz uma identidade histórica confessante, expressa historicamente pela instituição eclesial, ela produz também a unidade entre os fiéis e as comunidades cristãs. A dimensão institucional é, pois, sinal daquela **unidade** produzida pelo Espírito, que introduz os fiéis e as várias comunidades de fiéis na "Comunhão dos Santos". A Comunhão dos Santos faz parte da profissão de fé. Por ela se indica, por um lado, a profunda unidade entre os que foram santificados pela graça do batismo; por outro, a partilha dos bens do Reino.

Por fim, a dimensão institucional da Igreja, sob o dinamismo da fé e da Palavra de Deus, é sinal eficaz da **libertação** operada pelo Espírito. O Espírito de Jesus Cristo se une a nós para superar a nossa fraqueza e indigência. Não podemos por nós mesmos assegurar a salvação. Ele nos liberta da busca da salvação por nós mesmos, abre-nos ao

mundo de Deus, ao seu projeto de amor, faz-nos sair de nós mesmos para tomar o caminho de Jesus.

Numa sadia compreensão da Igreja não há carisma sem instituição, nem instituição sem carisma. A relação entre essas duas dimensões da realidade eclesial é a relação que existe entre letra e espírito. A letra sem espírito é morta. O espírito sem a letra não tem como se expressar e se articular historicamente. Do mesmo modo, o carisma sem a instituição eclesial não tem como se expressar. Não tem base para alimentar a chama que ele acende no coração do discípulo de Jesus. O carisma precisa de estruturas históricas para expressar o dinamismo do Espírito. A instituição sem o carisma corre o risco de se transformar numa realidade vazia, meramente burocrática, sem força histórica.

O importante é manter a tensão dinâmica e criativa entre carisma e instituição, buscando a fonte originária de ambos no acontecimento do Espírito de Jesus Cristo.

5. O ESPÍRITO NOS COMPROMETE NA MISSÃO

Como conclusão, é útil reafirmar o significado pleno da missão do Espírito, superando interpretações subjetivas da experiência do Espírito Santo. Antes de mais nada, é importante distinguir o Espírito Santo de sua experiência. O Espírito desde sempre é comunicação de Deus no mundo e para o mundo, conduzindo a história para o conhecimento da Verdade plena (cf. Jo 16,13). A ação do Espírito não tem limites, ele age como quer, quando quer e onde quer.

A experiência humana do Espírito, no entanto, é sempre parcial. Ela é vivida no limite da apreensão subjetiva do fiel, tem seus condicionamentos históricos, culturais e humanos próprios da criatura. A experiência do Espírito deve, pois, ser constantemente submetida ao Evangelho de Jesus Cristo, como norma suprema que deve orientar a própria vivência

subjetiva da fé. Deste modo é possível superar a alienação que pode estar implicada em certas formas de busca de experiências do Espírito sem os parâmetros da tradição da fé e da atualização do mistério da Igreja no mundo de hoje (cf. LG 12 c).

Para verificar a autenticidade da experiência do Espírito não se pode ficar apenas nos critérios de evidência subjetiva, absolutizando a subjetividade crente. É preciso confrontar-se com a comunidade de fé. O Cristo e o Espírito estão na comunidade de fé, como seu único princípio gerador de vida e santificação. Esse princípio de objetividade para a fé cristã tem como ponto de partida, na feliz expressão de Paulo VI, “o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o Reino, o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus” (EN 22).

Na comunidade dos fiéis o Espírito é desde sempre o princípio dinâmico do testemunho. Ele é o ator principal da ação evangelizadora no mundo. Ele leva adiante a mis-

são, corrigindo desvios, alimentando o ardor missionário, suscitando a ação profética dos batizados e das comunidades.

Em Pentecostes o Espírito manifesta a Igreja aos povos, faz com que os discípulos vençam o medo, suscita o ardor pela pregação do Evangelho de Jesus Cristo. Hoje, no limiar de um novo milênio cristão, a Igreja continua sendo sacramento da ação transformadora do Espírito. Ela suspira pela continuidade de sua obra em novos tempos, frente a novos desafios. É ele que pode transmitir aquela “energia” que faz superar o medo frente ao mundo em transformação. O grande desafio da Igreja na passagem do milênio nada mais é do que renovar na própria fonte a coragem apostólica. Um novo Pentecostes impulsionará a Igreja na missão, com o olhar atento ao futuro, sem medo de jogar para o “museu” da história expressões culturalmente ultrapassadas da fé. O passo a dar é abrir-se docilmente à ação do Espírito que torna possível a missão.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. No seguimento de Jesus hoje, como VR, que significa deixar-se guiar pelo Espírito Santo, como espírito de profecia, de liberdade, de comunhão?
2. Como, a partir da atuação do Espírito Santo na Igreja, o texto distingue e re-

laciona a comunhão eclesial e a comunhão hierárquica?

3. Na prática, como manter a tensão dinâmica entre carisma e instituição, buscando a fonte originária de ambos no acontecimento do Espírito de Jesus Cristo?

O ESPÍRITO SANTO: A LIBERDADE DA VIDA DIVINA NA IGREJA E NO MUNDO

Pe. Luiz Eustáquio dos Santos Nogueira

No meio da dor e por meio dela, o Santo Espírito revitaliza a história, injetando em seu sangue, não raro contaminado de pecado, negatividade e morte, o soro contagiante da Ressurreição e da vida.

INTRODUÇÃO

O Espírito Santo é Vida: força vital vivificadora. Onde se faz presente, a vida acontece e amadurece. O Antigo Testamento fala do Espírito divino mediante a metáfora do “sopro” e do “vento”. Animando e fazendo agir (cf. Ex 15,10), a *Ruah de Javé* expressa o movimento da energia vital oriunda de Deus, responsável pela gestação e expansão da vida em todos os seres criados (cf. Gn 1,2; 2,7).

No Novo Testamento, o Espírito Santo é comparado à “água viva” que aplaca nos homens a sede de vida eterna (cf. Jo 4,10.15). Dom maior do coração misericordioso do Filho (cf. Jo 19,34), é Ele o responsável pelo nascimento do novo Povo de Deus (cf. Jo 3,5).

O que está por trás dessas metáforas? Para além dos conceitos, sempre limitados e pobres, a evocação de um mistério: mistério de amor, de verdade, de liberdade e vida. A sutil mas poderosa invasão de uma presença encantadora, a desencadear na liberdade dos seres uma irresistível expansão vital, em crescente profundidade e inebriante integração. Mistério de um Deus essencialmente dinâmico e aberto, cuja única razão de ser define-se pela “Vida em Comunhão”.

1. O ESPÍRITO SANTO NA COMUNHÃO TRINITÁRIA DE DEUS

No princípio sem princípio, existe a comunhão e não a solidão. Toda a grandeza e dinamicidade do Espírito Santo advêm dos laços vitais indissolúveis que o interligam ao Pai e ao Filho no mistério da Trindade divina. Na comunhão trinitária, a beleza de sua Pessoa e missão sobressaem-se enquanto participam de um mesmo desígnio de amor e de graça abraçado e realizado pelos divinos Três.

É impensável, pois, conceber o Espírito Santo dissociado do Pai e do Filho. Que força teria o “sopro libertador” ou a “água viva” de Deus se divorciada estivesse de sua fonte permanente e eterna? Servindo-se, igualmente, dos símbolos, S. Atanásio assimilou maravilhosamente essa verdade quando cunhou estas imagens: “O Pai é luz, o Filho seu brilho, o Espí-

rito, aquele pelo qual somos iluminados”; ao que acrescenta: “sendo o Pai a fonte e o Filho, o rio, pode-se dizer que bebemos do Espírito”.

Numa linguagem mais atual, tomando como base a dinâmica comunitária da vida divina, é plausível dizer que o Pai personifica em Deus a essência ou o fundamento originário do amor, da vida e da liberdade criadora, ou seja, é Ele o Absoluto que faz ser. O Filho, que tudo recebe do Pai em sabedoria e graça, personifica em Deus a expressividade do amor, da vida e da liberdade, manifestando-se como a receptividade (Palavra) que proclama o ser. Por sua vez, o Espírito Santo, oriundo da intimidade abissal do Pai e estreitamente vinculado ao Filho, personifica o movimento mesmo do amor e da vida em Deus, como Liberdade que diversifica e unifica o ser.

A Santíssima Trindade revela em si mesma o mistério do ser de Deus como “superabundância de comunicação”. A tradição teológica cristã, ao longo dos séculos, tem-se dado conta de que a lógica mais cabível para o entendimento da vida trinitária é a lógica da interpenetração recíproca (“pericórese”). As Figuras trinitárias são impensáveis caso separadas umas das outras. Em sua singularidade própria, cada Pessoa recebe continuamente as outras duas, volta-se para as outras, mora nelas e manifesta uma e outra.

Pela eterna inter-relação das Pessoas divinas, supera-se entre elas qualquer relação de domínio e subordinação. As velhas querelas entre gregos e latinos no tocante às processões e causalidades divinas recebem, com isso, uma nova luz. A teologia greco-ortodoxa fez convergir para o Pai a unidade das Três Pessoas divinas (*monarquia divina*), além de ver nele a origem exclusiva tanto do Verbo-Filho quanto do Sopro-Espírito, dando margem, segundo os latinos, a uma certa indistinção entre ambos a nível de sua subsistência pessoal. A teologia latina, por outro lado, insistindo com S. Agostinho na procedência do Filho da parte do Pai (*ex Patre*) e na procedência do Espírito da parte

do Pai e do Filho, em sua unidade consubstancial (*ex Patre Filioque*), abriu espaço para um subordinacionismo entre o Filho e o Espírito, em moldes de dependência do segundo para com o primeiro, estranho ao pensar escriturístico e grego. Em termos práticos, isso significou, no Ocidente cristão, uma acentuação exagerada dos elementos cristológicos (tendência cristomonista) com base no reforço das estruturas de poder da hierarquia eclesiástica, em detrimento dos carismas e da liberdade de iniciativa suscitados pelo Espírito entre os fiéis.

Com efeito, as Escrituras atestam claramente uma relação de reciprocidade e complementaridade entre o Filho e o Espírito, em termos de mútua cooperação na obra histórica da salvação, o que nos ajuda, igualmente, a apreender sua relação no plano do mistério. São Eles “as duas mãos do Pai”, conforme a feliz expressão de S. Irineu. Ambas se necessitam para cumprir a própria missão. Se por um lado a sabedoria do Espírito é a Palavra do Filho, da qual sempre se dispõe a recordar (cf. Jo 14,26), a vitalidade do Filho é a Liberdade e o Impulso do Espírito, com que realiza e cumpre os desejos do Pai (cf. Jo 6,63). No âmbito da história, Palavra e Ação, Corpo e Vigor, Semente e Vida, Passado e Futuro constituem, pois, pólos inseparáveis de um mesmo dinamismo de graça, atuado e presentificado pelo Filho, conjuntamente com o Espírito, a pedido e para a glória de Deus Pai.

Regressando ao mistério eterno, São João, sem dúvida, foi quem melhor definiu Aquele que ultrapassa toda e qualquer definição: “Deus é Amor!” (1Jo 4,8b). Desdobrando trinitariamente a mesma definição, S. Agostinho sugere três séculos mais tarde: “São Três, um amando a quem dele recebe o ser, outro amando Àquele do qual recebe o ser, e esse Amor mesmo”¹. No mesmo raciocínio, Bulgakov, neste século, representando a Ortodoxia, assim refere-se ao Terceiro Divino: “Se Deus é Amor, o Espírito Santo na Trindade é Amor do Amor”². Dito em linguagem trinitária, que significa esse “Amor do Amor”?

1. De Trinitate VI, 5,7.

2. *Le Paraclét*, Paris: Éd. du Cerf, 1976, p.74.

Na qualidade de "Terceiro no Amor", o Espírito é Aquele que o Pai ama por meio e para além do Filho Amado. É o "Dom do Amor, o êxtase do Amante e do Amado, a sua abertura, o termo da sua oblatividade pura", nas palavras de Bruno Forte.³ Personificando a Liberdade do Amor, o Espírito Santo manifesta o que há de novo, dinâmico e aberto na relação do Pai e do Filho, tensionada pela diversidade e pela comunhão. Tão sempre nova, dinâmica e aberta a ponto de exceder-se, como efeito da superabundância do Amor divino, em criação, sustentação e plenificação do radicalmente outro de si: o universo e o mundo humano.

Deus, em total liberalidade e graça, dispõe-se a dar continuidade fora de si ao movimento de vida e amor nele mesmo engendrado. Não se fechando em si mesma, a Trindade abre-se ao diverso de si. E o faz por meio do Espírito Santo. Como unidade íntima em Deus de uma Liberdade que transcende a si mesma no Amor, o Espírito reflete, igualmente, o movimento da Liberdade de Deus que se comunica fora de si, reconhecendo a diversidade da criação e compondo com ela, a um só tempo, nova unidade de Amor.

2. A AÇÃO VITALIZADORA DO ESPÍRITO NO MUNDO

"êxtase do Amor" em Deus, o Espírito Santo faz eclodir a criação do universo. Fecunda a vida do ser nas origens, revigora-lhe as forças ao longo do tempo, encaminhando a criação para o futuro de seu pleno acabamento em Cristo.

O mundo está prenhe da vida do Espírito. Sua energia vital perpassa todas as realidades criadas. Criando e ordenando, o Espírito dinamiza e concretiza a história do cosmo, mostram-nos as Escrituras. Qual pássaro protetor, "o espírito de Deus pairava sobre as águas" (Gn 1,2b), como se estivesse a aquecer e fecundar o grande ovo do mundo. Pela ação de seu Espírito, o Criador estabelece o cosmo, o espaço físico, o mun-

do botânico, o reino animal e, finalmente, a estirpe humana (cf. Gn 1, 3-31).

Segundo o impulso de liberdade criadora que lhe é próprio, o Espírito promove a distinção dos seres em variedades e complexidades sempre maiores. Ao mesmo tempo, coloca todos eles num mesmo espaço de interdependência, potencializando-os à interação, fonte fecunda de novas sínteses e novas diferenças. Em outras palavras, é típico do Espírito Santo na criação inaugurar-lhe o novo e proporcionar dentro dela a renovação constante de todas as coisas, o que não significa desordem ou dispersão, mas o enriquecimento e desdobramento do já existente pela via profunda da integração vital e da comunhão crescente entre os entes.

Na criação, o ser humano é a grande prova da ação vitalizadora do Espírito sobre o mundo. Imprime o Espírito na humanidade um modo de ser consciente, capaz de totalidade, inteligência e comunicação unificante. Advém do mais profundo do homem um elã genuinamente espiritual de socialização, sintetização e transcendência, que lhe permite conferir um significado global à sua existência, sempre aberta, porém, a novas relações e ulteriores totalidades.

Vínculo de unidade e força de liberdade na Trindade, o Espírito Santo é quem promove a autonomia das criaturas face o seu Criador e, ao mesmo tempo, une-as a Deus em sua bondade originária. Cabe ao Espírito ser o sujeito transcendente da dignidade criatural: de modo progressivo, torna a criatura consistente e livre em sua própria identidade corpórea. Repetindo e completando São Paulo, poderíamos dizer que "onde se acha o Espírito do Senhor, aí está a liberdade" e a dignidade do ser (2Cor 3,17). Deus cria na liberdade e para a liberdade, movido por um intenso amor que o capacita, inclusive, a padecer o risco da perda da criatura que, em sua alteridade, pode se fechar ao próprio Criador. Donde a tragédia do pecado: a recusa da liberdade criada ao Amor originário e originante!

A liberdade que se enclaustra em si mesma deixa, contudo, de ser liberdade. Esta so-

3. *A Trindade como história*, São Paulo: Paulinas, 1987, p.130.

mente se preserva e se realiza quando orientada para o encontro e a comunhão. É também próprio do Espírito Santo, em nome de Cristo, libertar a liberdade para o amor (cf. Gl 5,1). Assim sendo, tudo que na história existe de conagração, movimento amorizador, esforço de convivência das diversidades, sinaliza a presença dinâmica do Espírito que nos une ao mundo e ao Divino.

Outro traço indicativo da manifestação do Espírito no mundo é seu compromisso com a verdade. Conforme a narrativa de São João, Jesus promete aos discípulos, após a ressurreição, a vinda do Paráclito, o “Espírito da Verdade”. Diz Jesus: “Quando vier o Espírito da Verdade, Ele vos encaminhará para toda a verdade, porque o Espírito não falará em seu próprio nome, mas dirá o que escutou e anunciará as coisas que ainda vão acontecer. O Espírito da Verdade manifestará a minha glória, porque ele vai receber daquilo que é meu, e o interpretará para vós” (Jo 16,13s). O Paráclito serve, pois, à verdade de Cristo que se traduz na “fidelidade radical de seu amor”, centrado e consumado no Pai. Segundo um dito clássico, “qualquer verdade, de onde quer que ela venha, pertence ao Espírito”. Ao que fazemos corresponder esta afirmação: qualquer fidelidade ao amor, onde quer que se realize, a dignificar e libertar a vida do outro e de si próprio, pertence ao Espírito Santo.

Tudo isso nos leva a um respeito profundo dos povos, na diversidade de suas realizações sociais, culturais e religiosas, onde a ação amorosa e transformante do Espírito acontece de modo exemplar. Com efeito, sobre a terra inteira o Espírito estende a riqueza e a plenitude de Cristo, a *Verdade divina do Amor que faz Ser*. Realiza em todos os recônditos do mundo “a esperança que não engana” (cf. Rm 5,5; 2Cor 1,22), gestando o cosmo no Amor e colocando-o, mesmo que com barreiras e sofrimentos, a caminho de sua plenificação na glória trinitária de Deus (cf. Rm 8,18-21). No meio da dor e por meio dela, o Santo Espírito revitaliza

a história, injetando em seu sangue, não raro contaminado de pecado, negatividade e morte, o soro contagiante da Ressurreição e da Vida!

“Imersos em lágrimas e dor, os cristãos, o mundo, a história em geral, protagonizam um parto. Sobre eles, corre o sopro fértil e incorruptível de Deus (cf. Sb 12,1). Não obstante as dificuldades do tempo presente, as primícias do Espírito evocam o advento de algo verdadeiramente novo e definitivo”. O que é visível “em valorosas atitudes ou manifestações da liberdade humana, como na defesa e no exercício do direito e da justiça, na preocupação com a verdade, na renúncia ao amor egocêntrico, na criatividade artística, na vivência religiosa — cf. *Gaudium et Spes* 26,4; 38,1”⁴.

No entanto, admitamos, nem tudo que há de novo na história provém do Espírito. Há também nela espaço para o mal. A tentação de encarnar-se em si mesmo, bastando-se na própria ignorância e na indiferença para com o Criador, significa uma ameaça cotidiana ao ser humano. Onde a necessidade de que o Paráclito inquiete a nossa consciência, interrogando-nos a respeito do pecado e de suas arbitrariedades (cf. Jo 16,7-9). Na desafiadora luta contra o mal histórico e a injustiça deformadora de nossa dignidade, o Espírito restaura-nos a liberdade, comprometendo-a com a construção neste mundo da fraternidade e da paz.

3. A GESTAÇÃO DOS CRISTÃOS E DA IGREJA COMO OBRA DO ESPÍRITO SANTO

O Espírito Santo personifica a lei que dá a vida em Jesus Cristo (cf. Rm 8,2)⁵. Está nele o princípio da identidade filial cristã. S. Tomás compara-o a uma semente divina (*semen Dei*) que faz nascer de Deus (cf. 1Jo 3,9). Por meio do Espírito, Deus santifica e salva os homens, firmando-os gratuitamente em sua verdade (cf. 2Ts 2,13).

4. NOGUEIRA, Luiz Eustáquio dos Santos, *O Espírito e o Verbo: as duas mãos do Pai*, São Paulo: Paulinas, 1995, p.101.

5. Para o que se segue, cf. *Ibidem*, pp.118-125.

Com alegria, acolhemos estas palavras do apóstolo Paulo: "Todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. E vós não recebestes um Espírito de escravos... mas um Espírito de filhos adotivos por meio do qual clamamos: *Abba, Pai*. O próprio Espírito assegura ao nosso espírito que somos filhos de Deus. E se somos filhos, somos também herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo" (Rm 8,14-17). O mesmo Espírito que em Maria gerou Jesus, o Verbo feito carne, e na ressurreição revestiu-o da glória filial, realiza conosco algo semelhante, constituindo-nos herdeiros ou participantes da vida filial de Cristo (cf. Fl 2,5). Pelo Espírito recebemos a graça da filiação, muito embora sob um estatuto de adoção, devido à nossa condição criatural. Enquanto o Filho é *gerado* eternamente pelo Pai, nós somos *feitos* filhos, por uma livre decisão da vontade divina.

"O Espírito nos leva ao Filho que nos leva ao Pai", diz um conhecido axioma. Inscrevenos na realidade única da perfeita relação de Jesus com o Pai, vivida em afetuosa confiança e obediência (cf. Jo 14,31). De fato, Jesus é, por excelência, o Filho único de Deus, "Filho do Homem", "homem tipo", cuja existência adquire no Pai sua referência absoluta, para quem vive em total fidelidade e consagração (cf. Hb 10,5.7; Jo 4,34). Como tal, exerce o papel de "primogênito entre muitos irmãos" (cf. Rm 8,29), tomando a sua história de obediência filial coextensiva à história dos homens. Por conseguinte, a experiência da filiação constitui para nós cristãos a trajetória vital de nossa liberdade inscrita na obediência amorosa do Filho, na busca fiel e discernida da vontade do Pai. Concretamente falando, o Espírito nos faz viver filialmente no seguimento do Filho encarnado, incorporando a simplicidade, a humildade, a coragem profética, a mentalidade de serviço, a intimidade orante com o Pai que, segundo os Evangelhos, foram características da vida de Jesus.

Na experiência da oração, a consciência da filiação é particularmente marcante para o

cristão, em virtude de um dom espiritual oferecido por Deus. Com efeito, "Deus enviou em nossos corações o Espírito de seu Filho que grita: *Abba, Pai!*" (Gl 4,6). O Espírito é quem suscita e plenifica, na intimidade profunda de nosso ser, o clamor da oração, vindo "em auxílio da nossa fraqueza, pois nem sabemos o que convém pedir" (Rm 8,26). Ao rezar em nós, com seus "gemidos inefáveis", o Espírito conta também com a nossa boa vontade. Aliás, somos nós que de fato atuamos, porém, sob seu amparo transcendente (cf. Rm 8,15). À medida que penetra sutilmente na realidade de nosso ser (cf. Sb 7,22), o Espírito Santo é capaz de conduzir-nos na liberdade para o encontro com Deus, sem constrangimentos e com elevada espontaneidade. De sua presença decorre toda a inspiração da vida orante do cristão (cf. Ef 5,18-20; Cl 3,16-17; 1Cor 14,1).

O Espírito Santo habita no coração do cristão na forma de "Desejo de Deus" (Rm 8,17). E, quando se reza, Deus é desejado a partir de seu próprio "Desejo". A verdadeira oração consiste, justamente, em comungar com a vontade divina, na aceitação amorosa de "Deus como Deus". Sem o reconhecimento da alteridade de Deus e de seu "Desejo" autêntico, não pode haver genuína experiência orante. Segundo o belo testemunho dos místicos, a Deus só se ama na singularidade do Dom recebido de seu próprio Amor unificante. Diz-nos São João da Cruz na estrofe 37 de seu *Cântico Espiritual*: "A alma ama a Deus com a vontade de Deus, que é sua vontade para ela; e ela pode amá-lo tanto quanto é amada por Ele, porque ama pela vontade do próprio Deus, no mesmo amor que Ele ama, ou seja, no Espírito Santo, segundo as palavras do apóstolo". Com a candura e a grandeza que lhe são peculiares, Santa Terezinha de Lisieux completa: "Para amar-vos, ó Deus, como vós me amais, devo pedir-vos emprestado vosso próprio amor"⁶.

Os cristãos somos filhos no Filho único. Por força do mesmo Espírito que agiu em

6 *Histoire d'une âme*, Paris: 1924, p.201.

Jesus (cf. Rm 8,9-11), estamos, pelo Batismo, misticamente unidos e identificados com Cristo, formando o seu Corpo eclesial. Comungamos com Cristo vivendo fraternalmente a vocação filial. Sem fusão nem confusão, o Espírito agrega-nos a Cristo e à multiplicidade de seus membros. Embora cada cristão já seja sua "habitação viva" (cf. 1Cor 6,19), o Espírito Santo edifica, simultaneamente, um Templo Espiritual único, ou seja, a Igreja, vínculo da unidade daqueles que formam o Corpo indivisível de Cristo (cf. 1Cor 12,13). Neste Templo, os cristãos vivenciam juntos a consagração de sua vida mediante o dom da fé e oferecem a Deus, num mesmo Espírito, o verdadeiro culto (cf. Fl 3,3; Rm 15,16).

Lugar da aliança e da comunhão entre os homens, sem privilégios e submissões, a Igreja é chamada a ser o "ícone da Trindade" na história. Estruturada à imagem da Trindade, una na diversidade, a Igreja há de "manter-se distante tanto de uma uniformidade que achate e mortifique a originalidade e a riqueza dos dons do Espírito, quanto de toda contraposição lacerante, que não resolva na comunhão com o Crucificado a tensão entre carismas e ministérios diversos, em uma recepção fecunda e recíproca das pessoas e das comunidades na unidade da fé, da esperança e do amor (cf. *Lumen Gentium* 2)".

Na história, o Espírito estabelece a Igreja, o "corpo comunal de Cristo" em sua forma visível e designável. Contudo, certas dimensões do "corpo místico dos filhos incorporados ao Filho" permanecem veladas ao nosso olhar. Se podemos saber onde a Igreja está, bem mais difícil será saber onde ela não está. Os limites e as maneiras próprias do Espírito atuar não são reguláveis aos ditames da razão humana. Com efeito, Ele age na instituição positiva da salvação, que é a Igreja, cujas mediações eficazes de graça traduzem-se em Palavra, Sacramento e Diaconia. Além disso, o Espírito age, por vias secretas, em instâncias onde as media-

ções positivas e uma certa institucionalidade são inatingíveis, pelo menos visivelmente⁸.

Embora transponha o Espírito os limites visíveis da Igreja, esta converte-se para o mundo em evento sacramental do Cristo e do seu Espírito. Ao assumir em oração o imenso mundo a que pertence, a Igreja intercede e glorifica, em sintonia com o cosmo inteiro e em seu nome, ao Pai pelo Filho no Espírito Santo. Como que impelindo o universo a uma grande doxologia, o Espírito recolhe e agrega, secretamente, tudo aquilo que no mundo ou na história procura balbuciar o Nome que se encontra acima de todo nome: "Pai Nosso!" (cf. Gl 4,6; Rm 8,15).

4. A EXPERIÊNCIA CRISTÃ DA LIBERDADE NO ESPÍRITO⁹

Segundo a mensagem de São Paulo, o relacionamento do homem com Deus, o mundo e seus semelhantes está marcado pela tensão de duas atitudes existenciais opostas: uma "carnal", outra "espiritual". Sob o império da carne, o homem tende à revolta contra Deus, ao pecado e à morte; sob o império do Espírito, tende à justiça, à vida e à paz (cf. Rm 8,5-11). Essa tensão reflete o "já e ainda não" da condição humana. O cristão já possui o Espírito, já é Filho de Deus; porém, ainda está submetido ao regime da carne, experienciando resistências ao Espírito. Mas o próprio Espírito irrompe nesse antagonismo, impulsionando o fiel a lutar contra o domínio da carne (cf. Gl 5,25) mediante a profissão da fé no Cristo (cf. 1Cor 12,3) e a práxis do amor fraterno (cf. Tg 1,22), num processo crescente de espiritualização filiatória

Agindo na interioridade do homem, o Espírito Santo penetra-o feito uma unção. Fá-lo sentir, a um patamar bem mais profundo que o da culpa, o atrativo forte do Absoluto, do Verdadeiro e do Puro, característico da vida nova trazida pelo Cristo. Ao mesmo tempo,

7 FORTE, Bruno. *Obra citada* na nota 3, p.190.

8 Cf. CONGAR, Yves. *A Palavra e o Espírito*, São Paulo: Loyola, 1989, p.143.

9 Este capítulo reproduz de forma abreviada e alterada o texto "O Espírito Santo e a libertação do homem", originalmente publicado em NOGUEIRA, Luiz E. dos S., *Obra citada*, pp.104-117.

suscita no homem uma consciência pungente da situação miserável de sua vida egocêntrica e mentirosa. Em outras palavras, o Espírito acusa a consciência mediante a própria oferta de perdão e de graça. O episódio do encontro de Jesus com Zaqueu é, nesse caso, bastante esclarecedor (cf. Lc 19,1-10). A graça joga por terra as falsas desculpas humanas, próprias ao sistema de autojustificação de uma existência egoísta. Atingindo a interioridade do pecador, estimula-o, na liberdade, à conversão. Isso se dá não de maneira imediata, mas num processo que requer, também do homem, empenho constante, num processo pessoal e coletivo de libertação.

O Espírito é portador de liberdade. Por sua ação, o homem experimenta genuína liberdade, sobretudo em relação à lei (cf. Gl 5,18), ou seja, a qualquer constrangimento advindo do exterior. Não se trata de um libertinismo caprichoso, o que não passaria de uma caricatura ilusória e autodestrutiva da liberdade mesma, mas de uma disponibilidade para o amor. Segundo S. Agostinho, o cristão vive do amor de Deus e faz deste amor a lei espontânea de sua vida. "*Non est sub lege sed cum lege*" ("não está sob a lei, embora a tenha"). Com efeito, o Espírito não liberta do conteúdo da lei, mas sim, da coação externa das obrigações, interiorizando os mandamentos no coração humano.

Presença ativa do absoluto no homem, o Espírito é fonte de interioridade profunda, tornando a liberdade — que significa a própria interioridade humana — sólida e calorosa o bastante para que possa comunicar-se com as outras liberdades. Do Pentecostes nasce o homem novo, o qual, voltado para si mesmo em consciência e liberdade, exterioriza-se com proporcional segurança e abertura no mundo em que vive. Mesmo livre das coações exteriores, permanece engajado na tecitura social e histórica, sem alienar-se. Com efeito, a interiorização revigorante do cristão e de todo homem compreende o movimento dialético

entre personificação e socialização. Emerge de um genuíno apelo espiritual de comunicação, porquanto o destino autêntico da liberdade seja a vida em comunhão.

A liberdade cristã não se isola, pois, da história e do compromisso. Passa pela "saboria da cruz". Seus caminhos, retrata Yves Congar, são bem outros de uma exaltação da autonomia individual, característica do homem carnal, mas caminhos "de uma dependência, de uma descida, de uma entrega aos outros"¹⁰. Somente no amor se realiza a liberdade. Ao invés de ausentar-se do mundo, deve nele encarnar-se sempre mais concretamente. Em outras palavras, a tarefa do homem consiste em "estar-no-mundo" com os outros.

A liberdade que efetivamente personaliza e socializa é a liberdade do Bem. Vai esta muito além da negação dos determinismos externos e opressores, como também ultrapassa o âmbito do mero livre arbítrio. Positivamente falando, a liberdade reproduz uma qualidade espiritual do homem: sua participação na Verdade e no Bem. De fato, "o supremo grau da liberdade não é a autonomia [autosuficiência], mas a perfeita *teonomia*" [vida segundo o Espírito]¹¹. Ao voltar-se a si mesmo em interioridade espiritual, o homem regressa à sua condição verdadeira de imagem e semelhança de Deus. Atraído para dentro de si pela ação do Espírito, o cristão conforma a sua vontade à vontade salvífica de Deus, sendo investido de seu amor plenificante.

Tendo em vista a comunitariedade da pessoa humana, o combate pela realização da liberdade torna-se irreduzível à simples esfera do individual. Demanda um processo de conversão simultaneamente pessoal e social. "O fim da liberdade, lembra-nos J. Comblin, é social; o homem torna-se livre dentro de um povo livre"¹². Amar o próximo exige, na maior parte das vezes, uma ação no plano das estruturas sociais da existência. Comporta uma dimensão eminentemente política, a ponto de

10 *Se sois minhas testemunhas; três conferências sobre o laicato, a Igreja e o mundo*, São Paulo: Paulinas, 1967, p.28.

11 *Ibidem*, p.27.

12 *O Espírito no mundo*, Petrópolis: Vozes, 1978, p.71.

não haver efetiva evangelização sem o esforço da libertação, ou seja, sem a destituição das idolatrias históricas que desviam a criação de seu verdadeiro rumo e sentido. M. de França Miranda completa: “O amor fraterno supõe práxis, e esta práxis libertadora passa a ser a mediação humana da ação salvífica de Deus, capaz de influir sobre outras liberdades para a libertação integral do homem (...) A exigência de justiça é intrínseca ao amor”¹³. Portanto, para a transformação do mundo nos impele o Espírito libertador de Cristo.

A liberdade oferecida pelo Espírito Santo ao cristão, em particular, é também um dom inegavelmente precioso à vida da Igreja como um todo, sob vários aspectos. O primeiro deles é a legítima liberdade conferida pelo Espírito a todos os membros da Igreja. O apóstolo Paulo exorta com firmeza: “Não vos torneis escravos dos homens” (1Cor 7,23). E deixa o seu testemunho: “Não tencionamos dominar a vossa fé, mas colaboramos para que tenhais alegria; é pela fé que estais firmes” (2Cor 1,24). Contrariando uma visão funcionalista do aparelho eclesial, o Espírito dispõe livremente os seus carismas junto às comunidades cristãs, suscitando iniciativas pessoais e formas eclesiais sempre mais criativas e diversas, tendo como objetivo o bem de todos e a paz (1Cor 12,7).

A liberdade do Espírito, num segundo aspecto, impinge na Igreja um movimento de abertura à alteridade criadora dos talentos e dos dons trazidos pelos povos e pela variedade das culturas. Dentro da própria instituição, tal movimento se evidencia no âmbito do pluralismo interno e da particularidade das Igrejas, na amplitude da liberdade católica.

Outro aspecto importante refere-se à liberdade da Igreja em sua missão apostólica. Aos primeiros apóstolos, a dádiva do Espírito possibilitou outrora uma disponibilidade sem precedentes (1Cor 9,1.19). Inteiramente livres diante dos homens, foram acometidos de um ímpeto testemunhal vivo e audacioso (o N.T. usa o vocábulo *parresia* para descrever essa experiência — cf. Fl 1,19s; 2Cor 3,7s; At

4,8.31) que os levou ao anúncio aberto do Evangelho e à confissão pública do nome de Jesus, chegando à coragem do martírio. Como no passado, assim também hoje o Espírito continua a gerar numerosos mártires na Igreja. Na América Latina, não são poucos os que expõem a própria vida na onerosa defesa dos direitos do homem e dos pobres.

Na conjuntura eclesial dos últimos trinta anos, fruto marcante da “liberdade do Espírito” é a autocrítica lúcida e corajosa da Igreja na revisão de sua própria caminhada histórica. Tomando-a livre para com ela mesma, o Espírito suscita na Igreja a suplantação de formas e ideologias históricas paralizantes, conservadoras e autoritárias, por outras mais condizentes ao espírito de liberdade do Evangelho e às exigências do Reino no tempo presente.

5. DONS E CARISMAS ESPIRITUAIS

O termo “carisma” ocorre dezessete vezes no Novo Testamento, quase que exclusivamente nos textos paulinos. Indica um “dom gratuito” (*charis* = graça), operado pelo Espírito no fiel para a edificação da Igreja. Em outras palavras, equivalem os carismas a dons ou talentos, impelidos ou suscitados pelo Espírito Santo para o serviço da construção do Corpo de Cristo. São dons salvíficos diversificados, subordinados ao dinamismo uno da graça santificadora do Espírito. Como recorda-nos o apóstolo, “há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo” (1Cor 12,4).

Distribuídos pelo Espírito “segundo sua vontade”, os carismas são concedidos em variedade para a utilidade e o bem de todos (cf. 1Cor 12,7). Transcendendo espaço e tempo, o Espírito mostra-se soberanamente ágil para harmonizar a diversidade do particular na unidade plenificante do todo.

Quais são e quantos são os carismas? Segundo São Paulo, o número deles é ilimitado. Seu limite é dado pela comunidade concreta onde se realizam. Por isso, há uma variação do

13 *Libertados para a práxis da justiça*, São Paulo: Loyola, 1980, pp.104-105.

a
i
r
e
v
n
o
c

número de carismas em algumas listagens por ele indicadas (cf. Rm 12,6-8ss; 1Cor 12,8-10.28-30). Sem preocupar-se em ordená-los sistematicamente, São Paulo enumera em suas cartas os seguintes dons carismáticos: *palavra de sabedoria* (logos sôphias) e *palavra de ciência* (logos gnôseos), mediante as quais são captados com maior clareza e profundidade os fatos salvíficos; *dons de mestre* (didaskalia), *de cura* (hiamaton) e *profecia* (propheteia), enquanto capacidade de comunicar conhecimentos com vistas à instrução, consolação e exortação dos fiéis; *dons do discernimento dos espíritos* (diakríseis pneumáton), *da glossolalia* (guêne glossôn) e *da interpretação de línguas* (ermeneia glossôn), pelos quais o cristão detecta a origem dos fenômenos carismáticos e louva a Deus; *dons da assistência* (antilêmpheis), *do governo* (kybernêseis) e *do serviço* (diakonia), que se traduzem em dedicação às obras de amor fraterno, administração, direção e solicitude junto à comunidade¹⁴.

Quanto à hierarquia dos carismas, encontramos na Primeira Carta aos Coríntios (12,3-30) alguns critérios importantes, visando o exercício edificante e não individualista ou anárquico dos dons: primeiro, seja dada a primazia à Palavra de Cristo transmitida pelo querigma apostólico; segundo, seja o Espírito Santo reconhecido como sujeito livre e soberano em relação aos carismas exercidos e às experiências particulares vividas; terceiro, que a importância de cada dom seja avaliada conforme à sua utilidade para o crescimento da comunidade. Com efeito, o mérito dos carismas está em proporcionar à comunidade cristã que todos vivam uns para os outros, acolhendo-se e enriquecendo-se mutuamente, na coparticipação de um mesmo princípio de existência. Por conseguinte, não é por menos que São Paulo discerne o amor como o maior de todos os dons, a graça suprema que sintetiza e impulsiona a variedade dos dons.

Na comunidade das origens, pois, os carismas são elementos ordenadores de toda a existência cristã. Uma compreensão estreita dos

mesmos, porém, levou muitos a identificá-los e reduzi-los, já nos primórdios da Igreja (desde os apologistas), aos dons mais excepcionais e espetaculares (glossolalia, milagres, profecia), aos quais São Paulo deu o nome de "pneumatika". Houve também quem dissesse que, se abundantes no alvorecer da Igreja, foram aos poucos diminuindo ou quase desaparecendo ao longo do tempo. De dons ordinários e freqüentes, passaram os carismas a designar dons extraordinários e raros. E essa foi a opinião geral da Igreja durante séculos.

Uma redescoberta dos carismas, no entanto, vem se dando na teologia contemporânea, especialmente após o Concílio Vaticano II que os reassumiu conforme a perspectiva paulina. Longe de se constituírem um fenômeno periférico ou acidental na vida da Igreja, os carismas voltam a ser novamente descritos e experienciados como dons permanentes e multiformes outorgados pelo Espírito à Igreja toda e a todos os seus membros. Constitutivos do Povo de Deus, estão associados aos sacramentos, aos ministérios, às virtudes, integrando-se ao conjunto da obra santificadora do Espírito.

Nesse ínterim, seria valioso interrogar-nos a respeito da relação carisma-ofício dentro de uma Igreja a um só tempo carismática e institucional. O dom, quando manifesto numa atividade pessoal duradoura, pode desempenhar na Igreja uma tarefa e ser por ela recebido como ofício ou ministério. A base espiritual dos serviços oficializados pela Igreja é a livre disposição dos carismas da parte do Espírito. Destarte, de uma Igreja toda carismática emerge uma Igreja ministerial, chamada a desempenhar um serviço qualificado em favor de todo o Corpo.

Na qualidade de carisma reconhecido e estabelecido como ofício espiritual e institucional, o ministério ordenado não retrata, pois, a síntese dos carismas, tampouco é o maior de todos eles. Sua graça específica consiste em suscitar e estimular o exercício dos talentos ou dons particulares em prol da coletividade. Conseqüentemente, trata-se de "um carisma para outros carismas".

14 Cf. NEUNER, P. Verbete "Carisma / ofício" in: EICHER, P. (org.), *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*, São Paulo: Paulus, 1993, pp.61-63.

Em suma, não há oposição entre carisma e instituição na Igreja, mas uma tensão dinâmica e fecunda. A graça e o sinal, o invisível e o visível, estruturam inseparavelmente o corpo eclesial. Não há duas Igrejas, uma carismático-espiritual e outra cristológico-institucional. O pneumatológico vem sempre integrado ao cristológico na existência cristã. De fato, o Espírito participa do movimento encarnatório do Verbo de Deus. Os dons tendem a se corporificar, a se instituir, muito embora a liberdade do Espírito — tão marcante na vida de Jesus! — impeça que as estruturas da Igreja se absolutizem e abafem o elã sempre recriador e renovador da graça.

Uma última questão: de que ordem são os carismas? Manifestações sobrenaturais da Graça Incrédula de Deus? De modo especial os carismas mais excepcionais, pertenceriam ao plano do miraculoso ou do extraordinário?

Heribert Mühlen, um dos mais renomados pneumatólogos do século, principal assessor da Renovação Carismática Católica na Alemanha, concebe os carismas como uma “aptidão natural” liberada pelo Espírito Santo para a edificação do Corpo de Cristo¹⁵. Não se trata, pois, de uma intervenção sobrenatural diretamente oriunda de Deus, que deixasse de lado a nossa condição genuinamente humana. Ao contrário, o Espírito Santo age através de nossa corporeidade, fazendo convergir para o bem a energia ou força vital que nos integra, maior graça de nossa existência enquanto criaturas.

A propósito, a antropologia da graça atual leva-nos a repensar totalmente o esquema tradicional que dualizava e separava, como realidades estanques, Deus e o mundo, o sobrenatural e o natural, substituindo-o por uma compreensão intrínseca da graça. Segundo a nova visão, o Espírito Santo age desde dentro e não de fora da criação, impulsionando os seres para a verdadeira vida. Sim, a vida é o grande milagre; o amor, aquilo que há de mais extraordinário na existência humana. Onde palpita a seiva da vida, do amor, da liberdade que faz ser, ali está presente o Divino Espírito!

Destarte, fenômenos como a glossolalia, a cura de doenças graves, a profecia, passam a ser interpretadas como realidades naturais, explicáveis pela ciência. À glossolalia, faz corresponder uma linguagem pré-conceitual relaxadora a nível subconsciente; às curas, processos bioenergéticos de natureza psicossomática; às profecias, fenômenos telepáticos e pré-cognitivos de cunho parapsicológico. Todos estes eventos, porém, envoltos de uma intencionalidade amorosa de fé explícita, tornam-se mediações graciosas e vigorosas da benevolência divina.

Com efeito, a teologia não pode fechar os olhos para as ciências humanas. Sobretudo a psicologia do profundo, e mais recentemente, a parapsicologia e a bionergética, muito nos têm a ensinar. É claro que, para além dos dados naturais, desponta-se para nós um universo transcendente imperscrutável. A experiência fala-nos de um “Mais”, de um “excesso de sentido e de força”, de uma confiança, eficiência e alegria maiores, que ultrapassam todas as nossas pretensões ou esforços. A gratuidade de Deus, a grandeza de seu amor, sempre nos libera, potencializa e impulsiona adiante, para além de nós mesmos. É a graça divina quem purifica e maximaliza nossas razões para amar, fazendo que o amor seja em si. Eis, então, a beleza de uma sólida e fecunda experiência do Espírito Santo: pelas vias da integração pessoal, social, cósmica, em íntima comunhão com o Deus Trindade, a efusão da Vida! Todas as forças encontradas, todas as energias confluídas para um centro único de vida e ação. Corpo e espírito, terra e céu, criatura e criatura, homem e Deus, aliados, interagidos, definitivamente unidos!...

Quando o que está em jogo é essa comunhão ou sinergia salvadora, o que vale e fascina é o que contribui e leva para ela. Ordinário, extraordinário? Tornam-se, então, distinções irrelevantes. Vale agora o risco, a audácia de enfrentar os dualismos mundanos, as divisões sociais, as discriminações étnicas, o abismo criado entre o humano e o divino...

15 Cf. *Fé Cristã Renovada — Carisma, Espírito, Libertação*, São Paulo: Loyola, 1980, p.213.

CONCLUSÃO

O Espírito é graça, liberdade, encanto, encantamento. Onde Ele sopra e age, fomentam-se relações novas e encantadoras entre pessoas e criaturas. Encanto que é harmonia, integração, jovialidade criadora: a vida em movimento de amor. Inte-

grando sentimento, razão e ação, fazendo vencer o sentimentalismo alienante, o racionalismo estéril ou o pragmatismo inconsistente, a vida no Espírito amadurece o cristão. No caminho orante do serviço libertador, o Espírito coloca-nos no autêntico seguimento a Jesus que nos leva, com o mundo, a Deus Pai.

PARA APROFUNDAR O TEMA, SUGERIMOS A LEITURA DOS SEGUINTE LIVROS:

1. COMBLIN, José, *O Espírito Santo e a libertação*, Petrópolis: Vozes, 1987.
2. COMISSÃO TEOLÓGICO-HISTÓRICA DO GRANDE JUBILEU DO ANO 2000, *Senhor, a terra está repleta do teu Espírito*, São Paulo: Paulinas, 1997.
3. CONGAR, Yves M.-Joseph, *A Palavra e o Espírito*, São Paulo: Loyola, 1989.
4. KLOPPENBURG, Boaventura, *Paráketos, o Espírito Santo*, Petrópolis: Vozes, 1998.
5. NOGUEIRA, Luiz E. Santos, *O Espírito e o Verbo: as duas mãos do Pai*, São Paulo, Paulinas, 1995.
6. PIXLEY, Jorge V., *Vida no espírito; o projeto messiânico de Jesus depois da Ressurreição*, Petrópolis: Vozes, 1997.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. O que o Espírito Santo está dizendo à Igreja e às igrejas no tempo presente, particularmente à Vida Religiosa?
2. Como revalorizar e redefinir os carismas do Espírito próprios à Vida Religiosa e Consagrada nos dias atuais?
3. Que dimensões da Liberdade do Espírito se revelam mais fundamentais para a existência cristã no novo milênio?

PRESENÇA SOLIDÁRIA DA VIDA RELIGIOSA NO MUNDO HOJE

Pe. Paco Almenar, SJ
Manaus, AM

Maria Carmelita e a Equipe amiga desta Revista CONVERGÊNCIA me pediram para colaborar com um artigo sobre "a presença solidária da Vida Religiosa (VR) no mundo de hoje". Como eu sou meio preguiçoso na hora de sistematizar as idéias a partir da experiência de vida e vocação, pedi aos meus companheiros jesuítas, José de Anchieta e Cláudio Perani, que me ajudassem formulando algumas perguntas que nos levassem a aprofundar alguns pontos importantes desta presença solidária. Agradeço muito a eles e peço a compreensão de vocês pelo jeito deste "artigo", que foge um tanto do normal desta Revista. O que escrevo aqui é apenas uma partilha com vocês do que vivo e penso, sem pretensão de me impor nem de ser dono da verdade, é claro! Tento apenas colaborar para continuar o diálogo, buscando e caminhando juntos, como cristãos e religiosos(as) a serviço do Reino.

1. PACO, COMO SURTIU O SEU INTERESSE E A SUA VOCAÇÃO PELOS MAIS POBRES DO BRASIL?

Foi muito simples, como todas as coisas de Deus que nós tantas vezes complicamos. Era o ano de 1996. Eu tinha 16 anos e estudava no colégio dos jesuítas em Valencia (Espanha). Um jovem jesuíta que ia trabalhar no Brasil, veio nos dar uma palestra que intitulou: "Brasil, país de contrastes". Nos falou dos avanços tecnológicos, da imensa riqueza, da exuberância e variedade natural deste país... e, ao lado disso, a imensa pobreza da maioria dos

brasileiros, as favelas, as desigualdades e injustiças. Eu fiquei impressionado e senti uma imensa vontade de fazer alguma coisa, ainda sem saber exatamente o quê.

Então, pensei estudar medicina e ir como voluntário durante alguns anos para o Brasil. Porém, ao longo do último ano de colégio, pensei que, em vez de ser médico, poderia ser jesuíta e ir ao Brasil para o resto da vida. E assim foi: com 17 anos entrei no noviciado da Companhia de Jesus e, 3 anos depois — após insistir bastante com meus superiores — fui enviado ao Brasil onde me formei para o sacerdócio.

Ao longo da formação, sempre esteve presente na minha mente e coração a aproximação aos mais pobres. No final das contas foi

esta a "isca" de Deus para me pescar. Durante a teologia quis morar na favela da Rocinha (Rio de Janeiro), aonde ia nos fins de semana, mas os superiores não permitiram.

Ordenado em 1976, trabalhei ano e meio na periferia de Recife, morando no morro. Depois, 19 anos na Diocese de Crateús (sertão do Ceará), cujo bispo era Dom Frágoso. Lá eu aprendi a ser agricultor, sem terra, com os companheiros(as) das CEBs. E agora, faz 2 anos que estou em Manaus, morando no "Igarapé do Quarenta" (Alagados) e acompanhando os seminaristas diocesanos na formação espiritual e pastoral.

2. QUAL O ASPECTO MAIS IMPORTANTE DE SUA INSERÇÃO NO MEIO DOS POBRES?

Penso que seja a gratuidade: a presença solidária junto aos mais pobres, que não parece ser muito "eficiente". O meu modo de ser não é de fazer ou organizar obras sociais ou movimentos. Não sou de liderar ou arrebatador multidões.

Dentro da missão que me foi confiada atualmente, de acompanhar os seminaristas na vida espiritual e na inserção pastoral, boa parte do meu tempo é dedicada a eles. E também, junto com eles, às pessoas que moram nas periferias de Manaus aonde vamos cada fim de semana. Eu falo, meio brincando, que "vivo" no igarapé e "faço pastoral" fora. O que não é bem verdade, pois a presença solidária mais gratuita é tão pastoral como a atividade apostólica mais explícita. Ou diria que a base e raiz desta segunda é a primeira.

Esta presença solidária, mais gratuita, a sinto dentro de mim não só como um apelo pessoal, mas como um missão recebida da Igreja e da Companhia de Jesus. Não tenho dúvida de que a Igreja deve fazer-se presente entre os que não têm futuro (nem econômica, nem política... nem religiosamente), em lugares onde não é eficiente trabalhar, entre as

pessoas que "sobram", sendo sinal da gratuidade com que Deus ama a todas as pessoas.

3. DESCREVA ALGO DA SUA EXPERIÊNCIA PESSOAL

Bem, de fato eu tenho bem poucas certezas na vida. Uma delas é viver no meio dos mais pobres e — na medida do possível — como eles, partilhando a vida e tentando juntos sair da miséria e desumanização. Ao pronunciar os últimos votos, esta certeza se confirmou e, até hoje, foi-se tornando mais clara e madura.

Isto não é tão simples e tranquilo como possa parecer. Me sinto fraco, pecador e recuperado muitas vezes pelo meu egoísmo. Constató a diferença que existe ainda entre o meu modo de pensar, resolver as coisas ou priorizar certos bens materiais... e o modo de pensar, reagir e priorizar das famílias vizinhas que — de outro lado — quero bem como minha própria família.

Constató também a minha incapacidade em saber como agir ou reagir diante dos sinais de desumanização que existem no ambiente em que vivo: violência, droga, corrupção policial, bebedeiras, rixas familiares, desconfiança, mentiras... a maioria das vezes entre os meus amigos, vizinhos e conhecidos.

Uma outra constatação é o 'choque' do mundo urbano. Eu vivi 18 anos no interior do Ceará, na zona rural em geral. Lá se passa mais fome, mas o ambiente é mais humano, há menos violência e você é acolhido nas casas, onde sempre convidam para entrar e tomar um cafezinho. No mundo urbano, se você é desconhecido, a primeira reação que sente é de desconfiança: as pessoas apenas abrem a porta.

Contudo, apesar destes pecados e limitações, certamente a aproximação de vida junto aos mais pobres, tem dado sentido à minha vida e vocação e me tem ensinado muito. Tem-me ensinado a ser "contemplativo na ação", tentando perceber a presença do Se-

nhor em todas as coisas e pessoas, as pequenas de cada dia (boas ou não) e as maiores (lutas, organização...).

Têm-me educado para uma maior "disponibilidade", com mochila pronta para mudar de lugar a qualquer momento, de acordo com as necessidades maiores que aparecem. Na diocese de Crateús, os apelos do Senhor, manifestados pelas necessidades do povo e discernimento da Assembléia Diocesana, me levaram a morar em 4 lugares diferentes e, agora, estou aqui em Manaus... até que Deus quiser.

Tem significado também um modo novo de viver e dar sentido à consagração através dos votos: A pobreza como solidariedade com as pessoas com quem convivo e que me ensinam (e às vezes 'obrigam') a não acumular, a sempre repartir e a viver feliz com o essencial, sem supérfluos... A castidade, como dar e receber carinho e amizade com os mais desprezados e excluídos, fazendo-me sentir mais 'gente' e fazendo os outros também sentirem-se mais pessoas, irmãos e filhos do mesmo Pai... A obediência como uma permanente procura do que o Espírito nos orienta e uma disponibilidade ao que for mais necessário, ao lugar mais desassistido. Nisto tudo os pobres, sem dúvida, são para mim a voz mais clara de Deus.

4. VOCÊ PENSA QUE O COMPROMISSO DA VIDA RELIGIOSA COM OS POBRES DEVE SEMPRE E EM TODAS AS CIRCUNSTÂNCIAS SE DAR A NÍVEL DE UMA IDENTIFICAÇÃO SOCIAL COM A SITUAÇÃO DE POBREZA NA QUAL ELES SE ENCONTRAM?

A pessoa que entra para a VR é porque quer seguir Jesus mais de perto, certo? Jesus — pelo que sabemos e pelo que aprofundou meu amigo espiritano Pe. Antônio Greuyters — veio da classe média-baixa do seu tempo. Poderia ter sido um puro, um escriba, um fariseu... mas preferiu tornar-se um pária por opção. Ele o fez por compaixão com o povo a partir da sua experiência pessoal de Deus como Pai que não cabe dentro de si de compaixão por este povo. E Jesus, até aceitou tornar-se réu de morte para dar vida às pessoas sem nome. Só então que Deus começou a ser conhecido verdadeiramente. E Jesus devia partilhar essa Boa Nova justamente com os que sofriam por se sentirem excluídos (religiosa, econômica e socialmente).

Estar vivendo no meio dos pobres, o considero um presente do carinho de Deus por mim, que não mereço. Sou realmente consciente que não é mérito meu. Conheço minhas fraquezas (ao menos algumas delas) e não posso me orgulhar por isso.

Graças a Deus que, neste últimos tempos, temos caminhado na VR para um testemunho mais claro e definido em favor e junto aos pobres. Mas o caminho a ser percorrido para frente ainda é bastante longo... E não sei se, com a onda de subjetivismo (subjetividade mal compreendida) e coisas semelhantes, está havendo um recuo. Peço a Deus que sempre nos perguntemos sinceramente: Se Jesus, a quem queremos seguir, estivesse hoje em carne e osso entre nós, onde e de que jeito ele se colocaria?

5. QUAIS SÃO AS FORMAS DE SOLIDARIEDADE QUE A VIDA RELIGIOSA PODE OFERECER HOJE?

Certamente muitas. Tantas que não dá para enumerar. Tantas quantas situações diversas de opressão, marginalização, sofrimento, pobreza, perseguição, aflição, exclusão, desrespeito, abandono e desumanização existirem em cada lugar... procurando sempre e apaixonadamente alcançar os que mais estão sofrendo.

Nestes últimos tempos, a “opção pelos pobres”, a partir da experiência do Deus da Vida, nos levou a comprometer-nos solidariamente com os sem-terra, com a comunidade negra, com os povos indígenas, com os jovens marginais, com as crianças e adolescentes de rua, com a mulher marginalizada, com os aidéticos, com a realidade ecológica (que além da destruição da natureza para o enriquecimento de uns poucos, atenta contra a principal ‘espécie’ ameaçada de extinção: o pobre!)... etc.

Hoje, novas formas de solidariedade aparecem ante novas formas e situações desumanas que o sistema atual gera. Assim, por exemplo, o que faz poucos anos atrás era “opção pelos pobres”, hoje pode traduzir-se também como “opção pelos excluídos”, já que a lógica da exclusão sistemática de pessoas pelo sistema, tornou-se um fenômeno assustador que clama aos céus! E os ricos tendem a isolar-se cada vez mais nos seus ‘paraísos’ longe dos pobres, seja dentro das próprias cidades inseguras ou, se possível, longe delas nos seus “Alfavelles”.

A raiz e o centro da VR é Deus. Só Ele é o nosso Absoluto. E o seu Reinado o ponto de referência permanente: que todos seus filhos e filhas tenham Vida plena! Devemos testemunhar isso diante de um Sistema (neoliberal, de mercado, de eficiência sem justiça, de competitividade) que se absolutiza, apresentando-se (pelos meios de comunicação) e impondo-se (pelos meios financeiros e políticos) como único caminho para a salvação do mundo hoje.

6. QUAIS SÃO OS DESAFIOS PARA A VIDA RELIGIOSA IDENTIFICAR-SE SEMPRE MAIS COM OS POBRES? A ESTRUTURA DELA TEM DIFICULDADE DE SOLIDARIZAR-SE COM OS SETORES MAIS MARGINALIZADOS?

Parece-me que o primeiro e principal desafio é vencer as resistências do passado (costumes, mentalidade, estilo de vida) e das estruturas (obras, organização), que nos amarram e impedem uma maior aproximação real e uma partilha de vida com o mundo dos pobres.

Apesar de que a imensa maioria das Congregações Religiosas nasceram como uma tentativa de maior serviço aos necessitados, seguindo a Cristo pobre, na pobreza, historicamente esta intuição foi-se distorcendo ao ser concretizada. Ajudou a esta distorção a mentalidade de cada época e a concepção burguesa do Evangelho que contaminou também a VR.

Nós religiosos(as) assumimos — muitas vezes premidos pelas necessidades da Igreja e com muito zelo apostólico — uma pastoral de obras e instituições (colégios, prelaças, paróquias, obras sociais, casas de retiros...) sendo nós os ‘donos’. Isto nos tirou mobilidade, simplicidade e disponibilidade. Nossas estruturas se tornaram pesadas e as pessoas amarradas a elas. Muitas destas obras foram feitas a serviço das classes abastadas e dirigentes, com o intuito de convertê-las para o Evangelho e assim mudar a sociedade e o mundo. Porém fomos mais nós que mudamos, assumindo o estilo de vida destas classes.

O problema, então, é mudar a mentalidade e demonstrar as estruturas (ou separar-se delas) que nos impedem testemunhar a mentalidade do Evangelho e viver no lugar social dos pobres, como irmãos, assim como Jesus o fez.

Isto não é nada fácil, pois o peso e a inércia são enormes e facilmente somos recuperados pelo passado. Mas é urgente e necessário se queremos deveras refundar, recriar e ressuscitar a VR.

7. TODA EXPERIÊNCIA DE INSERÇÃO NUM BAIRRO POPULAR OU FAVELA SIGNIFICA UMA SOLIDARIEDADE COM ESTES SETORES?

Nem sempre, certamente. O fato de mudar de lugar social-geográfico não é suficiente para uma verdadeira solidariedade. Não é suficiente “rasgar as vestes, mas os corações” (Jl 2,13). Devemos mudar sentimentos, atitudes e mentalidade. Isto custa muito mais do que ter pouco para comer, viver num quarto reduzido ou se acostumar com o fedor do lixo e com o barulho ao redor.

Falando em sentimento: Não se pode ir morar num bairro popular ou favela por obrigação, só porque o superior(a) mandou. Tem que ser pelo bem-querer às pessoas que lá moram. Senão vou viver amargurado, não vou sustentar muito tempo e vai ser ruim para mim e para as pessoas ao redor.

Isto não é tão cor-de-rosa como possa parecer. Muito tive que mudar e, até hoje, tenho que re-educar os meus sentimentos para conseguir querer bem: ao Chico, quase sempre bêbado que vem atrapalhar a vida da gente com uma conversa enjoada... ao ‘Careca’, rapaz super-agressivo que se droga e lidera uma galera (ganguê)... ao Danival, homem violento que espanca brutalmente a mulher e vem xingar na porta da minha casa porque suas crianças gostam de brincar nela... a dona Luíza, que arruma as maiores confusões com suas fofocas e desaforos... ao Daniel, que não pára de insistir para que eu ‘aceite Jesus’... E assim vai!

Ainda muito mais difícil, para mim, é querer o bem ou não desejar o mal às pessoas que considero opressoras destes meus vizinhos e ‘parentes’. Precisa um treinamento de autocontrole, de resistência aos instintos de resposta violenta aos assaltos da violência. Preciso ir criando em mim, a cada dia, uma verdadeira cultura da “não-violência”. Mas não quero estender-me mais neste ponto pois não é o assunto da pergunta.

Além do sentimento, devemos mudar nossa atitude ‘normal’ de olhar para os pobres. É preciso primeiro aprender das pessoas a quem queremos servir. É preciso que os pobres se tomem nossos mestres, que nós não cheguemos com os nossos planos prontos nem querendo logo ensinar ou fazer coisas para ajudar. Primeiro é escutar, arregalar os olhos aprender convi-

vendo. Posso dizer que muito mesmo me têm ensinado os companheiros e companheiras com que convivi e convivo:

* Aprendi a ser lavrador: Gonçalo foi o meu mestre. Ele me ensinou a pegar na foice, enxada e machado, me revelou os segredos da lavoura, o nome e utilidade das árvores e plantas, e me ensinou a amar a terra e tudo que nela nasce, vive e cresce. Eu me sentia uma criança analfabeta quando os companheiros riam de mim por não saber cortar um galho com a foice e ficava com minhas mãos doendo. Também percebia um certo ‘orgulho’ ao se sentirem mestre, eles que sempre pensaram serem analfabetos.

* Aprendi o que significa hospitalidade: Quando cheguei em Pitombeira (CE), Creuza e Gonçalo me acolheram em sua casa durante um ano até que fizemos a minha. Raimunda e José, no igarapé (Manaus), me deram o único espaço que tinham para fazer o meu quarto.

* Aprendi o que é partilhar: Não só o supérfluo, mas até o necessário: Em Pitombeira (CE), onde moravam 72 famílias, no tempo da seca, enquanto uma família tivesse um saco de feijão, todos comíamos feijão. Quando acabava, todos passávamos fome juntos...

* Aprendi a viver na simplicidade, com o essencial, sem acumular: Aprendi particularmente com as crianças, pois qualquer coisa que compram ou ganham (bombom, picolé, chillitos...) sempre vêm dar-me um pedacinho, sempre! Também são elas que não me deixam guardar nada para o dia seguinte...

* Aprendi a resistir: a dar a volta por cima, rir ou fazer piada da própria situação precária inevitável ou dos reveses que acontecem na vida.

* Aprendi a esperteza em driblar e defender-se das leis ou normas injustas que impedem a gente viver na paz e na liberdade como pessoas humanas.

* Aprendi a ter esperança e confiança no Deus vivo e compassivo que jamais abandona o seu povo: Gonçalo e Creuza tiveram 12 filhos. 8 deles morreram com menos de cinco

anos de idade. No tempo da seca, em três meses e meio, morreram 3 das crianças e Gonçalo me contava: "Paco, quase que eu ficava doido, mas Deus não me abandonou!". Agora estão ajudando a criar os netos das 4 filhas que sobreviveram.

8. A SOLIDARIEDADE NÃO CORRE O RISCO DE SER ALGO PATERNALISTA QUE NÃO LIBERTA, MAS QUE MANTÉM A DEPENDÊNCIA DAS PESSOAS?

A resposta a esta pergunta caberia também na pergunta anterior, pois o paternalismo impede a solidariedade fraterna com as pessoas. Mas é bom dar-lhe destaque, porque o paternalismo é ambíguo e sutil, e o risco de cair nele é grande. Vejamos.

Mesmo morando num bairro popular ou favela, podemos continuar com um estilo de vida ou nível de vida que nos distancia dos nossos vizinhos no comer, no vestir, no possuir bens ou aparelhos, no dispor do dinheiro... Desta forma, facilmente as pessoas vêm bater à nossa porta para pedir ajuda, esmola, o que cria dependência por ser unilateral. E, com a maior boa vontade e generosidade, nos tornamos "padrinhos" ("madrinhas") em vez de irmãos, e nossa casa "ilha de salvação" e não lugar onde todo mundo se sente em casa.

Precisamos "precisar" dos outros com os que vivemos. Também materialmente. Dar e receber, de vizinho para vizinho, de irmão para irmão. E, a partir disso, pelear juntos para melhorar de vida. A atitude paternalista nega esta irmandade, esta ajuda mútua, bilateral, gerando dependência.

Outro âmbito onde corremos o risco de cair no paternalismo é o dos serviços concretos que podemos fazer, a nível de conscientização, de promoção humana ou de comunidade eclesial. Não podemos nos omitir da presença e participação, da conscientização e

organização do povo ou comunidade lá no lugar onde estamos inseridos(as) ou nos diversos serviços que aparecem. Mas também não podemos nos impor, e isto é mais difícil por ser mais sutil.

Nossa presença ativa creio que deveria ser mais para ajudar e apoiar, para incentivar a participação para arrumar as sugestões que as diversas pessoas dão para melhor clarear e, a partir daí, decidir juntos o que fazer e realizar o serviço descobrindo as próprias lideranças.

A par dessa presença ativa, precisamos então — como comentava comigo Cláudio Perani — manter sempre um diálogo respeitoso, baseado na aproximação pessoal. De um lado procurando compreender a realidade da experiência e o ritmo das pessoas, seus valores e sua mentalidade... De outro lado, deixando-nos conhecer tal como somos, por exemplo, respondendo tranqüila e sinceramente às perguntas que nos fazem, também as mais íntimas. Isto facilitam porque o pessoal não tem aquela máscara ou aquele pudor ou falso respeito típico da classe média; é espontâneo.

Precisamos uma partilha com as pessoas de igual para igual, com todas as diferenças grandes e pequenas que temos. Estas diferenças é que podem muito enriquecer a ambos, desde que um não se 'imponha' sobre o outro. Só assim é que nos tornamos verdadeiramente amigos e irmãos.

Lembro a alegria que eu tive quando Zequinha — lavrador cearense, pai de família e animador de uma comunidade, que apenas sabe escrever — estando conversando sobre um assunto num encontro da CPT (Pastoral da Terra), a certa altura me disse: "Paco, neste ponto eu não estou de acordo com você"... Então eu senti que Zequinha e eu éramos amigos e irmãos, procurando juntos o melhor caminho. Este é um bom termômetro para medir o grau de dependência ou fraternidade entre nós e as pessoas do povo: quando elas se sentem com liberdade e sem receio para nos dizer que discordam de nós, o 'milagre' aconteceu.

Não desejo cansar vocês, mas caí na tentação de colocar aqui dois resumidos exem-

plos nos que fui tentado a 'sugerir' (= impor), para apressar as coisas, atropelando o ritmo possível do grupo. Ainda bem que o Espírito Santo puxou o meu cabresto a tempo.

* Em Pitombeira — onde morei 8 anos e aprendi a ser lavrador — o único fazendeiro do lugar, seu Chagas Sinhé, fez um cercado e engoliu também um hectare da terra que pertencia à família Roberto (10 irmãos casados). Era o único pedacinho de terra que era deles, assim como "a ovelha de Urias" (cf 2Sm 12,1-4). Logo se reuniram sem saber o que fazer, pois seu Chagas era padrinho de alguns e compadre de outros e, em tempos de aperto (na seca) ele emprestava comida (mesmo tendo que devolver depois duas ou três vezes mais). Ajudei a vermos juntos as possibilidades: 1ª — deixar como estava e, segundo a lei, após um tempo sem reclamação, ele ficava dono; 2ª — colocar o caso na justiça, precisando para isso de advogado; 3ª — derrubar a cerca. Claro que eu torcia pela 3ª alternativa, pois a 2ª era para nós muito incerta e complicada. Mordi meus lábios para não falar, apenas disse: "a terra é de vocês, vocês decidem, e o que vocês decidirem eu apoio". Ficou de molho ao longo de 5 meses e quase ninguém nem falava mais no assunto... e eu me mordendo. De repente, um bom dia, um deles disse: "amanhã eu vou derrubar a cerca!", e outros 4 irmãos também disseram: "nós também vamos com você!". Claro, eu também disse que ia. Derrubamos... e seu Chagas tentou amedrontar-nos com ameaças, contratou um advogado da cidade e fomos processados. O processo demorou quase um ano, e cada vez que éramos intimados pelo juiz precisávamos caminhar 42 quilômetros por falta de recursos. Mas tudo valeu: ganhamos a causa! E o povo da região não acabava de acreditar que esta família tivesse ganho do poderoso Chagas. Nunca antes tinha acontecido. Para meus companheiros e para mim, a luta por um simples hectare de terra foi, naquela hora, a luta maior do mundo, que nos fez sentir mais 'gente', com dignidade e força.

* Em Crateús (cidade rural de 45.000 habitantes), no bairro onde morei, 36 famílias não tinham casa, nem emprego para poder pagar um aluguel ou comprar um terreno. Me

convidaram para participar das reuniões da comunidade sobre este problema. Percebi que esperavam alguma sugestão minha, mas procurei apenas fazer levantamento das possibilidades que eles apontaram: 1ª — ocupar um terreno na cidade; 2ª ir atrás do prefeito; 3ª — cada um se virar ou voltar para o interior. No fim da reunião decidiram ir falar com o prefeito que, em ano de eleição, prometeu um projeto de casas populares. Tivemos 8 meses para amadurecer, pois o projeto não saía do papel e a situação das famílias era insuportável. Então decidiram ocupar um terreno abandonado (por sinal na zona nobre da cidade). Se organizaram admiravelmente e em segredo: juntando plásticos, papelão e pedaços de madeira para fazer as primeiras tendas, pedindo ajuda em comida aos amigos... e, no dia do comício, quando todo mundo estava na praça central, ocupamos o terreno. Eu só acompanhando e apoiando sem liderar nada. É por isso que, quando no dia seguinte apareceu o suposto 'dono' do terreno e a polícia ameaçando e querendo descobrir as lideranças, todos (especialmente as mulheres) diziam: "nós todos somos cabeças", o que era verdade. E, durante o processo, que durou mais de um ano, só uma família recuou (que mais adiante foi acolhida de novo). Agora estas famílias moram lá, cada uma com sua casa, todas feitas em mutirão. Esta foi a primeira ocupação urbana (por moradia) acontecida na área da diocese. Hoje, já aconteceram mais 4, em outros terrenos, e todos ficaram neles.

O paternalismo sutil, parece resolver as coisas a curto prazo, mas não liberta realmente.

9. QUAL A RELEVÂNCIA PARA A VIDA RELIGIOSA E QUE EFEITO TRANSFORMADOR PARA A SOCIEDADE TEM UMA COMUNIDADE RELIGIOSA INSERIDA NO MEIO DOS POBRES?

A Vida Religiosa tenta seguir Jesus mais de perto. Uma comunidade inserida no meio

dos pobres mostra o lugar social onde Jesus se situaria e tenta viver as atitudes e modo de vida que Jesus teria hoje. Na experiência de uma comunidade inserida, os pobres evangelizam a VR, fazem com que ela perceba seu sentido mais profundo e a raiz da sua missão. A partir desta experiência, a VR se recria, se refunde, se aproxima mais do seu fundamento e do sentido da sua existência. Os meios como a oração, os votos de pobreza-castidade-obediência, a vida comunitária, etc... recobram um novo sentido porque arraigados no amor misericordioso e compassivo de Deus pelos pequenos e pobres, pelos fracos e pecadores, pelos necessitados e abandonados.

Em relação ao mundo, só Deus sabe mesmo da eficiência ou efeito transformador que uma comunidade inserida (seja ela ativa ou contemplativa) possa ter... como só Deus sabia da eficácia da vida e missão fracassadas do seu filho Jesus. Contudo, podemos perceber que o mundo como um todo e as pessoas que nele moram, estão cansadas de palavras e promessas, estão sedentas de algo que dê realmente sentido à vida, estão ansiosas por caminhos de solução aos problemas da sociedade velha, injusta, violenta, excludente e carente de amor.

Uma comunidade religiosa inserida aponta — não tanto com palavras e promessas — para a raiz e a fonte do sentido da vida e da solução dos problemas. Qualquer movimento, instituição, trabalho social, econômico, político ou religioso que não tenha os pobres como ponto inicial e final de referência, está fadado a aprofundar o não-sentido da vida e incrementar o peso mortal da velha sociedade. Os pobres são o termômetro de uma nova sociedade, os juizes da vida democrática, da vida social, da vida religiosa. Sem referência a eles, as nossas soluções são falsas. E, segundo Jesus, os pobres serão nossos juizes na hora da verdade (Mt 25,31-46).

10. COMO SE DÁ A SUA CONTRIBUIÇÃO OU

PARTICIPAÇÃO A NÍVEL DA LUTA PELA JUSTIÇA, VIVENDO NO MEIO DOS POBRES?

É uma pergunta pessoal pela qual não posso me gabar. Preciso, então, colocar primeiro as minhas limitações. Na vida junto aos mais pobres, sinto em mim bastante carência de criatividade. Diante da violência diária na porta de casa (brigas e morte; violência policial; companheiros(as) desempregados; condições precárias de saúde como falta de esgoto, água suja, lixo; condições desumanas de moradia; o submundo da droga e do álcool; a escolaridade minguada...) não sei, na maioria das vezes, o que fazer. Percebo em mim certa "preguiça" ou acomodação com o sofrimento e situação social. Tendo a me justificar alegando que o trabalho com os seminaristas me tira o tempo de presença e atuação aqui. Enfim, o meu pecado talvez não seja tanto me impor quanto ter pouca iniciativa.

Sobre minha participação na luta pela justiça nos anos que vivi na diocese de Crateús, já falei de alguns fatos: ocupações, acompanhamento da CPT e luta pela terra, como sindicalizado na luta pelo "Sindicato livre", e na linha da conscientização através da catequese, estudos, encontros, manifestações...

Aqui em Manaus, no igarapé, procuro apoiar e me fazer presente ao que representa uma semente de vida e de luta por um mundo mais justo e mais humano. Por exemplo: No ambiente violento, agressivo e de desconfiança em que vivemos, dois grupos de pessoas se reúnem cada semana para rezar o terço nas casas. Nestes encontros as pessoas se sentem bem (e eu também), colocam suas penas, alegrias e esperanças, vai-se criando um ambiente mais humano e um relacionamento mais justo entre nós. É uma sementinha do Reino que eu apóio com todo gosto... Raimunda, minha vizinha, é presidente da pequena e frágil Associação de Moradores: apenas nos reunimos, mas procuro incentivar e ajudo um

pouco a encaminhar alguma reivindicação por esgoto, água encanada, lixeiras, saúde, tábuas para refazer as ruas e pontes... A nível de relação com as pessoas é mais o ministério da consolação e do conselho, fazendo amizade com os colegas drogaditos ou dando uma palavra para esfriar uma briga ou visitando algum vizinho preso... Ou, até compondo juntos alguma música "pé-no-chão" para participar do festival da paróquia vizinha...

Fora do bairro é mais um serviço de conscientização: junto aos seminaristas, nas comunidades da periferia nos fins de semana (pregações... ligadas à realidade, valorizando as pequenas e maiores lutas e organização por uma vida mais justa, nos encontros e dias de oração), também em retiros maiores a religiosas(os), incentivando a participação em manifestações e caminhadas... ou convidando amigos(as) para almoçar no nosso bairro e conhecer mais de perto a realidade. Nada é grandioso. São pequenas sementes que tentamos lançar juntos. Deus as faça frutificar!

11. VOCÊ CONSIDERA POSSUIDORES(AS) DE UM CARISMA ESPECIAL AQUELES E AQUELAS QUE BUSCAM UMA IDENTIFICAÇÃO SEMPRE MAIOR COM OS POBRES E COM ELES PARTILHAM DE SUA POBREZA?

Sinceramente não... e sinceramente sim. Buscar uma identificação sempre maior com os pobres, penso que é carisma próprio da Vida Religiosa. Tanto como seguir Jesus cada vez mais de perto, que era pobre no meio dos pobres por opção de vida. Não é pois um carisma especial de "alguns" religiosos e religiosas.

Agora, por circunstâncias históricas, culturais, estruturais ou por força de certa visão da

VR, parece que este carisma tão próprio foi um tanto esquecido (não totalmente pois sempre houve religiosos e religiosas buscando uma identificação maior com os pobres)... Então, o Espírito Santo acordou, nestes últimos tempos, um número fora do comum de religiosos(as) com o "carisma" de lembrar este carisma, vivendo-o na prática através da inserção entre os pobres. E, certamente, o meio principal pelo qual o Espírito nos acordou, foram os próprios pobres.

12. COMO VOCÊ EQUACIONA A NECESSIDADE QUE HOJE SE TEM DE SE LANÇAR MÃO DOS INSTRUMENTOS MODERNOS DA TECNOLOGIA E DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL PARA UMA EVANGELIZAÇÃO EFICIENTE, COM AS CARÊNCIAS DE RECURSOS QUE PODEM SER ENCONTRADAS NOS MEIOS MAIS POBRES?

Em 1964, Dom Fragozo foi empossado como primeiro Bispo de Crateús (CE). As classes dirigentes lhe ofereceram adquirir a única Emissora de Rádio que havia no município e na Diocese. Ele disse: "Agora não, obrigado. Quando o povo estiver organizado para adquirir e assumir a direção da Rádio, aceitaremos!". E pagou o preço, pois nesse tempo de ditadura, foi-lhe proibido durante muitos anos falar no rádio, único meio de comunicação rápido e abrangente

entre as pessoas daquela região. Mas nunca se arrependeu!

Podemos concordar ou discordar desta atitude radical. Mas este gesto profético certamente levanta perguntas que apontam para algo essencial:

- Se os avanços tecnológicos e meios de comunicação não estão sendo socializados, não estão ao alcance da imensa maioria das classes populares... são mesmo evangélicos? Vão mesmo beneficiar e estar a serviço dos pobres? Estão sendo realmente uma Boa Nova para eles?
- Se o povo não é sujeito da sua caminhada desde o início, será que vai sê-lo algum dia? Ou vai ficar sempre dependente do “padrinho” de turno, seja ele político, padre ou religiosa?

Particularmente para nós religiosos(as), a ênfase principal e prioritária não pode ser adquirir, sermos donos e usar dos avanços tecnológicos e meios de comunicação porque são maravilhosos (e são mesmo) ou porque são muito eficientes (que também o são). A ênfase deve ser que cheguem ao alcance de todos e a serviço de todos, principalmente dos mais pobres.

Sem esta atitude permanentemente presente em nossos corações e em nossas atividades e obras, facilmente seremos contaminados, cooptados ou iludidos, reproduzindo os modelos que se apresentam nos meios de comunicação avançados e entraremos na concorrência para “vender” mais o nosso deus e aumentar seu “Ibope” a todo custo... Assim como fazem as chamadas Igrejas eletrônicas... e quem sabe se com certa “inveja” nossa.

O discernimento permanente deve ajudar-nos a descobrir quando um avanço tecnológico — por fantástico, prático e eficiente que seja — fica beneficiando apenas um grupo de privilegiados esquecendo a maioria. Perceber quando um meio de comunicação não comunica evangelicamente por não facilitar a reciprocidade, por isolar as pessoas tornando-as meras receptoras, por não conscientizar mas

manipular seduzindo... E isso pode acontecer tranqüilamente mesmo falando de Deus, de Jesus, de Maria ou da Nova Evangelização.

A aproximação real e o contato com os pobres, creio que seja indispensável para poder realizar este discernimento permanente. Senão, o que adianta sermos donos de uma rede de TV se, pensando que fazemos uma ‘nova evangelização’ lhe damos um rumo marcadamente devocional e esquecemos ou não damos espaço para acontecimentos eclesiais ou sociais, muito mais claros como sinais do Reino, como foi o Encontro Inter-eclesial das CEBs com seu tema crucial sobre as relações “CEBs e Massa”?

Não é que esteja dizendo que os religiosos (as) devamos ser os “donos”, mas, se trabalhamos nestes meios e instituições, muito poderemos servir à Nova Evangelização ou à causa do reino a partir da nossa experiência de partilha de vida e contato direto com os pobres. E ainda, no meio deles, poderemos apoiar os meios de comunicação que o povo — supercriativo — já tem e incentivar outros ao alcance de todos.

Permitam-me, ainda, terminar com este conselho de M. Gandhi que, no meu parecer, é um critério 100% evangélico: “Quando você estiver na dúvida entre fazer algo ou não fazê-lo, pára um momento! Imagine diante de você a pessoa mais pobre e miserável que já encontrou na sua vida. Então pergunte a você mesmo se aquilo que pretende fazer vai beneficiar esta pessoa, vai fazê-la sentir-se mais pessoa, vai devolver a ela a sua dignidade e vai remediar as suas necessidades. Então a sua dúvida vai desaparecer!”... O mesmo critério devemos aplicar em relação aos “meios” que vamos usar e o “jeito” de usá-los.

13. EXISTE ALGUM “LIMITE” PARA QUEM FAZ OPÇÃO DE NÃO SÓ ESTAR NO MEIO DOS POBRES, MAS DE VIVER COMO POBRE?

O Evangelho não tem limites, a solidariedade não tem limites, assim como o amor misericordioso de Deus pelo seu povo não conhece limites nem barreiras. E nós somos chamados a sermos como Ele (Lc 6,36). O horizonte da Boa Nova aos pobres e o Reino — utopia já presente entre nós — estão sempre de portas escancaradas.

A identificação de Jesus com os pobres e excluídos não teve limite nem da própria morte. Os limites estão em nós mesmos: medos, preconceitos, certas preguiças... justificativas, fugas, apegos... mentalidades, estruturas, obras...

Mas, se somos cristãos e religiosos(as), não podemos parar de nos converter, de dar um passo à frente. Creio que já falei antes que quanto mais perto estou dos pobres, mais percebo a distância que ainda estou deles e das suas condições de vida.

Reparem, porém, que a finalidade não é virar pobre para aumentar em mais um a estatística sobre o número de pobres, e sim para tentar aproximar-se dos últimos lugares para, juntos, humanizar-nos e lutar por melhores condições de vida para todos. E nisto não há "limites".

14. QUAIS OS LIMITES DE UMA OPÇÃO VERDADEIRA PELOS POBRES NUMA SOCIEDADE CAPITALISTA COMO A NOSSA?

Os limites são reais e objetivos porque colocar-se do lado dos fracos e dos perdedores deste mundo frente aos detentores do poder, da informação, dos avanços tecnológicos e do dinheiro... é o mesmo que a luta de Davi frente a Goliás, com o agravante de que Davi — por enquanto — é o vencido e Goliás o vencedor.

Precisa muita fé, esperança e paciência histórica para acreditar que o contrário acontecerá. Mas também precisa abrir os olhos para simplesmente cair na conta e acolher os mil sinais de que o contrário já está acontecendo.

Já faz tempo que cansei de acreditar em soluções realmente novas e duradouras vindas dos 'grandes', dos 'de cima'. Para mim já é 'dogma' e experiência que o novo nasce, surpreendentemente, do último, do lixo, do estrume da humanidade. Já aconteceu assim na história do Povo de Deus e acontece hoje.

Limites a isto provêm de uma mentalidade capitalista ou neoliberal, que fez uma clara opção pela 'economia' e não pelo social, e que escolheu como prioridade 'a produção pela produção' e não a distribuição dos bens necessários para todos.

Mentalidade que não só está fora de nós, mas que nos atinge profundamente porque nós vivemos nesta sociedade organizada a partir desta forma de pensar e conceber o mundo. Esta concepção nos contamina e põe limites sérios a uma opção verdadeira pelos pobres. Por exemplo:

- Acreditando que só com dinheiro e poder é que poderemos mudar o mundo e realizar uma 'nova evangelização'... Mas, o que pensa o Evangelho sobre isso? Ou será melhor re-interpretá-lo?
- Ficando felizes e esperançosos com os resultados positivos dos indicadores de estabilidade monetária (= freio na inflação) ou com o crescimento econômico (= progresso) do nosso Brasil... Será que não seria melhor crescer menos e repartir mais?
- Nos acostumando a pensar que são necessários sacrifícios humanos (vidas humanas quebradas, condições infra-humanas de vida) para salvar o 'mercado', para que o país supere as crises, ligadas às crises mundiais... Não seria o mais normal e humano que os ricos pagassem a conta, pagassem impostos e acabassem os incentivos fiscais e privilégios para eles?
- Idolatrando sutilmente a eficiência, inclinando-nos a pensar que podemos usar qualquer meio para alcançar o fim 'bom' que desejamos (o Reino de Deus, é claro!)... Será que não esquecemos que as sementes do Reino já estão presentes no caminho e nos meios

para chegar a ele? E que se não for assim nunca chegaremos?

- Tendendo a entrar na frenética competitividade local e globalizada, concorrendo, a exemplo das empresas, com outras Igrejas ou com grupos dentro da própria Igreja, para ganhar mais espaços, mais poder, mais número de pessoas e assim sentir-nos seguros na luta em defesa do Deus verdadeiro... Mas, será que Deus precisa de nós para ser defendido ou imposto sutilmente? Será que assim qualquer meio se torna legítimo para conseguir isso? É mesmo Deus ou um ídolo que estamos pregando e testemunhando? Será que o Deus de Jesus não quer que O defendamos e sim que defendamos o pobre?
- Deixando-nos levar pelo modo de pensar da ética burguesa que separa a ética privada da pública como duas éticas sem relação entre elas; que sublinha a subjetividade, a libertação pessoal, o individualismo ético por um lado, divorciado da libertação social e da objetividade ética; que separa o âmbito religioso do âmbito social... Mas, será que Jesus fez esta separação na sua vida e na sua missão? Será que ele colocou o bem individual por cima do bem comum?

E nós, até que ponto estamos contagiados?

15. QUE CONVERSÃO DEVERIA REALIZAR A VR PARA SER SOLIDÁRIA COM OS POBRES?

Primeiro, acreditar nela. Acreditar na opção solidária com os pobres. Segundo, colocar os meios eficazes para isso. Continuar dando passos concretos, com urgência, neste rumo. Esta penso que seja a principal conversão que precisamos fazer, ainda hoje, na Vida Religiosa.

O futuro da VR — se realmente queremos “refundá-la”, “revitalizá-la” — está na maior aproximação afetiva e efetiva junto aos mais pobres. Sobre isso não tenho dúvida: é só olhar para Jesus a quem queremos seguir e sua Boa Nova que queremos anunciar.

Jesus não era apenas uma presença contagiante e libertadora, mas ele tinha também um projeto de ação e vida. O Reino, a “basi-léia” de Deus já estava presente entre os pobres (Lc 17,21). O projeto de Jesus, que poderia tornar-se realidade pela fé, implicava em mudanças. No Reinado do Pai, o poder real de Deus seria dado aos pobres. Os ricos que continuassem ricos não teriam parte nele.

Jesus esperava que seus discípulos deixassem tudo, vendessem suas propriedades e repartissem o dinheiro entre os pobres. O projeto de Jesus visava uma comunhão de bens, uma economia a partir das necessidades básicas de todas as pessoas. O cristianismo burguês, hoje quase onipresente — também na VR —, só pode existir graças a uma inversão do Evangelho.

No Reino de Deus só há últimos lugares e, nele, os últimos serão os primeiros. Nele só entram os que são como crianças, sem prestígio algum. Cada um deve querer ser o último de todos. Eu creio que é esta a conversão que Jesus e o mundo esperam de nós, religiosos e religiosas.

J. Comblin, no seu último livro “Cristãos rumo ao século XXI”, escreve: “O cristão (e eu digo, o religioso/a particularmente) não faz opção pelos pobres porque são os vencedores — de fato a sociedade não mudou porque os pobres sejam uma força social e politicamente organizada — mas justamente porque são os perdedores. Cristãos que se sentem desanimados é sinal, possivelmente, de que misturaram a opção pelos pobres com a opção pela vitória”.

Então, haja coragem e graça de Deus para nos converter! E haja lucidez para resistir à tentação escondida de não querer ser fermento e sim a massa toda, de não querer ser o sal e sim a sopa toda, seguindo o modelo da cristandade tão enraizado em nós. É a tentação de querer se dar bem com todos e tomar partido a favor de todos, perdendo assim o tempero e a força do testemunho da Boa Nova de Jesus Cristo.

O Deus de Jesus Cristo só pode ser encontrado na realidade do mundo de hoje e, de ma-

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. O autor, no seu depoimento, apresenta a gratuidade como o aspecto mais importante da sua inserção no meio dos pobres. Você compartilha o seu ponto de vista? Por quê? Converse sobre isto com a comunidade.
2. O autor aponta algumas formas de solidariedade que a VR pode oferecer hoje.

Você crê que são também necessárias no seu contexto? Você indicaria outras? Quais? Como sua comunidade se posiciona diante desta questão?

3. O texto acima aponta para o risco do paternalismo a que a solidariedade está exposta. Como você e sua comunidade encaram este problema?

SE O PE. GAILHAC VIVESSE HOJE NA AMÉRICA LATINA — REFUNDAÇÃO E UTOPIA*

Ir. Maria Helena Morra RSCM

Sensibilidade aos oprimidos.

Contato assíduo com a Palavra
de Deus. Aproximação de Cristo,
Bom Pastor compassivo.

Que todos tenham vida. Traços
espirituais do padre Gailhac.

1. REALIDADE DA AMÉRICA LATINA HOJE

A América Latina é um continente de rara beleza que caminha num campo de dor, onde a injustiça emerge com uma força cada vez maior. Mas a esperança perpassa essa realidade e desponta como um veio que se impõe neste chão que clama pela defesa da vida.

A colonização de nosso continente enfraqueceu as culturas dos povos, com a contínua invasão cultural, esmagando os seus valores, as suas riquezas e diluindo a sua identidade, ferindo a sua dignidade e fazendo do povo latino-americano uma realidade descartável. Os colonizadores da América Latina foram

européus brancos cristãos, que em nome de Deus escravizavam e destruíam a identidade de pessoas humanas, cujas culturas tinham milênios de existência. O regime de cristandade era o único que legitimava o reconhecimento da pessoa como ser humano e todos aqueles que estavam fora desse contexto não eram considerados. Em nome do Deus da vida justificava-se a morte e a destruição de várias culturas. Impunha-se uma evangelização sem levar em consideração a memória histórica dos povos.

A situação das mulheres era ainda pior, pois faziam delas objetos dos seus prazeres, matavam os seus companheiros e aniquilavam suas famílias. Não percebiam que havia uma vida organizada, solidária dentro de cada comunidade indígena na qual perpassava uma sabedoria imensa. O perfil da América Latina pode ser delineado nos rostos das mães indígenas e negras dessa pátria. Os povos indígenas e os negros trazidos da África foram oprimidos e destituídos das suas culturas, das suas crenças, obrigados a acolher os filhos ilegítimos dessa pátria fecunda, resistente e portadora de vida e esperança.

A expansão européia trouxe para este povo muitas debilidades e doenças como gripe, caxumba, sarampo, tuberculose e tantas outras que colaboraram com a extinção de povos¹.

* Pe. Gailhac, sacerdote francês, é o fundador do Instituto do Sagrado Coração de Maria.

1. Para uma maior informação leia Antonio Tamarri. *Nem Berço Nem Túmulo (Tampouco!!!)* no Diário de Porto Seguro, 01/08/97.

A dominação da América Latina está presente até hoje neste continente cujo povo continua sendo despojado de suas terras e desrespeitado em seus direitos. A crise do sentido da vida e a perda de valores morais são geradoras do tráfico e do consumo de drogas. O crime organizado, a exploração do sexo, a corrupção e os desvios de verbas, a falta de segurança marcam profundamente a realidade do nosso continente. Uma minoria se apoderou dos bens de produção e do poder político marginalizando a maioria do povo. A desvalorização da pessoa humana, vista apenas como mercadoria, e a supervalorização da máquina são traços marcantes nesse momento da história sob o domínio do sistema neoliberal excludente.

A situação da América Latina é de anti-Reino: imperam a injustiça, a violência, o desprezo pela vida, a marginalização. São problemas estruturais enraizados na cultura latino-americana e hoje agravados pelo sistema vigente.

O povo clama e anseia pelo Reino de Deus, procura formar comunidades cristãs, que são constituídas por pessoas pobres que acreditam que o Espírito do Ressuscitado está presente nessa realidade, que de novo está acontecendo em nosso tempo. Tem-se uma consciência maior do valor e do lugar da mulher, do indígena e dos negros nesta sociedade. As culturas emergentes são frutos dessa realidade latino-americana, que rompeu com o complexo de inferioridade e de inutilidade incutido na memória histórica do povo pelos brancos cristãos. Emergem então formas culturais próprias, cheias de riquezas e tradições: o congado, a capoeira, etc. Destaca-se a luta pela cidadania, pela ética e pela ecologia assim como o combate à corrupção, à fome, ao analfabetismo, à violência e à exclusão social.

Somos chamadas(os) a nos levantar e nos libertar daquilo que nos oprime e nos impede de sermos nós mesmas(os). É dever de quem se diz cristã(ão) se colocar a serviço da vida, colaborando para que este rosto desfigurado e maltratado tenha vez e voz.

2. PE. GAILHAC E O NÚCLEO FUNDAMENTAL DO SEU CARISMA

Pe. *Antoine Pierre* Jean Gailhac, nasceu a 13 de novembro de 1802. Fundou o Instituto do Sagrado Coração de Maria em 24 de fevereiro de 1849, em Béziers, no sul da França. Essa fundação é parte da experiência mística do Pe. Gailhac. É dessa espiritualidade que nascem o entusiasmo e o zelo pela ovelha perdida. A profundidade da experiência espiritual que deu origem às Religiosas do Sagrado Coração de Maria ainda tem muito a revelar.

Em fins do século XVII, a França apresentava um quadro desolador: fugas de emigrantes, temerosos de verem seus bens confiscados, indústria e comércio arruinados, epidemias e grande pobreza.

Em 1802, ano de nascimento do Pe. Gailhac, a França estava vivendo o regime do Consulado, no qual se inicia um processo de reconciliação nacional. Napoleão Bonaparte dá ao país, no que diz respeito aos direitos humanos, liberdade individual e impulso à revolução industrial. Tenta-se reorganizar a estrutura política, de acordo com as próprias idéias e os interesses da França.

Em 1814, Napoleão se fez proclamar Imperador e o poder Imperial se torna absoluto. Napoleão foi-se tornando cada vez mais tirânico. Suprimiu as Assembléias, a imprensa passou a ser censurada, as liberdades individuais e políticas não foram respeitadas. Essas e outras medidas repressivas, apesar dos avanços industriais, políticos e tecnológicos e das conquistas externas, que prendiam quase toda a França às rédeas do Imperador, foram esgotando a paciência do povo.

É nesse contexto sócio-político-religioso que o Pe. Gailhac viveu e foi aí que se consolidou a sua vocação sacerdotal missionária. Sua opção inicial foi-se transformando, dentro do contexto histórico que o cercava, até

chegar a uma entrega absoluta de sua vida ao Projeto de Deus.

Desde criança Gailhac foi profundamente sensível à situação dos meninos carentes da sua cidade. Ainda jovem, ele foi se conscientizando da grande responsabilidade do que é ser cristão na sociedade em que se vive. A percepção clara da penúria do povo toca o coração de Gailhac e faz emergir em sua vida projetos antes alimentados em seu coração.

Pela entrega total de sua vida aos pobres, ele continua a obra do Amor, perpassada por um compromisso concreto e autêntico pelos mais fragilizados. Com amizade e ternura, planta gestos de verdadeira solidariedade. A vocação pessoal de Gailhac vai se consolidando a partir de duas necessidades prementes de Béziers: **o menor carente e a mulher marginalizada — vítima da prostituição.**

Sua vocação leva-o a se ocupar dos problemas contemporâneos de seu país que, de certa forma, se refletem em sua diocese e na cidade de Béziers, onde nasceu.

No Hospital de Béziers havia muitas jovens doentes, vítimas da prostituição. Pe. Gailhac assume a missão de ser capelão desse hospital. Essa opção é um marco importante na sua vida, pois, a partir desse ministério, Pe. Gailhac vai construir sua trajetória missionária.

Passa bom tempo do dia no hospital e esse contato lhe possibilita chegar perto das mulheres doentes vítimas da prostituição. Começa, então, a delinear possibilidades de uma nova vida para essas mulheres. A chama que impulsiona seu ardor apostólico é a fragilidade humana. Esse dinamismo vai imprimindo no seu estilo simples, despojado, a figura do Bom Pastor, preocupado com as ovelhas mais fracas e doentes.

Para Gailhac resgatar a Vida é o melhor bem que Deus lhe pode conceder. Agradecer a esse amor, só pode ser através de uma resposta de amor. Por isso, funda em 1834 o Refúgio do Bom Pastor, obra de acolhimento e recuperação dessas jovens prostituídas, acreditando que elas são vítimas da situação, fruto da miséria da sociedade. No mesmo ano da fundação do Refúgio do Bom Pastor, Padre Gailhac, atendendo ao gesto suplicante de uma mãe, funda um Orfanato para meninas.

A Espiritualidade do Pe. Gailhac está radicada na sensibilidade aos oprimidos de sua época, na relação com pessoas que o influenciaram durante a vida e, sobretudo, no contato assíduo com a Palavra de Deus. Aos poucos vai delineando na sua vida uma Espiritualidade que se aproximava do Cristo compassivo, expresso na parábola do Bom Pastor. O Cristo que vai à procura da ovelha perdida. O Cristo **Que Veio Para Que Todos Tenham Vida.** Essa Espiritualidade o impulsionava a se fazer presente na realidade do hospital. Como o Bom Pastor, *ele estava lá por causa das epidemias e doenças ligadas à própria situação de exploração da mulher. Estava presente também junto aos presos, nas cadeias públicas, sem deixá-los permanecer no erro: com as meninas para preservá-las de uma vida de prostituição; com os meninos para formá-los em uma vida cristã.* Seu coração de Bom Pastor foi inegavelmente a válvula impulsionadora para chegar aos seus irmãos, bem onde suas ovelhas precisavam dele.

O contato com a realidade carente de dignidade tocava o coração do Pe. Gailhac e era a força motriz da sua caminhada. O cerne das preocupações era o *compromisso* com a vida. “A passagem bíblica **Eu Vim Para Que Todos Tenham Vida** pode ser utilizada para expressar a síntese da sua vida”², que foi sendo construída através do

2 MILLIGAN Mary, *Para que tenham vida.* Um estudo do espírito e carisma do fundador Pe. Jean Gailhac, Universidade Gregoriana de Roma. Ed. RSCM, Coimbra, 1982, pg. 61.

zelo apostólico. Tocado profundamente pela realidade e imbuído da necessidade de atuar sobre ela, ele se tornou catalisador de outras pessoas.

As obras crescem, as necessidades se multiplicam, as dificuldades aumentam. É preciso encontrar pastoras para seu redil que tenham a misericórdia e a ternura do Bom Pastor. Padre Gailhac quer fazer de sua vida e da vida de suas colaboradoras(es) uma expressão viva do Bom Pastor. Algumas jovens, que já colaboravam com ele nesta obra, permitem ao Padre Gailhac vislumbrar a possibilidade de fundar uma Congregação para apoiá-lo nessa missão tão exigente. Foi assim que ele fundou o **INSTITUTO DAS RELIGIOSAS DO SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA** junto com **Mère Saint Jean Pélissier Cure**, em 24 de fevereiro de 1849. O Instituto do Sagrado Coração de Maria nasceu para alimentar a experiência fundante do Pe. Gailhac, que se expressa na missão.

O fato do Pe. Gailhac ter escolhido o Sagrado Coração de Maria para consagrar o Instituto por ele fundado tem um significado profundo porque expressa no seu próprio núcleo a palavra que descreve aquilo de que mais precisamos hoje na Igreja, como no mundo: a *cordialidade*.

Cordialidade (vem de cor, cordis = coração). Essa expressão aponta para uma dimensão humana de fundo, o mais íntimo e secreto de toda a vida, lá onde habita o último sustentáculo da própria vida, onde pulsa o mistério, a pura generosidade e a graça de todas as coisas. É dessa cordialidade que o Instituto deve ser a memória viva³.

Pode-se fazer uma correlação entre a característica mais densa do Bom Pastor — a misericórdia — com o coração feminino de Maria.

Em hebraico rahamin significa compaixão e misericórdia. Exprime um sentimento profundo que a pessoa humana tem pela outra.

Para os semitas, tal sentimento tem sua morada no seio materno. Significa ter entranhas como uma mãe.

É nas entranhas maternas de Maria, no seu coração, que o Pe. Gailhac planta esse amor-misericordioso, que emerge da própria realidade do Cristo Bom Pastor. A figura da mulher-mãe como fonte geradora de vida nova é o receptáculo deste Carisma que nos deu a **Vida** como Religiosas.

Todas(os) aquelas(es) que se agrupam em torno a uma (um) Fundadora (Fundador), de certa forma comungam a mesma experiência espiritual e compartilham a mesma sensibilidade apostólica.

Portanto, pode-se afirmar que o compromisso com a Vida “das ovelhas perdidas” é o traço central na Espiritualidade das Religiosas do Sagrado Coração de Maria. **Eu Vim Para Que Tenham Vida (Jo 10.10)** é a grande herança que as irmãs receberam do seu fundador. O berço do Instituto do Sagrado Coração de Maria foram as obras de misericórdia do Pe. Gailhac. Ele deixa para as suas Religiosas o compromisso de ir ao encontro da ovelha perdida, imbuídas da misericórdia do Pastor. A missão do Instituto do Sagrado Coração de Maria tem como modelo *Maria*, essa mulher que viveu com ternura, compaixão e misericórdia⁴ a missão à qual foi chamada.

3. Este parágrafo é fruto de uma partilha fraterna com o Frei Prudente Nery a quem agradeço cordialmente.

4. Para um maior aprofundamento do tema da misericórdia veja o artigo, *Uma Espiritualidade de Misericórdia* de MATOS, José Cristiano Henrique, em *Convergência* no. 305, 1997, pgs. 413 — 419.

3. SE O PE. GAILHAC ESTIVESSE PRESENTE HOJE NA AMÉRICA LATINA, COMO SERIA A SUA PRESENÇA NESTE CONTINENTE CHEIO DE CONTRADIÇÕES? O QUE ELE TERIA A NOS DIZER?

Como vimos anteriormente, a América Latina é um continente marcado pela experiência de morte e o grande *compromisso* para a consciência cristã é a **defesa da vida**.

Atualmente os principais desafios que encontramos estão vinculados ao neoliberalismo que produz uma mentalidade de eficiência, de competitividade, de baixos custos e altos benefícios. A sociedade se dá o direito de decidir sobre a vida de inocentes, idosos, fetos e aidéticos. Por causa dessa situação, a sociedade está tombando em ruínas: a violência, o analfabetismo, a manipulação da mídia, o tráfico e o consumo de drogas; a discriminação social — racial, um sistema de saúde fracassado; a super-valorização do capital em detrimento da pessoa humana, gerando desemprego; um sistema educacional falido; as seitas religiosas manipulando o imaginário religioso do povo; o sincretismo, o fechamento ao ecumenismo, a falta de diálogo, a sede do poder, a emancipação da cultura em relação ao cristianismo. A crise do sentido da vida, a destruição da natureza e dos valores cristãos, o crescimento do individualismo marcam a nossa realidade latino-americana até podar a alegria de viver, a ternura, o prazer.

Dentre todos os desafios que encontramos no nosso continente, quero destacar aqui *a realidade das mulheres e dos menores abandonados, porque essa opção encontra-se no bojo do Carisma do Pe. Gailhac e das Religiosas do Sagrado Coração de Maria*.

Estamos num mundo fragmentado, onde existem várias possibilidades culturais e ainda individualizadas. A matriz da identidade do ser humano é fracionada. Como se comprometer com as exigências cristãs — com a defesa da vida — numa sociedade onde tudo está a serviço do econômico?

O que Pe. Gailhac teria de original nesse contexto Latino-Americano? A situação social da França na metade do século XIX, embora diversa da situação de um continente do Terceiro Mundo hoje, como a América Latina, apresenta contudo traços parecidos. Apesar da injustiça e da violência, há pessoas e comunidades que assumem a defesa da vida e se comprometem com a missão do Bom Pastor. A originalidade do Carisma dado ao Pe. Gailhac emerge da própria realidade do Cristo Bom Pastor, que veio ao mundo para que todos tenham vida. É a confirmação de que a pessoa humana tem valor infinito. A novidade de Jesus Cristo não cabe nos moldes da sociedade. Pe. Gailhac captou a novidade que é Jesus Cristo e centrou toda a sua vida ao redor desse pólo, comprometendo-se com a humanidade pobre marginalizada, oprimida, carente de vida e de dignidade. Estes são os dois eixos fundamentais: **a vida em Plenitude, a fidelidade ao Projeto do Pai: Amar a Deus e ao próximo**. A América Latina carrega na sua história a realidade cada vez mais crescente de pobres que enchem as ruas das cidades, principalmente de crianças, e de uma realidade de prostituição que gera pessoas doentes, portadoras do vírus HIV. A ação do Pe. Gailhac em favor dos excluídos é uma realidade da sua missão; hoje ele estaria convocando as Religiosas do Sagrado Coração de Maria para nutrir de maneira efetiva as esperanças do povo pobre, desenvolvendo uma cultura de solidariedade, principalmente com o menor carente e a mulher prostituída. Gailhac saberia dinamizar de uma forma nova o Carisma que Deus lhe deu. Ele descobriria alternativas para defender a vida e ainda se comprometer cada vez mais com a ovelha perdida.

Aí está a força da fecundidade da sua vida e da sua obra. O Carisma dado à Igreja por intermédio de Gailhac não é um Dom estático. Ele é dado pelo Espírito Santo que continua "fazendo novas todas as coisas".

4. A MODO DE CONCLUSÃO

A **defesa da vida** é um tema ligado ao Carisma do Instituto do Sagrado Coração de Maria ao qual pertencemos.

É um tema válido e importante não só dentro do conjunto da vida do Pe. Gailhac, mas também como algo que inspira suas seguidoras e seguidores dentro de uma realidade que **clama pela defesa da vida**. É uma questão urgente hoje a valorização da vida e da dignidade humana num mundo norteado por ideologias que geram a miséria, a violência e a morte.

Para Pe. Gailhac é claro o modelo do Cristo Bom Pastor. Essa centralidade do Pastor que vai ao encontro da ovelha perdida é a experiência fundante de Deus em sua vida. Essa experiência o motiva a se arriscar diante das necessidades com a certeza de que Deus está com ele. É bem

definido o eixo da sua experiência de Deus: o Bom Pastor como fonte irradiante, força motora da sua entrega a Deus.

O Instituto das RSCM é convocado, através de seus membros, a **resgatar** hoje o "Tesouro" de sua origem e a se inculturar dentro de um novo tempo, para que a semente que o gerou permaneça viva e comprometida com a Missão de Jesus Cristo, **que veio para que todos tenham vida**.

O compromisso com a vida é a **chave central da missão das Religiosas do Sagrado Coração de Maria**. A experiência espiritual do Pe. Gailhac é o poço no qual as RSCM devem beber para aprender de quem trilhou o caminho da intimidade com Deus. É do acolhimento dessa espiritualidade que nasce a revitalização da Congregação.

Bebendo desse poço e extraindo dele novos alicerces místicos e novas perspectivas de Missão, para o mundo de hoje, estaremos ampliando o espaço para que se cumpra a utopia do Pe. Gailhac e para que a Congregação Sagrado Coração de Maria possa "nascer de novo" pela graça do Espírito, num autêntico e fecundo processo de "reconversão", de "refundação", para que "todos tenham vida".

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. O artigo procura trazer o carisma congregacional das origens para o momento atual do continente latino-americano, a fim de perceber a contribuição mais específica desse carisma, na evangelização hoje. Você crê que se poderia fazer o mesmo no caso da sua congregação? Como?
2. De acordo com o artigo, a grande intuição do carisma das religiosas do Sagrado Coração de Maria é a defesa da vida. Como esta intuição questiona a VR na sua globalidade hoje? Como questiona em particular a sua Congregação?

CARISMA FRANCISCANO E MODERNIDADE

Frei Silvestri Gialdi, OFM Cap
Caxias do Sul, RS

A modernidade é uma experiência pluralista. Atinge as estruturas, as organizações, os paradigmas, as idéias, as culturas, as expressões humanas. O carisma franciscano passa pela modernidade para enriquecê-la com seu espírito.

INTRODUÇÃO

Inicialmente, parte-se do pressuposto de que é possível se fazer uma aproximação reflexiva e teórica entre o carisma franciscano e a modernidade. Parte-se da hipótese básica da aceitação das questões sobre mutabilidade, temporalidade e fenomenologia. A modernidade é um modo de pensar, de interpretar e de agir que envolve todos os campos e setores da vida humana. Parte de uma determinada época, fundamenta-se em diferentes paradigmas teóricos e orienta-se por novas metodologias, que provocam mudanças contínuas e desconcertantes. Por sua vez, o carisma franciscano é envolvente e dinâmico a respeito da interpretação, vivência, inculturação e metodologia, que provoca uma forma de vida original e

evangélica: a fraternidade, o irmão como companheiro, com que compartilho a vida, a casa e o pão.

Ao mesmo tempo, parte-se do pressuposto da existência de implicâncias, intervenções e influências mútuas, sem provocar dominação, subserviência e submissão. Parte-se do pressuposto que existam aproximações e afastamentos entre modernidade e carisma franciscano. A modernidade influencia e intervém na atualidade, na inculturação e na interpretação do carisma franciscano, conforme as épocas, culturas, "lugares, tempos e regiões frias" (*Regra bulada* n. 4,2). Por sua vez, o carisma e o pensamento franciscano questionam, iluminam e enriquecem a modernidade com a sensibilidade franciscana no mundo da vida, nas relações da vida e na forma de vida. E, também, oferece questionamentos, reflexões, subsídios teóricos, perspectivas práticas e experiências vivenciais para a construção da sociedade, privilegiando relações equilibradas, justas e fraternas.

O pensamento franciscano e a experiência carismática franciscana superam a teoria da superioridade do ser humano e da racionalidade humana, como sustentava ontologicamente a filosofia grega, suporte teórico da civilização ocidental. Parmênides (VI-V a.C.) afirma: "O ser é e o não-ser não é" (*frag.* 2). Na mesma direção segue Protágoras (490-420 a.C.). Para ele, "o homem é a medida de todas as coisas, das que são enquanto são, e das que não são en-

quanto não são" (*frag.* 1). E, também, Aristóteles (384-322 a.C.) sustenta hierarquias e superioridades: "O homem é por natureza melhor, a mulher pior; aquele apto para comandar, esta para obedecer" (*Política* A5, 1254b, 13-14).

Este é um sistema racional e lógico que premia uma hierarquia piramidal em todas as relações e com todas as criaturas. Favorece o domínio, o consumo e o desperdício. Ao mesmo tempo, marginaliza, exclui e barbariza. Ao passo que a visão franciscana do mundo e da vida organiza o sistema de participação e de convivência a partir da compreensão da autoridade como serviço, cuidado e zelo pela fraternidade. Prioriza o usufruto dos bens a partir da ética da frugalidade. E enaltece a convivência pacífica e fraterna da cigarra e da formiga porque ambas louvam a Deus, respectivamente, pelo canto e pela organização do trabalho.

A seguir, como ponto de partida, buscase delimitar os termos e os conceitos gerenciadores da questão: modernidade e carisma franciscano.

1. COMPREENSÃO DE MODERNIDADE E DE CARISMA FRANCISCANO

O pensamento humano, as idéias refletidas, os termos empregados e os conceitos elaborados são dinâmicos. As mudanças obedecem os passos da história, que nem sempre respondem ao consenso argumentativo. Conseqüentemente, vive-se numa cultura do pluralismo não consensual, da diferença excludente e da contextualização circunstancial.

1.1. Fundamentos de Modernidade e de Pós-Modernidade

A compreensão de modernidade implica, necessariamente, no surgimento de um novo espírito humano, com ramificações em todos os campos do conhecimento humano e com

influências em todos os setores da vida humana. Jürgen Habermas, pensador alemão nascido em 18 de junho de 1929, aponta três paradigmas fundamentais do pensamento ocidental (*Pensamento pós-metafísico; estudos filosóficos*, 1990).

a) Pensamento Pré-Moderno

O pensamento pré-moderno caracteriza-se pelo paradigma ontológico. Aborda, reflete, sistematiza e concebe a realidade em sua essência e em sua natureza. O centro é o ser em si mesmo, na sua ontologia, essência e natureza: ser enquanto ser objetivo, compreendido pela objetividade metafísica conceitual. A visão da realidade e a concepção de mundo obedecem aos paradigmas da racionalidade, da lógica, dos princípios e da dedução.

b) Pensamento moderno

O pensamento moderno caracteriza-se pelo paradigma mentalista. Aborda, reflete, sistematiza e concebe a realidade a partir da consciência. Compreende, interpreta e vive a realidade mundana a partir da subjetividade, da intencionalidade, das experiências existenciais, das vivências cotidianas e do mundo da vida. Valoriza a consciência, a integração, a unidade e a harmonia. O centro é o homem enquanto sujeito livre, autônomo e consciente. Portanto, a pessoa humana tem direito às experiências mundanas, às vivências felizes, às relações intersubjetivas, à autonomia, à realização e satisfação. O pensamento moderno valoriza a existência livre, a ética do desejo, a experiência da mundanidade fenomenológica e a busca da felicidade sensível e mundana.

c) Pensamento Pós-Moderno

O pensamento pós-moderno caracteriza-se pelo paradigma lingüístico. Pois, o agir comunicativo de integração social,

como força consensual, é mais importante do que o agir estratégico, meio de transmissão e comunicação e informações. Não basta ter acesso às informações através do agir estratégico, faz-se necessário promover a integração social pela mediação do agir comunicativo. O pensamento pós-moderno concebe, reflete e aborda a realidade por meio da linguagem e seus códigos. Portanto, destaca a convivência integrada, solidária e holística. Busca a unidade subjacente e harmônica nos encontros intersubjetivos, através da aproximação recíproca, da revelação mútua e da representação simbólica. Conseqüentemente, rejeita a dominação, o convencimento e a persuasão, que agridem a liberdade e a vontade, a autonomia e a consciência.

O pensamento pós-moderno busca a superação da racionalidade, dos argumentos, das provas e das metodologias dedutivas e cartesianas. E, por sua vez, desperta e valoriza a intencionalidade, intersubjetividade e o agir comunicativo dinâmico. As relações intersubjetivas obedecem à dinâmica paradoxal da proximidade e afastamento, do interesse e desinteresse, do maravilhamento e temor, do encanto e estupor, da prostração e reverência, da consternação e indiferença, da adesão e escolha, da intuição e emoção, da sedução e desejo, da autonomia e solipsismo, da articulação e diálogo, das alianças e parcerias, da globalização e turbocapitalismo. Conseqüentemente, valorizam-se a corporeidade, os sentidos, a estética, as facilidades, as rendas, a funcionalidade, o presentismo e o virtual. Ao mesmo tempo, nas relações intersubjetivas cotidianas, destacam-se a sensibilidade, a ternura e a afetividade. É o tempo franciscano.

1.2. Fundamentos do Carisma Franciscano

No sentido bíblico, *Carisma* significa o resultado e o fruto da ação livre e espon-

tânea do Espírito Santo: a graça divina produz estupor, adesão e bem-estar. E, também, designa os fenômenos e as manifestações particulares da fé, expressas pelas cartas paulinas. Portanto, carisma é o dom dispensado benevolmente por Deus e pela ação direta do Espírito Santo.

Contudo, ao longo da história da Igreja, os carismas são concebidos como “dons excepcionais e extraordinários que Deus concede a alguns cristãos, não para o seu bem pessoal, e sim, para o bem de toda a igreja” (*Dicionário teológico da vida consagrada*, 1994, p. 91). Aos poucos, surgem posições diferentes: para uns estudiosos, os carismas se restringem à Igreja primeva e, para outros, os carismas acompanham a ação da Igreja. Por sua vez, o Vaticano II recupera e resgata o sentido original bíblico.

Na Vida Religiosa Consagrada, a Igreja reconhece o carisma nos fundadores de institutos religiosos: a intuição original dos fundadores é uma iluminação direta do Espírito Santo. São Francisco de Assis expressa claramente o carisma recebido como inspiração divina: “Foi assim que o Senhor me concedeu a mim, Frei Francisco, iniciar uma vida de penitência”. A seguir continua: “E o Senhor mesmo me conduziu entre eles [leprosos]”. Na mesma convicção prossegue: “E o Senhor me deu tanta fé nas igrejas que com simplicidade orava [...]. E o Senhor me deu e ainda me dá tanta fé nos sacerdotes que vivem segundo a forma da santa Igreja romana [...]. E depois que o Senhor me deu irmãos ninguém me mostrou o que eu deveria fazer, mas o Altíssimo mesmo me revelou que eu devia viver segundo a forma do santo evangelho” (*Testamento*, n. 1-14).

O documento, *A doutrina da igreja sobre a vida religiosa*, assim se manifesta: O Espírito Santo “suscita o carisma do fundador do instituto e cria um tipo particular de espiritualidade, de vida, de apostolado

e de tradição [...]. O Concílio pôs em evidência a necessidade que se tem de cultivar estes carismas como tantos dons de Deus. Eles determinam a natureza, o espírito, o projeto e a característica que formam o patrimônio espiritual de cada instituto e são fundamentais para a identidade do instituto, elemento essencial para a fidelidade de cada religioso” (1983, n.11). Portanto, estes são os elementos fundamentais e constitutivos do *CARISMA* na vida consagrada: natureza ou fundamento, espírito ou forma de vida, projeto ou missão eclesial, característica ou necessidade eclesial.

O Carisma Franciscano nasce da experiência carismática de São Francisco e de Santa Clara. E o carisma original franciscano multiplica-se em inúmeras formas de vida através dos fundadores de congregações e institutos religiosos franciscanos, constituindo a Família Franciscana. Embora cada instituto franciscano tenha a sua particularidade carismática, a seguir apontam-se os elementos constitutivos e originais do carisma franciscano, que têm como pressuposto o Evangelho e a Igreja.

a) Natureza ou fundamento

Seguir os passos e as pegadas de Nosso Senhor Jesus Cristo pobre, humilde e crucificado. São Francisco resgata e vive a humanidade humana, sofredora e redentora de Jesus Cristo. Celebra com solenidade, criatividade e originalidade as festas do Natal, Paixão, Páscoa e Pentecostes.

b) Espírito ou forma de vida

Viver a fraternidade orante, contemplativa, penitente, pobre, minorítica, inserida no povo, amante da paz e da natureza. Em Francisco de Assis destacam-se estas experiências e práticas: cortesia para com todos, colocar tudo em comum, usufruir com frugalidade o fruto do próprio trabalho e viver uma religião alegre.

c) Projeto ou missão eclesial

Pregar a paz e a penitência pelo exemplo e pela palavra: missão querigmática do anúncio e da proclamação de Jesus Cristo e do Evangelho. O franciscanismo nasce na periferia estrutural e hierárquica da sociedade e da Igreja. Os destinatários da missão franciscana são os excluídos, os pobres e os pecadores. Francisco de Assis inspirou-se no modo apostólico de evangelizar: sair do século, dar o dinheiro aos pobres, estar com o Senhor e ir pelo mundo dois a dois, iluminados pelo Espírito do Senhor e sua santa operação (Mt 19,21; Lc 9,3; Mt 16,24).

d) Característica ou necessidade eclesial

Promover a renovação espiritual do povo e resgatar a dignidade humana. São Francisco usa verbos dinâmicos e fortes para caracterizar a necessidade evangelizadora e apostólica: visitar, aconselhar, admoestar e exortar; corrigir com benevolência, humildade e caridade; usar “linguagem ponderada e piedosa para a utilidade e edificação do povo”; anunciar “os vícios e as virtudes, o castigo e a glória, com brevidade”; sem discutir e debater, mas ser manso, pacífico, modesto, afável e humilde (*Regra bulada* 3,10-11; 9,3-4; 10,1).

2. CARISMA FRANCISCANO, MODERNIDADE E EDUCAÇÃO

O carisma franciscano, a visão franciscana da vida, a interpretação franciscana da realidade e a concepção franciscana do mundo são elementos fundamentais e pertinentes para formar o espírito, a mente, o coração e o agir humano. Francisco de Assis desperta admiração e encanto pela sua sensibilidade, ternura, alegria, afabilidade, leveza de espírito e pelas relações fraternas e

justas. Faz-se necessário conhecer, refletir, aprofundar e vivenciar as suas experiências e vivências, como afirma Confúcio (551-497 a.C.): “O estudo sem o pensamento é inútil. O pensamento sem o estudo é pernicioso” (*Lun-yu* II, 15).

A forma de vida franciscana não se organiza a partir da estrutura, da hierarquia e da legislação. Prioriza a conversão, que significa sair do século, dar dinheiro aos pobres, fazer penitência e estar com o Senhor. Privilegia a fraternidade, que se concretiza pelas experiências e vivências de relações fraternas profundas, amplas, cordiais e alegres. E prioriza a pregação, que acontece mediante o testemunho e a palavra, seguindo o modelo apostólico. Esta forma de vida torna-se inspiração e iluminação para as experiências humanas ao longo dos tempos. Por isso, é possível refletir a relação entre carisma franciscano, modernidade e educação.

Primeiramente, conceitua-se a modernidade como modelo e paradigma de percepção, interpretação e explicação da realidade, sem estabelecer fronteiras limítrofes entre modernidade e pós-modernidade, nem sempre nítidas. Neste sentido, a modernidade sustenta-se em três paradigmas: a superestrutura, a infra-estrutura e a fenomenologia. A superestrutura se identifica com a cultura que se expressa no significado, no sentido, nas emoções, nas atitudes, na conduta e nas intenções da pessoa humana frente à sua realidade vivencial, social, existencial e espiritual. Por sua vez, a infra-estrutura se identifica com a natureza no campo da genética, da anatomia, da fisiologia, dos instintos e dos impulsos, apoiando-se no sentido de corpo e corporeidade. Por fim, a fenomenologia ultrapassa o mundo cultural e físico, porque a pessoa humana também se expressa no mundo da percepção e do significado de si mesmo, dos outros e do mundo, como sentido, intencionalidade, significado e experiência de estar-no-mundo e no mundo da vida.

A seguir, destacam-se os elementos paradigmáticos de aproximação e de afastamento entre o carisma franciscano e a modernidade.

a) Utopias e desejos

A sociedade piramidal e funcionalista se organiza a partir de uma estrutura centrada na autoridade e poder, na lei e instituição, que impõe limites às utopias e desejos humanos. Ao passo que o carisma franciscano e a modernidade destacam os desejos, os sonhos e as utopias como buscas, experiências e vivências centradas na intencionalidade, no coração, na subjetividade, no vivido e no mundo da vida. Conseqüentemente, os valores fundamentais não são as normas, as instituições, as virtudes e as conquistas. Mas, apresentam como valores o serviço prestado com satisfação e emoção; as relações fraternas intersubjetivas e afetivas; a sensibilidade aberta frente às realidades e o valor das experiências e vivências cotidianas.

Porém, as utopias e desejos da modernidade secularizam-se no mundo feliz e confortável, gerado pelo progresso sem fim. Na experiência franciscana as utopias e os desejos acontecem na vida cotidiana. Ao mesmo tempo, a vida é acolhida com gratuidade, celebração, festa, beleza, graça e fraternidade. Os sonhos, os desejos e as utopias franciscanas revelam-se no reconhecimento da humanidade, sem suas esperanças e debilidade, assumidas com humildade, amor, jovialidade e alegria na perspectiva escatológica (*Fioretti* n.8; *Admoestação* n.5).

b) Relação de gênero

O pensamento pré-moderno (ontológico), nas relações de gênero, prioriza a superioridade do masculino sobre o feminino, a ontologia sobre a antropologia, a sexualidade natural e procriativa sobre a sexualida-

de responsável e prazerosa. O pensamento moderno (mentalista) valoriza a emancipação da mulher, as conquistas femininas, o direito às experiências, à autonomia e à realização. Ao passo que, o pensamento pós-moderno (lingüístico) privilegia as relações factuais e temporais, aqui e agora. Valoriza as relações afetivas prazerosas em diversos níveis e experiências de companheirismo e parceria. Buscam-se novas formas e criam-se novos conceitos de relações afetivas e sentimentais: a esposa (relação de casamento) é substituída pela companheira (relação de convivência) ou pela parceira (relação sem compromisso) e, também, legitimam-se convivências homossexuais e lésbicas.

As vivências abordam a si mesmo e as convivências destacam a integração, a unidade e a harmonia. Por isso, as relações de gênero (masculino e feminino) valorizam a complementaridade profunda, a beleza permanente, a aproximação mútua, o encontro intersubjetivo, a comunicação ativa e a realização do desejo masculino e da sedução feminina. Por sua vez, a sensibilidade de percepção masculina acolhe e valoriza o estilo de vida da mulher.

Ao mesmo tempo, condenam-se o assédio sexual e as relações de domínio, fragmentação, interesse, utilidade e divisão de papéis. Priorizam-se a inteligência emocional e não a inteligência racional. A satisfação, o sentido e o vivido e não a eficiência, o resultado e a eficácia. Enfim, as relações de gênero são conduzidas pela intersubjetividade, pela cortesia, pela afetividade, pela ternura e pela comunicabilidade. É eloquente a relação de amor e de cortesia entre Francisco e Clara, que ultrapassam os tempos e as culturas.

c) Subjetividade e intersubjetividade

A modernidade valoriza a liberdade de escolha, a realização pessoal, a construção

da autonomia, a satisfação pela vida, a harmonia dos contrários, a aceitação do distinto, a convivência com o diferente, a intencionalidade de consciência, o respeito à individualidade, o direito às experiências e às vivências prazerosas.

Por sua vez, o carisma franciscano destaca e privilegia a harmonia entre a razão simbólica e a razão dialética: intuição e racionalidade, emoção e inteligência, sentimento e lógica, sabor e saber, síntese e análise, estética e ética. Enfim, significa sentir as coisas belas com o coração. Na experiência cotidiana, o franciscanismo prioriza a decisão tomada pela vontade sobre a decisão tomada pelo conhecimento. Prioriza a liberdade iluminada pela intencionalidade do coração sobre a liberdade construída pela racionalidade lógica. É a valorização do ser humano enquanto sujeito intencional. E a valorização das relações intersubjetivas como experiência pessoal afetiva e cortês.

Francisco estimula as relações intersubjetivas, fraternas e afetivas, quando escreve: “E um [frade] manifesta ao outro com confiança as suas necessidades, para que este lhe arranje o necessário e lhe sirva. E cada qual ame a alimete o seu irmão como a mãe ama e nutre a seu filho” (*Regra não bulada* n. 9,13). Em outra passagem encontra-se: “[os frades] tomem cuidado em não se escandalizar ou perturbar com o pecado de alguém, porque a ira e a perturbação entram a caridade em si mesmo e em outros” (*Regra bulada* n. 7,3). Em Santa Clara encontra-se a mesma disposição: “Se alguma [irmã], como acontece, estivesse perturbada por uma tentação, ou tomada de tristeza, chamava-a à parte e a consolava entre lágrimas” (*Legenda de Santa Clara* n. 38).

d) Justiça e sensibilidade social

O carisma franciscano e a modernidade priorizam a sensibilidade e a intencionalidade e não a racionalidade e a logicidade.

Pela lógica racional, aceita-se o princípio popular, “dar a cada um o que é seu”. Na visão franciscana, a propriedade, para garantir a sua legitimidade, desempenha função social: direito à moradia, ao alimento, ao trabalho, à partilha, ao gozo, ao saber, à vida digna e confortável. Enfim, todos têm direito ao acesso e ao usufruto das conquistas humanas e dos bens da natureza.

A justiça e a sensibilidade social legitimam esta afirmação: “Quem trabalha e mata a fome, não come o pão de ninguém. Mas quem ganha mais do que come, sempre come o pão de alguém”. Por isso, a propriedade não tem apenas sentido de conquista legítima e de produção, mas tem valor de hipoteca social e de luta social. Francisco de Assis orienta para a solidariedade fraterna: “[Os frades] devem alegrar-se, quando freqüentam pessoas vis e desprezadas, entre pobres, fracos, enfermos, leprosos e os que mendigam pelo caminho” (*Fragments de outra Regra não-bulada* n.71). Por sua vez, o *Sacrum commercium* (n.59-63) descreve uma eloqüente, poética e plástica alegoria da sensibilidade profundamente terna e humana da prática vivencial de Francisco e seus companheiros: o banquete com a santa pobreza.

e) Paz e consciência ecológica

O carisma franciscano, com sensibilidade original, prioriza a fraternidade universal e a fraternidade cósmica: ser irmão de todas as criaturas, convivendo no mundo entendido como a “grande casa paterna”, conforme São Boaventura. E São Francisco ama e respeita todas as criaturas com ternura fraterna, porque cada uma louva a Deus à sua maneira. E o *Cântico do irmão sol* revela a sua esperança e a sua grandeza poética, mistagógica, doxológica e escatológica.

Ao mesmo tempo, destacam-se o anúncio da paz, a promoção dos excluídos e a valorização da cortesia nas relações com

todas as criaturas. Na experiência carismática original não acontece a exclusão de categorias profissionais ou de classes sociais. Na *regra bulada* (n.2,17), São Francisco adverte: “Eu os admoesto e exorto a que não desprezem nem julguem os homens que virem usar vestes delicadas e coloridas, tomar alimentos e bebidas finas [...]”.

Por sua vez, a modernidade empenha-se na busca da paz, na superação da violência, na consciência ecológica. Combate os tóxicos, a devastação, o lixo, a destruição, o desperdício, a poluição. Existe a preocupação com a qualidade de vida, com a preservação da natureza, com os valores éticos. Pesquisa formas alternativas de energia, de alimentos, de tratamentos e de medicamentos. Enfim, a sensibilidade moderna se preocupa com a vida longa, feliz e confortável.

f) Sensibilidade religiosa e ternura de Deus

É eloqüente a aproximação do carisma franciscano e a modernidade quanto à sensibilidade religiosa e a ternura de Deus. O carisma original franciscano supera a experiência severa de Deus e as práticas sisudas de oração da vida monástica: o sorriso dissipava a contemplação. Francisco de Assis descobre e vivencia a ternura, o carinho e a bondade de Deus Pai: uma religião alegre, libertadora e redentora.

A modernidade despertou e revigorou a sensibilidade religiosa de forma pluralista e conflitiva. As manifestações conflitivas acontecem mediante interpretações e paradigmas diferenciados, como: socialização da fé e privatização da fé; fanatismo religioso e indiferença religiosa; multiplicação de novas igrejas e retratação das igrejas históricas; valorização da simbologia religiosa e secularização dos ritos e símbolos religiosos; verdade religiosa e sincretismo religioso; crença, serviço, culto, celebração do mistério e militância política. Ao mesmo tempo, verificam-se novas práticas e novas expe-

3
1
0
B
e
00
1
0
>
B
0
0

riências, como: vivência da fé aprofundada pelo conhecimento teológico da fé; convencimento catequético acompanhado pela mistagogia de Deus; prática sacramental iluminada pela adesão afetiva de Deus; vivência mística da fé comprometida com a transformação social.

Por sua vez, a vida, a experiência, a prática e a vivência da sensibilidade religiosa de Francisco de Assis se manifestam pelos louvores ao Deus Altíssimo, zeloso, bom, misericordioso e justo; a cortesia é uma das propriedades de Deus (*Fioretti* n.37). Pois, Francisco e Clara deixaram-se tocar e seduzir pelo mistério e pelo poder de Deus.

CONCLUSÃO

Neste momento, apontam-se desafios para as aproximações e afastamentos entre o carisma franciscano e a modernidade. O carisma franciscano é uma experiência humana que desemboca nas vivências coti-

dianas e nas realidades do mundo através da prática da fé, da espiritualidade específica, da experiência da ternura de Deus, da vida fraterna, da pobreza evangélica e da missão apostólica. Portanto, a experiência franciscana obedece ao projeto de Deus. Ao mesmo tempo é uma experiência profundamente mundana, que dá sentido ao mundo e dá sentido à pessoa humana no mundo, a partir de Jesus Cristo e da Igreja.

Por sua vez, a modernidade é uma experiência pluralista porque atinge as estruturas, as organizações, os paradigmas, as idéias, as culturas e todas as expressões humanas. Conseqüentemente, o carisma franciscano passa pela releitura da modernidade mediante um duplo compromisso e uma dupla responsabilidade. Não perder a originalidade carismática, experiencial e vivencial, e voltar continuamente às fontes como metodologia e fundamento de renovação. Em segundo lugar, ser uma mediação necessária para enriquecer o espírito da modernidade.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Existe uma ligação metodológica, reflexiva e teórica entre carisma franciscano e modernidade. Quais são os principais elementos de aproximação, de afastamento e de implicância mútua? Como, se você não é franciscano, franciscana, isto se dá também na sua congregação? Como?
2. O pensamento humano segue uma direção linear em busca de novos conhecimentos, novas interpretações e novas formas de vida. Por sua vez, a renovação carismática franciscana apóia-se na metodologia da "volta às fontes". Como enriquecer a experiência franciscana e a vivência dos carismas conforme o avanço dos tempos, sem empobrecer o carisma original das fontes?
3. A forma de vida franciscana fundamenta-se na fraternidade, "depois que o Senhor me deu irmãos". Como priorizar e privilegiar a fraternidade frente aos desafios e as exigências da vida apostólica e da vida profissional, seja na família franciscana seja em outras Instituições e Congregações?

CORREÇÃO FRATERNA

FUNDAMENTOS BÍBLICOS E INDICAÇÕES PARA SUA PRÁTICA

Pe. Álvaro Barreiro, SJ

Em Mateus, a Correção Fraterna é feita por aqueles que receberam de Deus a autoridade para governar a Igreja e conservá-la na unidade.

INTRODUÇÃO

Quem se der ao trabalho de examinar as Constituições, Regras e Costumeiros anteriores aos anos 60 das Ordens e Congregações religiosas, encontrará certamente alguma referência à prática da Correção Fraterna (CF). Os que entraram na Vida Religiosa (VR) antes dessa década certamente conheceram e praticaram, com o nome de “exercício de modéstia”, “quartinho de caridade”, “lapidatio” e outros, alguma das formas de CF ainda em uso. Essas práticas foram abandonadas porque se tornaram meramente formais e estéreis. Na sua origem, porém, foram expressão de um imperativo que pertence ao coração mesmo do Evangelho.

A finalidade deste artigo é abrir caminhos de acesso ao tesouro escondido na prática da CF. Para isso mostraremos, em primeiro lugar, os seus fundamentos bíblicos a partir da sua prática na Igreja do NT e o valor permanente dessa prática; num segundo artigo, apresentaremos algumas formas novas de seu exercício, na esperança

de que a prática da CF possa produzir nas comunidades frutos de conversão pessoal, de comunhão fraterna e de dinamismo apostólico.

A esses dois momentos correspondem os dois artigos. No primeiro, de caráter aparentemente mais teórico, é dada a fundamentação bíblica da CF a partir do evangelho de Mateus e dos escritos paulinos. No segundo, são indicadas e comentadas algumas formas concretas de praticar a CF que a experiência mostrou serem não só viáveis, mas também muito frutuosas. Julgamos conveniente chamar a atenção, desde o início, sobre a importância dos dados bíblicos. Além de servirem de fundamentação da CF, os textos indicados poderão ser usados para a oração, que, como mostraremos mais adiante, deverá sempre preceder ao exercício da CF. Sem a prática da oração, a prática da CF não produzirá os frutos esperados.

As reflexões que seguem não foram elaboradas a partir de princípios teóricos. Surgiram da experiência de práticas concretas de CF, feitas em comunidades de VR (no caso, de estudantes de teologia de uma ordem religiosa apostólica) e em comunidades de leigos jovens e adultos. O contexto será mais explicitado quando tratarmos dos pressupostos e das exigências, da dinâmica e dos frutos da CF.

Escrito para a revista *Convergência*, os destinatários deste artigo são, em primeiro lugar, os membros das comunidades de diversas formas de VR. Esperamos, contudo,

que ele possa ser também lido e posto em prática por leigos desejosos de aprofundar a vida comunitária e viver mais radicalmente a comunhão fraterna.

CORREÇÃO E AJUDA FRATERNAS NO NOVO TESTAMENTO

I. A CORREÇÃO FRATERNA SEGUNDO MATEUS¹

O texto clássico da CF, Mt 18,15-18, encontra-se no centro do capítulo eclesial do evangelho de Mateus. Ao longo de todo ele são dados conselhos, orientações e normas concretas sobre o comportamento de todos os discípulos de Jesus, especialmente dos pastores, dos que têm a responsabilidade da autoridade na comunidade. Com outras palavras, são apresentadas as relações que devem vigorar na Igreja. Para poder ser corretamente compreendida, a CF deve ser vista nesse contexto.

Evidentemente, Mt 18 não é uma reconstrução histórica das palavras de Jesus, no sentido da historiografia moderna. A partir das fontes de que dispunha e que remontam a Jesus, o evangelista elabora uma construção teológica sobre um tema julgado por ele de capital importância para a comunidade destinatária do seu evangelho.

Antes de abordar o tema específico da CF tal como é apresentado em Mt 18, e os temas tratados nas perícopes imediatamente anteriores e posteriores, faremos algumas referências ao tema da fraternidade, tão acentuada por Mateus.

1. O tema da fraternidade no evangelho de Mateus

Para Mateus a Igreja é uma fraternidade, pois os discípulos são irmãos (cf. 5,22-24.47; 7,3-5; 18,15.21.35; palavras verdadeiramente revolucionárias, do ponto de vista do conteúdo, postas em boca de Jesus em 23,8; 25,40; 28,10)². Por isso, devem praticar a reconciliação (5,24), não escandalizar os “pequeninos” (18,6s.), corrigir-se (18,15-17) e perdoar-se mutuamente (18,21-35).

A Igreja de Mt possui, sem dúvida, um “forte sentido de organização e de autoridade”³. Mt vê a Igreja como uma instituição com estruturas, leis e autoridade. O primeiro evangelho é o único em que aparece (três vezes) a palavra “igreja”. Por outro lado, a Igreja de Mt é uma instituição absolutamente *sui generis*. Não é uma instituição autônoma, mas é “edificada” por Jesus. A norma definitiva e absoluta nela é a voz de Jesus, são os ensinamentos e as práticas de Jesus. Não só sua origem está em Jesus, mas o governo e a autoridade têm de ser exercidos na Igreja como Jesus os exerceu. O evangelista repete uma e outra vez, nos contextos mais variados, que todo poder e autoridade na Igreja vêm de Jesus, são dados por Jesus e devem ser exercidos “não só em nome de Jesus, mas também segundo o espírito de Jesus e por meio dos ensinamentos e mandamentos *dele*”⁴

Outro tema muito enfatizado por Mt é a vinculação inseparável entre doutrina e prática, entre a prática da nova ética do Reino e a salvação. Somente os que *praticam* os mandamentos de Jesus poderão ser considerados grandes no Reino dos Céus (5,19). O “evangelho eclesiástico” sublinha particularmente a vivência e a prática do Evangelho

1. Para a elaboração desta parte servimo-nos sobretudo do estudo de Sergio LODIGIANI et alii, *Riflessioni sulla correzione fraterna* (pro manuscripto), Roma 1982, esp. pp. 139-188, e da obra de R. E. BROWN, *As Igrejas dos Apóstolos*, Ed. Paulinas 1986, esp. pp. 175-185.
2. Para um maior desenvolvimento deste tema, cf. J. RATZINGER, *Fraternità cristiana*. Ed. Paoline, Roma 1960, pp. 35-48.
3. R. E. BROWN, *Op. cit.*, 171.
4. *Ibid.*, 175.

na vida comunitária; sublinha, com outras palavras, a relação entre eclesiologia e ética. Todos os grandes discursos de Mt revelam o que é e deve ser a vida e a prática da comunidade cristã. Para Mt, a fé deve manifestar-se nas obras; usando uma terminologia moderna, a “ortodoxia” deve traduzir-se na “ortopráxis”. Com este tema começa (imediatamente depois das bem-aventuranças) e termina o Sermão da Montanha (cf. 5,13-19 e 7,21-23.24-27). A missão universal dada aos discípulos pelo Ressuscitado é sintetizada por Mt nestas palavras: “Fazei discípulos todos os povos ensinando-os a observar todas as coisas que eu vos ensinei-mandei” (28,19-20).

A novidade do comportamento dos discípulos, que deve estar sempre pautado pelo comportamento de Jesus, é resumida na conclusão acrescentada por Mt à parábola dos jornaleiros contratados para trabalhar na vinha: “Assim, os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos”. A parábola foi contada por Jesus justamente para mostrar como se comporta conosco o Deus “novo” e “desconcertante” anunciado por ele no Evangelho do Reino. O Deus revelado por Jesus não age segundo as leis do mercado, segundo o princípio da correspondência entre serviço prestado e salário recebido, entre “mérito” adquirido e prêmio ganho, nem segundo o princípio infração/punição. O Deus novo anunciado por Jesus age segundo uma “justiça maior que a dos escribas e fariseus” (5,20), age segundo a justiça do Reino, no qual os valores supremos são a bondade, a generosidade e a misericórdia.

2. Valores e práticas que devem vigorar na comunidade cristã segundo Mt 18

1. As três primeiras perícopes (vv. 1-14)

a) Quem é o maior no Reino dos Céus (vv. 1-5)

O gesto feito por Jesus para responder à pergunta dos discípulos é um sinal extre-

mamente eloqüente. Sua novidade revela-nos a novidade do Reino. Os critérios e valores do Reino estão em contraste frontal com os que vigoram “neste mundo”. A resposta de Jesus subverte esses critérios e valores: o maior é o que se faz o menor, o que se torna pequenino como uma criança. Para entrar no Reino, é necessário “converter-se”; neste caso, tornar-se como uma criança, despojar-se da própria autonomia e auto-suficiência e assumir as atitudes e o comportamento próprios de uma criança: 1) o reconhecimento da própria “pequenez”, isto é, da própria incapacidade e, portanto, da dependência; 2) viver, conseqüentemente, as atitudes da receptividade e da abertura e a experiência da gratuidade. Nessas atitudes e comportamentos está, segundo o Evangelho, a verdadeira grandeza.

Para ser discípulo de Jesus é necessário acolher com essa radicalidade e despojamento os “pequeninos”, os pecadores, os pobres, os doentes, os frágeis na fé. Eles devem ser acolhidos “em nome de Jesus”, isto é, por amor a Jesus, como se acolhêssemos o próprio Jesus (pois Jesus identifica-se com as “crianças” acolhidas), e como Jesus os acolhe. Esse comportamento é proposto por Mateus em primeiro lugar aos pastores, aos que receberam a responsabilidade da autoridade para edificar e manter unida a comunidade dos discípulos de Jesus.

Com outras palavras, para “entrar no Reino dos Céus”, para ser “grandes” segundo os valores do Reino, é necessário pensar, sentir e agir como Jesus: ser “pobres” no sentido bíblico, “mansos e humildes de coração”, “misericordiosos como o Pai é misericordioso”, negar-se a si mesmo, despojar-se de si mesmo e pôr-se ao serviço dos outros, especialmente dos mais necessitados, e deixar-se ajudar pelos outros.

b) Gravidade do escândalo feito aos pequeninos (vv. 6-9)

“Escandalizar” é criar uma ocasião de tropeço e de queda, fazer cair. Os “peque-

314
ninos" a que se refere o texto ("um destes pequeninos") são os membros da comunidade que, pelo fato de pertencerem à comunidade, são "discípulos". A afirmação de que os escândalos causados aos irmãos na fé, a "um destes pequeninos que crêem em mim", são inevitáveis, não diminui a terrível gravidade do escândalo, como mostram as afirmações terríveis feitas por Jesus: É melhor ser precipitado nas profundezas do mar com uma pesada mó de moinho amarrada ao pescoço do que escandalizar um pequenino; é melhor perder um olho ou uma mão do que ser jogado com os dois olhos e as duas mãos no "lixão" de Jerusalém para ser queimado lá para sempre por causa de um escândalo cometido.

A história da Igreja mostra-nos, e a experiência de todos nós confirma-nos, que às vezes os que são escandalizados, sobretudo pelos que têm poder, afastam-se definitivamente da Igreja.

c) A busca dos perdidos (vv. 10-14)

O irmão que se perde deve ser buscado e ajudado e não abandonado e desprezado. Mesmo perdido, é amado por Deus; mesmo perdido, é olhado no rosto por Deus com um olhar de carinho infinito (cf. v. 10); justamente por estar perdido é mais amado por Deus. Cada um dos pequeninos que se extraviam tem um valor infinito aos olhos de Deus.

A busca dos perdidos deve ser feita com um amor incansável e indestrutível. Seu encontro deve não só causar uma grande alegria naquele que o buscou e encontrou, mas deve ser fonte de alegria para todos. Este tema, apresentado na parábola da ovelha perdida em Mt 18,12-14 e em Lc 15,4-7, é mais amplamente apresentado com a mesma imagem do pastor e do rebanho em Ez 34 (ver esp. o v. 16: "A ovelha perdida, eu a buscarei; a que se desgarrou, eu a reconduzirei; a que quebrou a pata, eu a tratarei;

a enferma, eu a fortalecerei"). O mesmo tema é desenvolvido em Jo 10,1-18.

Assim age Deus, nosso Pai, com relação aos filhos perdidos. Assim agiu Jesus, seu Filho muito amado, que veio ao nosso mundo para salvar os perdidos, e no qual nos foram revelados o amor e o perdão, a misericórdia e a ternura do Pai. Assim devem agir os filhos de Deus, os discípulos de Jesus.

Voltamos a encontrar-nos aqui com uma subversão completa do modo de proceder das outras sociedades. Que instituição, empresa, partido político, etc. se preocuparia com 1% de perdas? Na comunidade de Jesus devem vigorar outros valores, justamente "os valores de Jesus, que veio para salvar os pecadores perdidos, e cujo exemplo como pastor deve ser o modelo para os pastores da Igreja"⁵.

2. As perícopes seguintes à correção fraterna (vv. 19-35)

a) A oração comunitária (vv. 19-20)

Nesta breve perícopa é apresentada a oração em comum da comunidade, reunida em nome de Jesus. Por ser a oração dos discípulos de Jesus, é a oração de Cristo que ora ao Pai com os seus discípulos; por isso, essa oração de petição será ouvida pelo Pai. Trata-se, portanto, de um tema comunitário, como todos os outros do capítulo.

Ainda que o evangelista não o sublinhe nem o diga explicitamente, o contexto nos mostra que para poder praticar a CF numa comunidade cristã é necessário praticar também a oração comunitária. Só se orarmos como nos ensina o Jesus de Mateus nesta perícopa, receberemos como dom de Deus o que nós sozinhos, deixados às nossas forças, nunca poderíamos conseguir.

Sobre a importância da oração voltaremos a falar na segunda parte do artigo.

5. *Ibid.*, 179.

Baste dizer, por enquanto, que, sem a oração, a prática da CF cairá no moralismo ou no formalismo e não produzirá os frutos da bondade e da compaixão naquele que “corrige” nem o fruto da conversão naquele que é “corrigido”. Mais ainda, a prática de uma pretendida “correção fraterna” sem a prática da oração corre o risco de provocar, em uns, “ressentimentos” e “agressividades” e, em outros, atitudes de “fechamento” e de “defesa”; isto é, todo o contrário do que se pretendia. O procedimento da Igreja não pode ser meramente administrativo e burocrático.

b) O perdão das ofensas (vv. 21-22) e a parábola do servo cruel (vv. 23-35)

A pergunta de Pedro mostra claramente que a parábola com que termina o capítulo 18 está ligada ao tema da CF. A introdução é a mesma nos dois casos: “O irmão que peca [contra mim]”.

Por que o discípulo de Jesus deve perdoar sempre? Porque a “lógica” e o comportamento vigentes no Reino são assim. Não agir assim significa excluir-se do Reino (v. 23). O que na lógica humana é considerado justo, na lógica do Reino é uma injustiça (v. 30). Para pensar e agir segundo a lógica do Reino proclamado por Jesus, é necessário “converter-se”, isto é, mudar o nosso modo de pensar e a direção de nosso agir. Mas essa conversão só é possível com a ajuda da graça de Deus. Por isso devemos pedi-la insistente e confiadamente. Deus nos perdoa sempre; nós, só com a graça de Deus podemos perdoar como Deus perdoa: sempre de novo e totalmente.

Se não praticarmos a misericórdia com os irmãos, tornamo-nos incapazes de receber o dom da misericórdia por parte de Deus. A correção fraterna só pode ser praticada na comunidade cristã quando ela se abre ao perdão inteiramente gratuito de Deus, quando o coração dos discípulos e a comunidade toda ficam envolvidos pelo

clima da misericórdia, da acolhida e do perdão.

3. A perícopé da correção fraterna (vv. 15-18)

O contexto em que Mateus apresenta a CF é, como acabamos de mostrar, claramente eclesial. Não é vista numa perspectiva individualista, mas comunitária; nem numa perspectiva moralista, da simples correção de uma infração cometida, mas numa perspectiva histórico-salvífica. Trata-se de restabelecer a comunhão do irmão que pecou com a comunidade, trata-se de salvar o irmão que rompeu a comunhão reconciliando-o com a comunidade.

Por ser uma verdadeira ação salvífica realizada na comunidade eclesial, sendo seus membros os sujeitos e os objetos dessa ação, a CF deveria ser praticada permanentemente nas comunidades cristãs como antídoto contra os pecados do mundo que penetram também no coração dos cristãos. Mateus apresenta de fato a prática da CF recorrendo uma e outra vez ao imperativo: “Vai... corrige... toma contigo...”, etc. e insistindo em que devem ser feitas repetidas tentativas, nos diversos níveis, pondo em prática todos os meios possíveis.

A forma como a CF foi praticada na Igreja apostólica de Mateus goza de uma autoridade normativa para todas as comunidades eclesiais posteriores; não como norma absoluta e obrigatória, mas como “paradigma” de comportamento. Ela pode e deve ser praticada não só com os meios e os passos indicados no texto de Mateus, mas também com outros dentro do mesmo espírito.

Tal como é apresentada por Mt, a CF é feita, em última instância, por aqueles que receberam de Deus a autoridade para governar a Igreja e conservá-la na unidade. Por isso, são especialmente responsáveis pelos pecadores; como pastores solícitos e cheios de bondade devem procurá-

los, acolhê-los e reconciliá-los com a comunidade eclesial.

Dada a finalidade deste artigo, comentamos só as duas primeiras formas de prática da CF descritas por Mateus nessa perícope: o momento interpessoal e o momento comunitário. O terceiro momento do processo, e o papel decisivo que nele desempenha a autoridade, é de capital importância para as comunidades maiores, mas não se aplica ao caso da CF de pequenas comunidades de religiosos ou leigos.

1. Primeiro momento: interpessoal (v. 15)

O primeiro versículo diz que, qualquer que tenha sido o pecado cometido pelo irmão e tenha sido cometido contra quem quer que seja, é necessário *ir ao encontro* do irmão que pecou: “*Vai!*”. Todo irmão da comunidade deve *tomar a iniciativa de sair* para buscar e trazer de volta para a comunidade o pecador. O comportamento de Cristo que foi ao encontro da “ovelha perdida”, isto é, de todos os perdidos, deve ser também o dos seus discípulos e seguidores.

A tentativa de “corrigir” o irmão, de ajudá-lo no processo de conversão, não é certamente nada fácil. Quem sair para ir ao encontro do irmão que pecou, deve buscar estabelecer com ele uma relação interpessoal e ser movido unicamente por um verdadeiro e ardente amor fraterno. E o irmão perdido nunca deve ser menosprezado, mas sempre respeitado na sua liberdade e dignidade; deve ser ajudado para que ele próprio reconheça sua falta, se converta e se corrija.

2. Momento comunitário (v. 16)

No caso de não surtir efeito o encontro interpessoal individual, no caso do “se não te ouvir” do v. 16, o passo seguinte é re-

correr a duas ou mais testemunhas. Isso pode ter um peso maior para o irmão que pecou reconhecer seu pecado. Como veremos na segunda parte, a CF deve ser praticada sempre num contexto comunitário: em profunda comunhão com o irmão que pecou e com a comunidade à qual pertencem tanto o irmão que precisa ser “corrigido” como o irmão que vai ao encontro dele para “corrigi-lo”.

Encontramos mais uma vez aqui a subversão, feita por Jesus, dos valores e práticas usuais nas outras instituições e sociedades, seculares e religiosas. Quando uma pessoa causa problemas num grupo ou instituição, o usual é recorrer à autoridade, passando por cima da pessoa em questão. “Na Igreja católica — comenta R. Brown — quando as pessoas não gostam do que um paroquiano faz, vão contá-lo ao padre. Quando não gostam do que o pároco faz, vão contá-lo ao bispo. Quando não gostam do que o bispo faz, queixam-se a Roma. Dizem que tudo isso é feito tendo em vista o próprio bem da pessoa e a pureza da religião; a maneira, porém, como Jesus se comportava não é levada em consideração”⁶.

II. CORREÇÃO E CORRESPONSABILIDADE FRATERNAS SEGUNDO PAULO⁷

Depois de ter mostrado a natureza e a importância da CF e o modo de praticá-la segundo Mt, vamos mostrar agora o lugar que ocupam a correção e a ajuda fraternas nos escritos paulinos e nas outras cartas do NT. Nos textos que vamos citar e comentar a seguir, a CF é entendida num contexto mais amplo e mais rico. Tentamos expressar essa abrangência maior através do título dado a esta seção II. Os irmãos das comunidades cristãs às quais Paulo escre-

6. *Ibid.*, 181.

7. Os dados tomados para a elaboração desta segunda parte estão tomados sobretudo de G. LOHFINK, *Wie hat Jesus Gemeinde gewollt? Zur gesellschaftlichen Dimension des christlichen Glaubens*. Freiburg i. Br. 1982 (trad. port. *Como Jesus queria as comunidades?* Ed. Paulinas, São Paulo 1987).

ve devem não só corrigir-se e admoestar-se mutuamente, mas também animar e exortar uns aos outros.

Às comunidades de Tessalônica, por exemplo, Paulo escreve: “Nós vos exortamos, irmãos, admoestai os indisciplinados”. O contexto mostra que Paulo fala de admoestação num sentido positivo de edificação da comunidade. Nesse sentido, continua sua exortação dizendo: “animai os pusilânimes, suportai os fracos, sede pacientes para com todos” (1Ts 5,14). Que o Apóstolo considere a correção mútua na comunidade cristã como algo normal e de vital importância, aparece também claramente no texto de Rm 15,14: “Pessoalmente estou convicto, irmãos, de que estais cheios de bondade e repletos de todo conhecimento e plenamente capazes de vos admoestar mutuamente”.

Quão enraizada estava a correção fraterna na paraclese paulina mostra-o este outro texto de Gl 6,1: “Irmãos, caso alguém seja apanhado em falta, corrigi vós, os espirituais, esse tal com espírito de mansidão, cuidando, porém, de ti mesmo, para que também tu não sejas tentado”.

Para fundamentar a correção e exortação fraternas nas cartas paulinas vamos fazer o levantamento e o comentário de uma palavra extraordinariamente rica de significado, mas ao mesmo tempo tão humilde que pode passar facilmente despercebida. De fato, ela foi deixada de lado nos dez grossos volumes do “Dicionário teológico do Novo Testamento” editado por Kittel e Friedrich. Essa humilde palavra, portadora, porém, de uma riquíssima teologia da comunidade, é o pronome recíproco *allelon*, que, segundo os casos, será traduzida por: mutuamente, reciprocamente, uns com os outros, uns aos outros, uns pelos outros, uns dos outros, etc.

1. “Corresponsabilidade” comunitária

O significado desse conceito central da parênese paulina, que acabamos de descrever, poderia ser expressado por “corresponsabilidade”, aplicando-a a todos os campos e a todos os níveis do relacionamento interpessoal.

O pronome recíproco *allelon* aparece 47 vezes no NT, quase sempre na parte parenética das cartas, isto é, no contexto da exortação à comunhão fraterna. Apresentamos a seguir uma lista de 23 frases, menos da metade, portanto, das passagens em que aparece a palavra⁸. A lista pode resultar monótona para a leitura, mas será certamente questionadora e enriquecedora se for tomada como matéria de oração preparatória para a prática da CF.

- “Com amor fraterno, tende carinho uns para com os outros, antecipai-vos uns aos outros nas manifestações de estima” (Rm 12,10; em Rm 12,3-13 temos uma densíssima exortação à autenticidade e à comunhão fraternas).
- “Andai de acordo [pensai o mesmo] uns com os outros (Rm 12,16).
- “Acolhei-vos uns aos outros, como também Cristo vos acolheu para a glória do Pai” (Rm 15,7).
- “Admoestai-vos, corrigi-vos mutuamente” (Rm 15,14).
- “Saudai-vos uns aos outros com o ósculo santo” (Rm 16,16).
- “Esperai uns aos outros” (1Cor 11,33).
- “Os membros [do corpo] tenham igual solicitude uns pelos outros” (1Cor 12,25).
- “Pela caridade, colocai-vos a serviço uns dos outros” [literalmente: prestai-vos mutuamente serviços de escravos] (Gl 5,13).
- “Carregai o peso uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo” (Gl 6,2).

8. Ver as outras passagens, que não constam na lista acima, em G. LOHFINK, *Op. cit.*, nota 97 da p. 217. Como textos mais longos podem ser vistos Ef 4,1-3; 30-32; 5,1-2.

- “Consolai-vos e edificai-vos mutuamente, como já fazeis (1Ts 5,11).
- “Vivei em paz uns com os outros” (1Ts 5,13).
- “Procurai sempre o bem uns dos outros” (1Ts 5,15).
- “Com toda humildade e mansidão, com magnanimidade, suportai-vos uns aos outros com amor” (Ef 4,2).
- “Sede bondosos [agradáveis] e compassivos [de bom coração] uns com os outros, perdoados mutuamente como Deus em Cristo vos perdoou” (Ef 4,32).
- “Submetei-vos [ponde-vos debaixo] uns aos outros por respeito a Cristo” (Ef 5,21).
- “Suportai-vos uns aos outros com amor, perdoai-vos mutuamente se alguém tem motivo de queixa contra outro; como Cristo vos perdoou, assim também fazei vós” (Cl 3,13; ver toda a parênese 3,5-4,6).
- “Confessai os vossos pecados uns aos outros” (Tg 5,16).
- “Orai uns pelos outros” (Tg 5,16).
- “Amai-vos uns aos outros de coração e intensamente” (1Pd 1,22).
- “Praticai a hospitalidade uns para com os outros, sem murmurar” (1Pd 4,9).
- “Revesti-vos de toda humildade no trato mútuo de uns com os outros” (1Pd 5,5).
- “Se caminhamos na luz, estamos em comunhão uns com os outros” (1Jo 1,17).

Como já dissemos, todos esses textos, com exceção do último, pertencem ao gênero literário da exortação, e o seu lugar é a parte parenética das cartas do Novo Testamento. O uso do pronome recíproco é especialmente freqüente nas cartas autênticas de Paulo e nas cartas que se situam na linha da tradição paulina; com exceção das cartas pastorais onde o termo, no sentido positivo, não aparece mais.

2. A CF como forma de “edificação” da comunidade cristã

Para mostrar a riqueza desta teologia da comunidade escolhamos, a modo de exemplo, o tema da edificação mútua: “edificai-vos uns aos outros” (1Ts 5,11).

O tema da “edificação” (*oikodomé-oikodomein*) é um dos conceitos mais importantes da eclesiologia do Novo Testamento. Paulo fala da edificação prevalentemente no contexto da Igreja local. As raízes deste tema estão no Antigo Testamento, especialmente em Jeremias: Deus pode “edificar” e “destruir” os povos (Jr 1,10; 12,14-17). Depois do Exílio edificará Israel como uma nova comunidade (ver Jr 31,27-28; mais claramente ainda em 24,5-7). Paulo, a diferença de Jeremias, recebeu poder do Senhor “para a edificação e não para a destruição” da comunidade de Corinto (2Cor 10,8; 13,10). O Apóstolo compreende o seu ministério apostólico como o ofício de construir, de pôr o primeiro fundamento, que é Cristo, das comunidades; outros poderão levar adiante a construção (ver 1Cor 3,6.10; Rm 5,20). O objetivo último da missão de Paulo é o mesmo de Jesus: reunir, edificar o Povo de Deus dos tempos escatológicos segundo o Projeto de Deus.

A edificação não se refere, portanto, primária e diretamente aos indivíduos, à construção de uma personalidade espiritual amadurecida, “perfeita”, à piedade individual; mas à Igreja, no sentido escatológico radical do Novo Testamento, a qual para Paulo existe nas comunidades locais concretas. Sua criação e manutenção, seu incentivo e realização é o que Paulo entende por “edificar”.

Chama a atenção o fato de que Paulo raramente fala do poder-autoridade-missão que ele tem como apóstolo para edificar as comunidades. Só o faz quando é provocado a isso por seus opositores. Quando fala simplesmente da “edificação da comunidade”,

o faz no contexto da corresponsabilidade de todos para com todos na comunidade.

Esta corresponsabilidade deve dar-se, por exemplo, na *liturgia*. “Quando vos reunis, cada um de vós pode cantar um cântico, proferir um ensinamento ou uma revelação, falar em línguas ou interpretá-las; mas que tudo se faça para a edificação” (1Cor 14,26). O problema da glossolalia na liturgia é que através dela só se edifica aquele que fala em línguas; os outros não recebem nada porque não entendem nada. Pelo contrário, aquele que profetiza é inteligível, “edifica, encoraja, consola” (1Cor 14,2-4). A liturgia deve ser ordenada de tal maneira que edifique, que construa a comunidade (1Cor 14,26-33).

Edificar a comunidade durante a liturgia é, portanto, tarefa de todos os que estão reunidos em comunidade. Paulo enumera algumas das formas de participação e de comunicação dos participantes: esperar uns pelos outros, saudar-se uns aos outros, encorajar-se uns aos outros, consolar-se uns aos outros, corrigir-se uns aos outros, ensinar uns aos outros, cuidar uns dos outros. Nós poderíamos traduzir: não fazer esperar os outros, falar de maneira audível e inteligível, não separar-se da comunidade que celebra ficando sistematicamente nos bancos do fundo, etc.

Não devemos ter uma imagem romântica das comunidades da Igreja apostólica. Basta uma leitura atenta de 1Cor para des-

truir qualquer romantismo desse tipo. O grave, no nosso caso, seria resignar-se com a falta de participação, de comunicação, numa palavra, de comunhão. O grave perigo que corremos é o de não sentir mais como uma exigência do Novo Testamento a prática das formas de serviço, de corresponsabilidade e de comunhão indicadas no início.

Os textos citados de Mateus e das cartas paulinas mostram com toda clareza que nas primeiras comunidades cristãs o pecado ou a falta grave de um membro não é considerada como “assunto privado”, como uma questão que cada um resolvia sozinho com Deus. “Existe a convicção que tal falta pesa sobre toda a comunidade, tem uma influência sobre a comunidade, é um *deficit* que atinge a própria comunidade”⁹.

“A correta correção fraterna é muito exigente para aquele que corrige; exige, por exemplo, a coragem de deixar-se também ele corrigir (Mas também a consciência de que numa comunidade verdadeiramente fraterna não é permitido reprimir os conflitos ou encobri-los artificialmente, mas que eles devem ser esclarecidos incondicionalmente). A coragem de corrigir os outros fraternalmente e a humildade de deixar-se corrigir, é um dos indícios mais seguros da existência de uma autêntica comunidade, a existência de uma consciência comunitária”¹⁰.

Sobre esses temas voltaremos num segundo artigo, que terá um caráter mais diretamente prático.

9. *Ibid.*, 123.

10. *Ibid.*, 123-124.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Depois de uma leitura orante do texto, procure aprofundar em comunidade o tema da correção fraterna no evangelho de Mateus. Partilhe com a comunidade a sua oração.
2. De acordo com o artigo, quais são os principais elementos da correção fraterna nos textos de Paulo? Comente isto com a comunidade.
3. Você crê que esses dados do Novo Testamento sobre a correção fraterna podem ajudar você e sua comunidade a crescerem na convivência e na ajuda fraterna? Como? Converse com a comunidade sobre esta importante questão.



Prezado Assinante:

Rio de Janeiro, RJ
1 de junho de 1998

A Palavra de Deus é a fonte primordial da **espiritualidade**, isto é, do agir humano vivificado pelo Espírito porque gera, irriga, mantém e renova a fé, o ponto inicial de toda teologia, resposta-aceitação da proposta salvífica de Deus. O objeto da fé é sempre a Palavra de Deus. E a fé que de nós postula a Vida Religiosa põe em relevo esta verdade. Diante, pois, da Palavra de Deus, CRER naquilo que se lê e LER para ampliar aquilo que se crê.

— *Fostes expressamente proibidos de ensinardes em nome de Jesus... Mandaram açoitar os Apóstolos e, depois de intimá-los a não falar no nome de Jesus,... Eles deixaram o Sinédrio muito contentes de terem sido julgados dignos de sofrer ultrajes pelo nome de Jesus, At, 5,28.40-41.*

Este é o nome. Esta é a pessoa: **JESUS**. Não há sucedâneo. É exigência indefectível. É o sacramento eficaz do amor salvador de Deus. Este nome não perdeu o seu valor nem a sua eficácia original. Continua tendo extraordinário e infinito poder que força inimiga alguma poderá deter. Captar, então, toda a grandeza do mistério deste nome. É a mesma pessoa designada no seu segredo mais íntimo e total. É neste nome que somos salvos.

No recanto mais recôndito de suas nostalgias inconscientes, no inexprimível mundo do subconsciente, faça brotar, indefinidas vezes, ao ritmo da respiração, como prática e valor espiritual insuspeitável, esta oração dissilábica: **JESUS**. Quando Você diz Jesus, os “grilos” saem da cabeça, as sombras do coração. E o seu ser fica inundado de luz. Estamos no limiar da transcendência onde se começa a ver o invisível, no espaço inundado pela claridade de Deus.

QUEM É JESUS? Publicações CRB. Ano 1998. Segunda edição.

Páginas 80. Tudo tem a ver com o que leu acima. E muito mais ainda.

• • •

Para REFUNDAR a Vida Religiosa nas suas formas de se expressar, **Contemplação. Mística. Gratuidade**. Não sabemos bem para onde ir. É uma evidência. Sabemos, no entanto, que não se pode ficar onde se está. O conflito entre o ser e o dever-ser, o elã do devir além das fronteiras presentes é a própria lei da Vida Religiosa. Torna-a criativa, atenta, prudente, vigilante. Este horizonte futuro, pessoal e institucional, move a pessoa e a encanta e seduz. Apoiar-se, para isso, na metodologia da volta às fontes evangélicas. Reencontrar para reviver aquele primeiro e único amor. Caminhar, isto é, viver, pelo itinerário original da fé.

E também: **Ação. Ética. Compromisso**. Ser criativamente fiel em meio às mutações. Tudo está em permanente movimento e transformação. E tudo tem que ser considerado em função desta condição dialética. Não se refugiar no passado e, hoje, nem no futuro. Pensar e agir rápido. O que parece ser visão de futuro torna-se, de chofre, passado, porque o tempo se adianta veloz e leva consigo as pessoas e seus ideais. A criatividade é uma das mais preciosas qualidades humanas. Decidir, pois, é importante. Executar, ainda mais. A Vida Religiosa tem um papel irrenunciável a cumprir na missão da Igreja. A fé se apóia na ação de Deus na história. Por vezes, a marcha da história se apresenta obscura e absurda. Deus a conduz, entretanto. Ele tudo governa para o bem de seus filhos. Esta ação de Deus na história suscita filial e audaciosa confiança no seu amor sempre fiel.

Não cruzar os braços, Ninguém cruzará os braços impunemente. Esperança firme em dias melhores. Deus conta com os talentos únicos na implantação de seu Reino. Cada um é responsável pela fecundidade de seus dons e pela multiplicação de seus talentos. Deus não exige resultados. Ele pede, apenas, ação, presença, fidelidade. Iniciativa em resposta às exigências da história. Espírito de iniciativa requer coragem. **A palavra de ordem é fazer e não falar**. Descruzar os braços e se pôr a trabalhar em fórmulas curativas para males patentes e fórmulas preventivas e prognósticas para a construção de um mundo diferente pela qualidade.

A FÉ SALVA. O que é a Fé? Publicações CRB. Ano 1998.

Páginas 64. Tudo tem a ver com o que leu acima. E muito mais ainda.

• • •

A GRAÇA, dom divino que **Jesus** nos mereceu; o AMOR, iniciativa livre, gratuita e preveniente do **Pai** que nos escolheu por filhos, realizem em nós uma COMUM-UNIÃO por obra do **Espírito Santo**. Filhos no Filho, clamemos no Espírito **Abbá**, papai. Com afeto e estima fraterna, subscrevo-me, ao seu inteiro dispor,

atenciosamente

Fr. MARCOS DE LIMA, SDB